

PLANO DE MANEIO DE CHIMANIMANI

ANEXO 1

A POPULAÇÃO HUMANA: CULTURA, HISTÓRIA, USO E APROVEITAMENTO DA TERRA E ESTRUTURAS TRADICIONAIS

Índice

Introdução.....	3
2. Relativamente a História do Povo de Chimanimani.....	4
2.1 Última Idade da Pedra e Pré-história	4
2.2 Tradição Chifumbazi (ou início da Idade do Ferro).....	4
2.2.1 O Início do Comércio à Longa Distância.....	5
Tabela 1 – Cronograma da História da Região da ChNR 1000 BC a 2000.....	7
2.3 A Ascensão dos Estados Shona.....	9
2.4 O Mercantilismo Português.....	10
2.5 A Ascensão Rozvi e Mudança da dinástica em Chimanimani e Áreas Adjacentes	13
2.6 O Século 18 e inícios do Século 19.....	18
2.7 As Invasões Nguni e o Estado de Gaza.....	18
2.8 A Sociedade Portuguesa e o Estado Colonial	19
2.9 Independência, Rodésia e da Guerra Civil	25
3 Descrição e História dos Regulados Individuais	27
3.1 Mussimua (Rotanda)	28
Tabela 2 – Lista Simplificada de Régulos e seus Chefes	29
3.2 Mussimua (Sembezia).....	31
3.3 Gutsa	32
3.4 Nhahedzi (Chikukwa)	35
3.5 Mahate.....	41
3.6 Zomba	45
Mpunga	51
Muoco e Maronga	56
3.9 Régulos de periferia com influência ou pequenas áreas dentro da Zona-tampão	60
3.10 Análise SWOT das Comunidades.....	61
4 Hierarquias de Liderança Tradicional	68
4.1 Introdução.....	68
4.2 Estrutura de hierarquia da liderança tradicional.....	69
4.2.1 Mambo	70
4.2.2 Sadunhu (Chefe de Grupo).....	71
4.2.4 Saguta (sabukhu).....	72
4.2.5 Sadziso	72
4.2.5 Muwiya.....	72
4.2.7 Swikiro/Cikara	73
4.2.8 Nyadombe: Mambo	73
4.2.9 Outras posições:	73
4.2.10 Resumo.....	74
4.3 Posse tradicional da terra e dos recursos.....	74
4.4 Posse de Terra Familiar	76
4.4.1 Níveis de “Posse” e de Posse Comum	78
4.4.2 Uso e Usufruto pela Família ou Agregado Familiar.	78
4.4.3 Definição de Comunidade.....	80
Tabela 3 Anexo 1 - Hierarquia de Liderança Tradicional Segundo Compreensão de Richard Bell e alterada pela Equipa de Gestão 2009. (Note termos em Língua Portuguesa usados para evitar confusão.)	81
Tabela 4 Anexo 1 - Liderança Tradicional do Distrito de Sussundenga fornecida pela Administração do Distrito a partir dos Registos dos Portugueses.....	82
Tabela 5 - Lista de Régulos na posse da Administração em Sussundenga	84

Introdução

O presente anexo baseia-se no Anexo 3 do Plano de Maneio original, compilado pelo falecido Richard Bell, cujo trabalho é reconhecido. O plano foi consideravelmente revisto e a parte dos anexos modificada, principalmente porque o actual autor teve acesso à informação que não estava disponível para Richard Bell, no momento em que escreveu o plano original. Grande parte da informação de Richard Bell vem de informantes da área de Mahate, o que faz com que nem sempre se aplique a toda a ChNR; por exemplo, ele destacou as ligações entre a população da ChNR com Mutema e o estado de Sanga no Zimbabue, enquanto isso pode ser verdade no caso de Mahate, mas não com o resto da ChNR.

Além disso, muito do que Bell escreveu sobre a hierarquia de chefes tradicionais não é sempre correcto em Chimanimani e foi alterado.

As razões para a inclusão, neste anexo, da história e do *status* da população humana são as seguintes:

- a) Os problemas que enfrentam os recursos naturais na área do projecto são principalmente de origem humana. Portanto, a gestão sustentável dos recursos naturais é essencialmente um problema de governação humana. O termo governança é usado no sentido de que envolve o relacionamento das pessoas com o seu uso, benefício e sua gestão dos recursos.
- b) Qualquer alteração a estes aspectos de governação deve basear-se na distribuição da população existente, nos seus padrões de uso da terra, na sua identidade cultural e nas suas práticas políticas.
- c) Para planear a futura governação das pessoas da área, então, temos que estar totalmente familiarizados com o actual sistema de governação, suas origens históricas e tendências.
- d) Além disso, a cultura, história e as tradições do povo de Chimanimani são, por si, bens de grande valor; desempenham um papel na moldura da vida de cada geração e regulam as suas relações com o ambiente, governo e com outras comunidades; representam também um significativo potencial económico, como activo do turismo, caso o uso seja feito de forma inteligente.

A actual consultoria, como a de Richard Bell, não permitia fazer uma análise aprofundada dos padrões, passados e presentes, da governação na área do projecto de Chimanimani. O presente relato é, portanto, resumo das informações existentes, completado por entrevistas realizadas ou declarações, das partes intervenientes da comunidade e outros líderes oficiais durante a presente consultoria e a de Richard Bell. Qualquer conclusão aqui apresentada deve-se considerar como preliminar e sujeita a correcção e/ou desenvolvimento.

Acreditamos que a informação aqui contida será de grande importância para a concepção do plano de manejo, a componente de investigação em andamento sobre a governação passada e presente do povo da região, sua história e cultura. Reconhecendo que esta análise deve incluir os papéis de todos os intervenientes, incluindo:

- “Comunidades”;
- Funcionários do governo e da reserva a todos os níveis, especialmente do projecto e os Fiscais;
- O sector privado
- As ONGs e os doadores.

Na sequência disto, uma investigação social é necessária e deve constituir base para a negociação com as comunidades e outros intervenientes em Chimanimani durante o processo de desenvolvimento de comissões devidamente constituídas - Comitês de Gestão - através dos quais dever-se-á regular o uso dos recursos. Detalhes dos padrões locais de liderança, tomada de decisão, posse da terra e distribuição dos recursos bem como de direitos de acesso e benefícios da terra e dos recursos serão de particular importância.

Estes detalhes devem ser refletidos em qualquer constituição desenvolvida.

2. Relativamente a História do Povo de Chimanimani

2.1 Última Idade da Pedra e Pré-história

Os povos Khoisan, ou Bosquimen, caçadores-recolectores habitaram a área de Chimanimani há muitos milhares de anos até o primeiro milénio. Eles deixaram excelentes exemplos de arte rupestre em cavernas da ChNR, bem como sobre o Chimanimani National Park do Zimbabewe. São necessárias mais pesquisas nos locais e sua catalogação. Os povos Khoisan continuaram a ser a população dominante da ChNR e da zona-tampão até a chegada dos povos de língua bantu durante o início do primeiro milénio. Existem muitos desses locais dentro da área do projecto. Por exemplo, cavernas e rochas abrigos com pinturas rupestres são conhecidas desde os altos planaltos de Chimanimani, o Chikukwa Ferreira e dos afloramentos rochosos entre Mavita e Rotanda. Informações sobre estes locais devem ser recolhidas como parte da análise histórica e o seu potencial como activo turístico deve ser avaliado.

2.2 Tradição Chifumbazi (ou início da Idade do Ferro)

Por volta do início do primeiro milénio, houve migração de pessoas para área. Os migradores eram agricultores, que fabricavam utensílios de ferro e cobre e que cultivavam sorgo, milho, ervilhas e amendoim. Criavam também alguns bovinos, ovinos e caprinos. Os arqueólogos se referem à cultura desses povos como a tradição Chifumbazi (também conhecida como Idade do Ferro.) Esta tradição cerâmica ou *facies* dela, foi encontrada em todo o Sudeste e na África Central. Parece terem absorvido e substituído o antigo povo Khoisan e pode ter vivido ao lado destes povos já que a sua ligação com a cerâmica encontrou-se associada com a arte rupestre em cavernas e rochas apenas para o

norte da ChNR, em Chinhambudzi, perto do Rio Zonue no Distrito de Manica. Devem, provavelmente, também ter mantido relações comerciais com os povos Bantu.

A identidade étnica exacta do povo Chifumbazi não é totalmente clara. Há uma ligação definitiva entre si, a difusão das línguas bantu em todo o Oriente e África Austral. Os detalhes exactos disto continuam a ser objecto de discussão e especulação consideráveis entre os historiadores e arqueólogos; no entanto, devem ter sido, até certo ponto, ancestral ao actual povo da área e parte adjacente da África Central e sudeste.

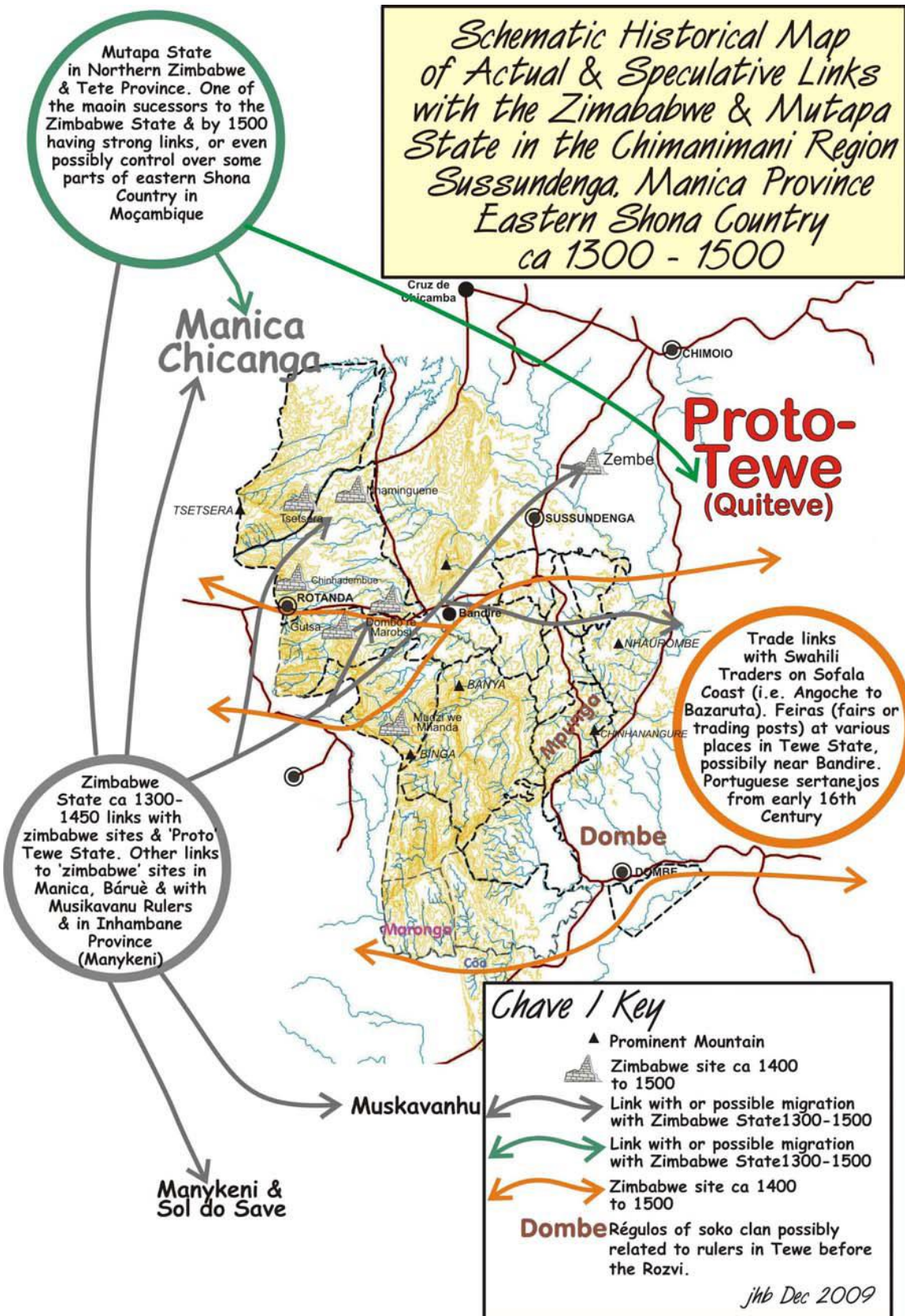
2.2.1 O Início do Comércio à Longa Distância

Existem vários locais conhecidos dos antigos portos, ao longo da costa entre Angoche, norte do rio Zambeze para o Arquipélago de Bazaruta. Esta costa colectivamente foi conhecida como a Costa de Sofala. Vários portos foram visitados pelos povos Árabes e Suaíli, Comerciantes que negociavam ouro, marfim, e escravos. Os portos que tiveram contacto com o Estado de Tewe (Quiteve) eram os portos do Delta do Zambeze, Sofala, actual Beira a sul, Chiloane entre Save e Mambone na foz do Save.

A mineração de ouro, de uma forma ou de outra foi lá feita, em algum momento, na segunda metade do primeiro milénio e exportado para o Oceano Índico. Al'Masudi escreve, no Século X que o ouro estava a ser exportado a partir da costa de Sofala, que fica a cerca de cento e cinquenta quilómetros ao sudeste de Bandire, que foi o principal centro de mineração de ouro perto de Chimanimani, na era colonial anterior.

Há várias outras referências para a região de Sofala, nos séculos seguintes quando o estado Suaíli do Leste Africano de Kilwa ganhou o controlo da costa de Sofala e o comércio do ouro entre o interior de Moçambicano e do Zimbabwe.

O ouro do Zimbabwe teria sido realizado ao longo caminhos estreitos das cadeias montanhosas que hoje separam Moçambique e Zimbabwe. Em seguida, era retirado do Lucite Revue e do Rio Búzi de Sofala e outros centros ao longo da Costa Sofala pelas transportadoras. Isso podia levar cerca de uma semana a dez dias até. Desde cedo, o ouro era trocado a partir de pérolas de vidro e tecido indiano. Grande parte do ouro foi para a Índia e alguma, para o Oriente Médio, o que continuou nos inícios do período Português, uma vez que os Portugueses precisavam do ouro para pagar aos comerciantes Suaíli e Indianos para adquirir a pimenta indiana que exportavam de navio para Portugal e outros centros Europeus.



Mapa 1. Chimanimani ca 1300 - 1500

Tabela 1 – Cronograma da História da Região da ChNR 1000 BC a 2000

Data/Período	Evento
1000 – 0 BC	Cultura da Última Idade da Pedra pinturas rupestres a partir deste momento.
0-300 AD	Início da agricultura, Cultura Chifumbazi ou chegada EIA do povo Bantu
± 300 AD	
± 600 AD	Comércio dos Persas Sassânidas na costa leste e na Índia
± 800-900 AD	Início do comércio Árabe/ Suaíli na costa
± 950 AD	Al-Mas'udi menciona as terras de Sofala de que o ouro e marfim são exportados.
± 1273-1331	Abu al-Fida menciona Sofala nalguns locais não identificados no interior
± 1200 - 1400	O Estado do Zimbabwe
± 1200 - 1400	Expansão da Cultura do Zimbabwe nas zonas Central e Sul de Moçambique
± 1300 - 1500	Pro Tewe State Zembe e outros locais construídos no Zimbabwe
1500	Primeira visita dos Portugueses a Sofala - Sancho de Toar
1506	Chegada dos Portugueses em Sofala
1573	Invasão dos Tewe pelos Português e avistamento de Montanhas de Chimanimani.
1640	Submissão de Tewe (Quiteve) aos Portugueses
1695	A ascensão do Changamire Rozvi e saque da Feira Portuguesa em Manica
Ca 1700	Conquista Rozvi dos Tewe (ancestrais dos Muriane) e Sanga (Shiridenga)
Ca 1750	Portuguese envolvem-se em guerras civis em Tewe e Zamve (Chimanimani)
1806-1831	Portuguese tentam ter o controlo sobre Bandire
1827 - 1836	Chegada do Nxaba e conflitos com os Portugueses e Tewe
Ca 1837	Chegada do Soshangane ou Manicusse e Nxaba é por aquele, derrotado. Fundação do Estado de Gaza
Ca 1840	Soshangane regressa a Bilene no Limpopo a sair de “Mussapa”
1856	Morte de Soshangane
Data/Período	Evento
Ca 1863	Muzila assume o controlo sobre o Estado de Gaza depois da Guerra civil com Mawewe e regressa ao norte para o País dos Ndau
1884	Morte de Mzila e Ngungunhane torna-se Rei de Gaza depois da morte de Muzila
1886	Português residente indicado para o Estado de Gaza.
1889	Ngungunhane transfere-se da área de Mossurize Chimanimani para Bilene no Limpopo
1894 1895	Estabelecimento da Circunscrição de Moribane pelo Sr. Campos Santos, em 1896
1895	Derrta de Ngungunhane na Província de Gaza pelos Portugueses e exilado em Açores
1896	Reestabelecimento da Circunscrição de Moribane & submissão de Muriane aos Portugueses
1899	Moribane torna-se a sub circunscrição de Manica sede Chaia inicialmente em Mavita
1899 - 1907	Construção da Estrada de Manica a Mavita Chimanimani e Melsetter
Ca 1900	Estabelecimento de HQ de Moribane no ‘Ferreira’ que puseram-lhe o nome adminisdor

Ca 1900	Começo do Trabalho Forçado sobretudo para a recolha da borracha Silvestre, e obras de abertura de estradas
Ca 1907	A Moribane Company estabelece um estado em Zomba e Paul Bindé em Maronga
1916	Relatório de Ferreira à Geographical Society, Lisboa com detalhes histórias de régulos. etc
1940	Extinção da Moçambique Company e sua área é tomada pelo Estado Português
1942	Postos Administrativos estabelecidos em Dombe e Mavita no Distrito de Manica
1940 - 50s	Serrações estabelecidas em Moribane área de Mavita area
1949	Estabelecimento do Chimanimani National Park no lado Zimbabweano
1950	Produção de algodão e trigo 'encorajados' em Mavita a Área de Dombe
1953	Chefe de Posto de Mavita informa sobre a necessidade de protecção das Montanhas de Chimanimani no lado Moçambicano
1953	Moribane (Mpunga), Zomba e Maronga publicados como Reservas Florestais, Portaria 8.469 do 22 de Julho de 1953
1950	Carvalho estabelece uma farama em Tsetsera
1960	Ampliação do sistema de cantinheiros no Dombe e na área de Mavita
Data/Período	Evento
1969	A cooperação entre Moçambique e Rodésia sobre incêndios florestais. Estabelecimento de conservação e controlo veterinário na área de Chimanimani
1974	Relatório Dutton e Dutton recomendam a criação de uma "Zona de Vigilância" no Planalto Chimanimani e Serra Macute
1975	Proclamação da Independência Nacional do Governo da Frelimo
1977-80	Luta pela independência do Zimbabwe e Investidas Rodesianas na área de Chimanimani, pontes sobre os rios Lucite e Mussapa são destruídas pelos Rodesianos.
1977-1980	Adeias comunais estabelecidas em Rotanda e Dombe
1980	A independência do Zimbabwe
Ca 1980	A intensificação da insurgência da Renamo na área de Chimanimani e destruição de infra-estruturas e pontes. Um grande número de pessoas refugia-se nos países vizinhos ou se deslocam dentro de Moçambique
Ca 1991	Cessar-fogo parcial nos inícios do Corredor da Beira, mas Darue e área de Dombe cai nas mãos da Renamo, acaba de ser retomada, mas cai novamente
A991	1 GEF (Fundo Global do Ambiente do Banco Mundial) missões preparatórias para Paques Nacionais Transfronteiriços e o Projecto de Fortalecimento Institucional, no final de 1991
1992	Acordo de Roma - cessar-fogo e da desmobilização
1992 1993	Muita seca e fome em Moribane com a queimada florestal.
1994 - 1997	Chimwenje bandidos armados que actuaram na área de Mahate Zomba com incursões em Darue e próximo de Dombe
1994	O estudo de viabilidade da TFCA foi realizado pelo Dr. John Hatton e Sr. Aurélio Rocha
1995 1996	Centro de Experimentação Florestal (CEF) começou a funcionar na Floresta de Moribane

1999	TFCA de Chimanimani ampliada para incluir Planalto Tsetsera e Floresta de Moribane
	CEFE Moribane
2003	1.º Plano de Maneio elaborado pelo falecido Richard Bell - não implementado

Tabela 1. Cronograma de Chimanimani 1

Nem mesmo todos os trabalhos que se encontram longe de Chimanimani são antigos trabalhos de Bandire e outros locais vizinhos de Mavita (Muoha), que foram trabalhados desde os tempos antigos. Estas obras, juntamente com Nhaoxo (Vale baixo Muda Nhamatanda e Gorongosa, no sul) estão entre as minas mais próximas da costa de Sofala e teriam-se envolvido no comércio. Como esta área, são, provavelmente, as zonas mais próximas do ouro que traziam para o litoral e poderia ter sido o primeiro a se envolver no comércio de ouro no litoral da região.

2.3 A Ascensão dos Estados Shona

O estado do Zimbabwe, centrado no Grande Zimbabwe atingiu o apogeu nos Séc. 13 e 14. Parece que houve várias migrações a partir do Estado do Zimbabwe o que resultou na fundação de vários estados cadete tanto em Moçambique como no Zimbabwe. A mais conhecida delas é, naturalmente, o estado de Mutapa, o que é hoje, o Norte do Zimbabwe e o Estado Tewe (Quiteve) em Moçambique, em parte, apenas para o leste da Reserva Nacional de Chimanimani. Estes estados eram todos falantes de Shona, embora o termo Shona não existisse, os inícios de registos feitos pelos Portugueses sempre se referem a eles como Karanga.

Alguns destes estados estavam próximos do Sul do Planalto de Chimanimani (principalmente no Zimbabwe), por exemplo, Sanga e as áreas de Chipinge Mossurize, Tewe um estado enorme, que, no seu apogeu, cobria a maior parte da terra entre Búzi, Púnguè e Manica, no norte. Embora se saiba que estes estados eram basicamente Shona, a identidade exacta dos seus dirigentes não é clara, com a possível excepção de Sanga, que pode ter sido governado pela dinastia Musikavanhu num estágio anterior. As razões para isso são que todas as linhagens dominantes foram substituídas no decurso dos séculos atrasados 17 e 18. (Veja secções e Mapa). No entanto, podemos especular que, por volta do início do segundo milénio e até o século XV, o comércio com a costa aumentou significativamente ao longo do Búzi Lucite Vales e um grupo de dirigentes do totem macaco vervet / clã (mutupu) - Shoko ou Nguni Simango - ganharam o controlo sobre a rota comercial do Búzi Lucite Tanganda, bem como do Vale do Save.

Os descendentes desses reis ainda são chefes, nalguns regulados ou chefatruas em Dombe e nos distritos vizinhos, por exemplo Dombe e Mpunga em Dombe, Chibabava e Marimba em Chibabava e outros em Mossurize e nos Distritos de Sofala. Em termos geográficos,

esses governantes ainda controlam grande parte das terras ao longo dos Rios Lucite e Búzi à costa.

Os outros reis também estiveram na região por um longo tempo, por exemplo, os régulos do totem crocodilo ou piscina - munyambo (Nguni) ou dziva (Shona) - ligados ao Régulo Musikavanhu também eram importantes e ainda se encontram em Dombe e áreas de Mossurize, por exemplo Maronga e, Mafusse Mutowe e Gogoi, que governam sul do rio Lucite.

Associados ao anterior Shona, estão os vários locais do zimbabwe ou ruswingo com a alvenaria de pedra e plataformas. Provavelmente o local mais importante esteja na Serra Zembe na estrada de Chimanimani a partir de Chimoio. Existem outros locais Tsetsera, Serra Chinyadembue ao norte do rio Messambudzi perto da aldeia do Régulo Mussimua, Dombo Marodzi na estrada entre Muoha e Rotanda, há várias pequenas ruínas na área de Bandire Mavita, um grande número de ruínas nos Vales do Mussapa Pequena e Grande, e fala-se da área de Muoco no sul. É possível que vários destes locais estejam a espera de uma redescoberta.

Muitos dos locais encontram-se nos topos das colinas que dão uma visão dominante envolvente do país e uma das suas funções poderia ter sido o controlo das rotas comerciais. Eles normalmente assumem a forma de alvenaria de pedra baixa, que varia de muito de um trabalho de paredes acidentadas para bem evoluídas de 1,5 m de altura. Geralmente há uma parede circular exterior com cerca de 40 m de circunferência e uma parede interior, tendo a aparência de uma plataforma, embora noutras mantenha-se apenas uma parede recta (Tsetsera e Dombe Marodzi).

Artefactos e cerâmicos recuperados de Zembe e dos outros locais da Província de Manica durante o período colonial foram identificados como pertencentes à cultura do Zimbabwe. Infelizmente, não há trabalho arqueológico foi realizado sobre eles por muitos anos e os locais ainda não foram bem mantida e cuidada. Um local ainda estava vandalizado por homens de construção de estrada na zona-tampão, grandes quantidades de pedra foram removidos de Ruswingo Mudzi-we mhamba para a construção de galerias e estradas, etc.

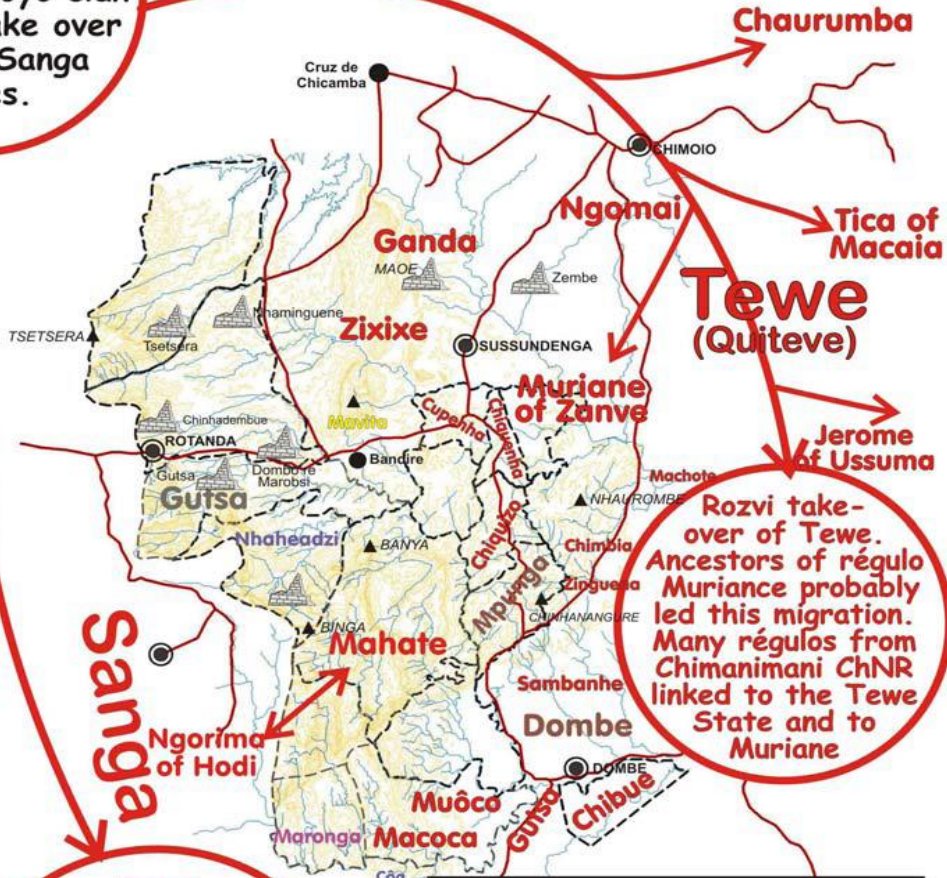
Registos longos do Estado Tewe (Quiteve), seus governantes e costumes foram feitos pelo Frei Dominicano João dos Santos, muitos dos quais ainda existem na área de Chimanimani. Pelo relato dos Santos, é evidente que o povo do estado Tewe era falante de Shona e muitos dos seus costumes se assemelhavam aos do Mutapa, que pode ter tido mais a ver com uma herança do Estado do Zimbabwe, em vez de empréstimo directo do primeiro.

2.4 O Mercantilismo Português

Os Portugueses ocuparam Sofala, em 1506, tendo, logo depois, tomado o Porto e cercado o governador Ussuf Suaíli, morto nesse processo. Entre 1515-1518 os Portugueses enviaram um degredado - um deportado enviado aos territórios Portugueses em África e Ásia - com o nome de António Fernandes para visitar a área central de Moçambique e viajou pela área de baixo Púnguè Área para Manica. Ele não mencionou a área que hoje forma a ChNR, embora tenha feito menção de um rei e territórios que se pensa ser Tewe, em Manica e Báruè.

Schematic Historical Map of the Moio Rozvi Migrations in Tewe, Sanga & the Chimanimani Area ca 1695 to ca 1700

Changamira Dombo ca 1695-1800. His relatives in Rozvi moyo clan lineages take over Tewe & Sanga states.



Rozvi take-over of Tewe. Ancestors of régulo Muriance probably led this migration. Many régulos from Chimanimani ChNR linked to the Tewe State and to Muriane

Rozvi takeover, under Shiridenga, of the Sanga State in the Chipinge Mossurize Areas The Ancestors of Ngorima and Mahate & régulos of Machaze & Espungabera linked to Shiridenga

Chave / Key

- ▲ Prominent Mountain
- ▲ Zimbabwe site ca 1400 to 1500
- Muôco** Régulos belonging Tewe Royal Family subject to Muriane
- Mahate** Régulos belonging Sanga Royal Family subject to Mutema
- Zomba** Régulos belonging to the shava clan claiming to have come from Buhera
- Dombe** Régulos of the soko clan, possibly rulers in Tewe before the Rozvi.
- Nhaheadzi** Régulos Sangueme under Chikukwa, (old régulado now split by frontier Zim/Moç. Claim to have come with the Rozvi
- Mussimua** Régulo Mussimua migrated from Manica probably in the 18th Century.

jhb Dec 2009

Mapa 2. Migrações Rozvi

Nesses documentos não existe nenhuma menção directa às montanhas de Chimanimani; porém deve-se lembrar que o nome de Chimanimani se refere originalmente, apenas à estreita abertura do Mussapa perto da área da actual Chikukwa. A primeira possível menção da cadeia de Chimanimani, foi numa cópia de carta escrita por Vasco Fernandes Homen para Luys da Sylva datada entre 1576 e 1650. Homen tinha visitado Tewe (Quiteve) a fazer guerra contra o seu rei, a caminho de Manica. "[Ele]... chegou a uma montanha com o nome de Citabotonga, onde se encontrou com (o exército Tewe) reunido e com a intenção de fazê-lo voltar" [a Sofala]. Isso pode muito bem se referir a uma das cordilheiras da ChNR, uma das quais ainda é chamada Sitautonga.

A partir daí nada foi registado sobre a área de Chimanimani especificamente até os finais dos séculos 17 e 18. Embora, os comerciantes Portugueses de ouro e marfim estivessem activos em muitos países da área adjacente de Manica, Vumba e partes de Tewe.

2.5 A Ascensão Rozvi e Mudança da dinástica em Chimanimani e Áreas Adjacentes

Esta secção descreve realmente a “grande imagem” e a “grande sociedade”. A história das governantes individuais ou mambos e dos herdeiro das comunidades será descrita posteriormente.

A viragem dos séculos 17 e 18 foi um período de guerra e migrações em várias partes das terras tanto dos Shona de Moçambique e do Zimbabwe. Também foi um período em que os Portugueses foram expulsos dos seus centros comerciais - ou Feiras - em Mashonaland. Os Portugueses assistiram ao surgimento do Estado de Changamire, que finalmente foi centrado no que é hoje a Província de Matabeleland do Zimbabwe, mas que inicialmente se controvava muitas áreas do leste e centro do país Shona.

A ascensão dos reis Rozvi Changamire no Zimbabwe e suas lutas contra os Portugueses aconteceu no que é hoje a zona central do Zimbabwe. No entanto, a inquietação e aumento da guerra no país do leste dos Shona e dos Changamire derrotaram vários exércitos Portugueses, ou outros regimes Shona, que eram enviados contra ele ou estavam instalar assentamentos, em Maunge (Rusape), Manica e no Vale do Odzi se o registo abaixo é de se acreditar.

O primeiro governante Changamire, Dombo, conduziu o Rozvi contra os Portugueses e o Estado Mutapa, na viragem dos séculos XVII e XVIII, resultando na expulsão dos Portugueses dos vários centros que controlavam, onde hoje é Mashonaland. Foram igualmente expulsos da sua fortaleza e do comércio no centro em Manica, pensemos aqui, apenas por alguns anos, como as feiras foram reocupadas e operadas por grande parte do século 18 e para serem abandonadas só a com a chegada dos Nguni no Século seguinte.

Isso fazia parte de um movimento considerável de novos governantes na zona central de Moçambique, pertencentes principalmente à moyo (ou moio) totem. Grande parte da área da actual ChNR por si, foi também controlada por pequenas dinastias pertencentes a outros clãs quase na mesma altura ou pouco tempo depois. Estas organizações políticas menores encontravam-se presas e, provavelmente, sujeitos a um ou outro, dos dois grandes sistemas

políticos de Tewe e Sanga, que tinha sido assumido pelo Rozvi. A fronteira aproximada entre si ou suas esferas de influência, era provavelmente o Rio Mussapa Grande River.

As duas principais migrações para a região envolviam dois grupos Rozvi, o primeiro dirigido por Shiridenga, o fundador da Sanga de Chimanimani Sul, dos planaltos de Mossurize e Chipinge com a capital em Ngaone, não muito longe das fontes dos rios Lucite e Tanganda no Zimbabue. Também com relação a Shiridenga, eram os vários fundadores de linhagem moyo em Chipinge, Chimanimani, Mossurize e Machaze, (ou Danda) áreas.

A segunda, provavelmente, a migração relacionada, era para o estado do Tewe, onde os clãs Rozvi, relacionadas com Changamire, tinham ganho o controlo sobre ele. Isto confirma-se através dos cronistas Portugueses, bem como através de contos primários, quando se lembram das lutas pelo trono de “Quiteve”.

As tradições orais recolhidas desde o início do século 20 também sugerem o domínio pelo Rozvi de Tewe, ainda que do ponto de vista temporal pareça ser pouco confuso e contraditório.

De acordo com um conto recolhido por um Sr. Leitão, na administração colonial, em Chimoio, o Rozvi chegou liderado por um rei chamado Mutórmussongue, e vale a pena citar os seus comentários (traduzido para o Inglês JHB):

“Havia um rei poderoso Odzi, que tinha dois filhos, Mutórmussongue e Changamire. Mutórmussongue deveria ter sido rei, mas Changamire foi cruel, cínico, ambicioso, e fez planos para usurpar o trono. Gerou uma luta, as mulheres e crianças foram enviadas para Chimanimani e após uma batalha Mutórmussongue foi derrotado, tendo fugido e se juntado às mulheres e crianças em Chimanimani. Ele foi perseguido por Changamire, numa outra batalha a leste do Odzi nos Vales das Montanhas Vumba, todavia Mutórmussongue conseguiu finalmente fugir levando consigo as mulheres e crianças, a atravessaram a actual fronteira, perto da nascente do Rio Rotanda, em Zanve, na área de Mavita. Mutórmussongue encontrou uma montanha de granito [Dombo re Marodzi?], com todos os atributos, um bom local edificar a sua fortaleza, entre-os-rios Rotanda e Mussapa. Rapidamente entrou em negociações pacíficas com Gohondo [o rei local], ficou acordado que Gohondo iria se abdicar dos seus territórios em Chimoio, do outro lado de Revue e que Mutórmussongue permaneceria em Zanve [entre Munhinga e Lucite.] Foi assim que surgiram os régulos desta área.”

Há outras duas versões desse mito fundações, um registado pelo Chefe de Posto de Mavita, em Rotanda, na década de 1950, que recordava-se que Changamire tinha chegado e se instalado no topo da Serra Mucute e um terceiro a partir dos arquivos da administração da província colonial em Chimoio e publicado no seu relatório anual de 1971.

Em primeiro lugar, o então Chefe de Posto de Mavita escreveu:

“...há muito tempo havia um rei que era de nome Murambezi rei absoluto de todas as terras e (Zamvi) e VaZamvi eram seus súbditos. Oriundo da tribo de Rozvi (Urodze) em Bire (Lusaka) [sic mas deve ser Mbire provavelmente se referindo aqui a uma área na região central de Mashonaland em JHB Zimbabue], em seguida chegou Changamire,

com o seu povo. Changamire conquistou Murambezi e se instalou na montanha Mocuta [Macute], a leste da vila [Rotanda]. Mais tarde veio dirigir o descendente de Changamire, com o nome de Chiguanda, seu irmão, parece que sob a influência de Muzila [aqui telescópica de eventos?], que queria nesta área sob o controlo de alguém que lhe daria acesso ao ouro que lá havia, ele lutou contra o seu irmão o controlo da chefia. Ele venceu e matou [Murambezi?]. Foi desta forma que se tornou rei absoluto de uma grande parte de Manica e Sofala, tendo dividido a área entre os seus descendentes. Desta forma, surgiram os régulos de Chimoio (Chimoio), Chibata (Bandula), Tica-lo (Vila Machado [Nhamatanda]), Bahala e Divinhe (Sofala), M'punga (Chefe do Grupo de Dombe) [acho que isso de facto se refere ao que é Mpunga régulo na Vanduzi área como ele está relacionado a outros governantes Rozvi, enquanto o régulo Mpunga em Moribane é do clã Simango e provavelmente quase antes da chegada do Rozvi. JHB]”

Em segundo lugar, o relatório da Administração de Chimoio, que parecem ser tradições, recolhidas mais nas áreas de Chimoio do que próximo de Chimanimani.

“Neste momento dirigia a terra de Marodzi o grande régulo Txangamire [Changamira]. Conhecendo as riquezas de Utewè, ele envia a sua descendência (parentes), Mukwambwachi, Gorimbo e Chimunda para ocupá-la.

Gorimbo [o fundador da linhagem de Muriane] era o mais velho, mas Mukwambwachi era o mais determinado. Quando chegaram a Serra Kumanhè (Área Administrativa de Dombe) nos limites territoriais de cada um deles:

- (a) Gorimbo permaneceu mambo das terras até Zônuè, na margem direita de Revue ao Russite (Lucite), a oeste ficava o rio Nhandede;
- (b) Mukwambwachi permaneceu com a terra entre Revue e Púnguè;
- (c) Chimunda estabeleceu-se em Bandula, Chimedza, Patsoro Serra, Mudzidzi, Chiamacungo Serra, Rios Namassissa Mussenga, Dicuti Púnguè, Marondo, Mutchina Serra, o Nhacusso Rios, Vunduzi e Revue.

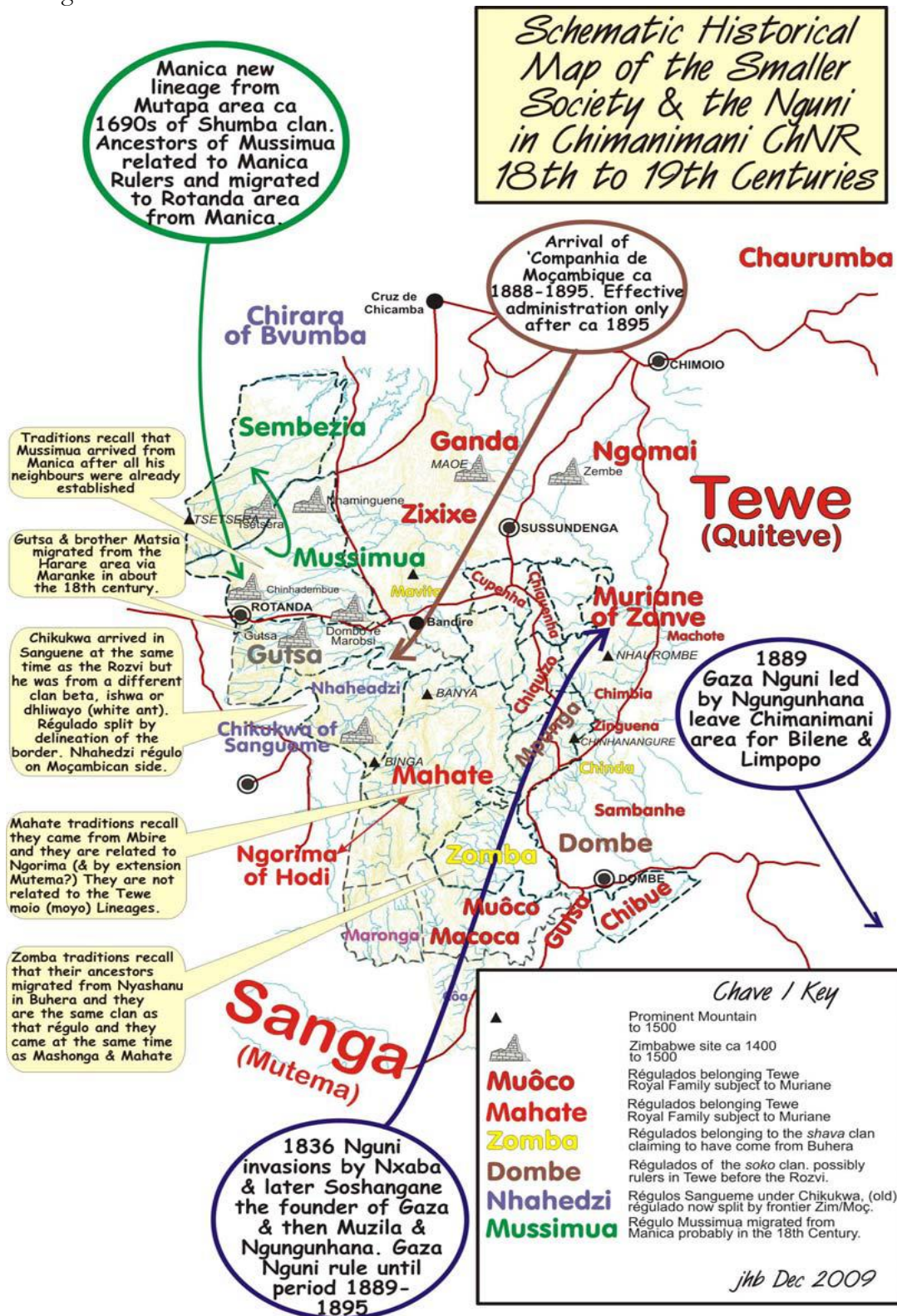
Mais tarde Mukwambwachi dividiu os seus territórios:

- (d) Entre Nhaussisso e Nhamurira, para o seu filho Chajunja;
- (e) Entre os Vunduzi & Nhariro com limites descrito acima para seu irmão Chimunda;
- (f) Para seu parente Chau, o território de Mavita;
- (g) Para seu parente Gorimbo, (Maconzo) as terras descritas anteriormente;
- (h) Para Bwekera Macaia (O território da Tica) ...

Os documentos Portugueses contemporâneos referem-se de acontecimentos em 1699 em Tewe, onde João Fonseca Coutinho mata o rei dominante Tewe, colocando no trono, um Inhaunda Tewe. Como resultado disso, os Portugueses foram excluídos de Tewe. Houve guerra em os Portugueses alinharam com Inhaunda protegée contra um aliado de Changamire e Sacacato que pretendia o trono, que segundo as tradições recolhidas no final do século 18, foi o fundador da linhagem Rozvi que governou Tewe., embora não por todo o Séc. 18, os Portugueses foram expulsos de Tewe.

Por muito tempo, no século 18, Tewe ficou dividido por causa de lutas de secessão algumas das quais, envolvendo chefes de Zamvi e, especificamente, na área em volta de Mavita Bandire.

Neste momento parece que os chefes Muriane devem ter vivido entre Bandire e Mavita, depois de se mudarem para Nhaurombe e, eventualmente, para uma área perto da



Mapa 3. Séculos 18 & 19 em Chimanimani

2.6 O Século 18 e inícios do Século 19

Os finais do Século 18 e inícios do Século 19 foi um período de grande inquietação, fome e muita seca. A partir do final do Século 18 grupos Tsonga Hlengwe e Tswa atravessaram o Rio Save e muitos deles chegaram a várias partes dos Tewe. Os regulados Tsonga /Hlengwe do Sul de Machaze e Mossurize datam deste período. Isto aconteceu muito antes da verdadeira invasão Nguni, e este não atingiram Chimanimani até a década de 1830. João Julião da Silva observou em 1830, que nos últimos 30 anos, desde que ele visitou pela primeira vez a área, o Ndau (Matão) e até mesmo alguns Tewe tinham se tornado muito mais militarizados e os guerreiros já dificilmente usavam roupa, de mesma forma que faziam os Hlengwe/Tsonga do Sul do Save.

Em quanto na mesma altura, por razões não totalmente claras, os grupos de saqueadores 'Hiya' Ndau pertencentes principalmente à dziva/moiambo ou totem piscina / clã se expandiram para o planalto Chipinge Mossurize onde vários chefes deste clã estavam no fim do seu reinado e havia tumultos em muitas zonas do Zimbábwe e, provavelmente também, nalgumas partes de Moçambique (em Chimanimani Maronga está ligado a estas áreas em Mossurize).

Outra série de migrações oriundas de Sangueme na Área de Chimanimani (Chikukwa, Nhahedzi), muito maior do que tem sido hoje, as migrações atingiu o sul de Chivi na Província de Masvingo do Zimbábwe, ao sul do Lucite onde se estabeleceu o régulado Cõa (Khowa) e duas pequenas migrações do norte para Vumba e Tewe pelo povo Mutore. A razão dessas migrações não é clara, mas podem ter sido pacíficas, e o resultado da seca e fome, para além de que Sangueme não é tão fértil. A ORAM descobriu que uma das principais memórias históricas do povo era a fome.

João Julião da Silva, mencionou que Xirojo era a montanha mais alta na área. Ele frequentemente menciona os rios e Mussapa Munhinga bem como muitos dos actuais régulos, tais como Muriane, Negomai e Cupenha entre outros. A área entre o rio Lucite Munhinga era chamada Zanvi e constituía província do Tewe (Quiteve).

2.7 As Invasões Nguni e o Estado de Gaza

As migrações Nguni chegaram zona centro de Moçambique em 1830. O primeiro grupo liderado por Nxaba Masane estabeleceu um estado de curta duração no planalto de Espungabera Chipinge depois de derrotar o régulo Sanga Mutema. Em 1836 Nxaba lidera uma incursão no país Tewe com alguns dos Ndau (Matão), a quem ele havia incorporado nos seus regimentos. Ele parece ter entrado na área, através da abertura do Chimanimani, possivelmente, pelo Mussapa Pequena e atravessado para a área de Mavita. Atravessou o Mussapa e invadiu em Tewe em 1831. Um ataque sobre a feira dos Portugueses foi feito que, felizmente, tinha uma paliçada - em Bandire. O ataque foi realizado por um grupo misto de Nguni Nxaba, bem como alguns Tewe e Ndau. O grupo foi batido por João Julião da

Silva, que comandava um grupo misto de Tewe e Sofala Português. No entanto, da Silva achou prudente retirar-se para Sofala, especialmente atrás de Muriane, com quem tinha estado quando foi atacado, tinha deserta e da Silva suspeitava o mesmo ter ligações com Nxaba. Se tivesse sido assim, ele não teria ajudado Muriane, que posteriormente grande parte do povo foi massacrada por Nxaba, salvo as raparigas com idade de esposa e jovens que com potencial para guerreiros, que foram incorporados nos regimentos de Nxaba.

Nxaba depois atacou Sofala e matou muitas pessoas na aldeia, mas não conseguiu ocupar a fortaleza onde a maioria dos Portugueses e da população havia se escondido.

O reino de Nxaba não durou muito tempo, ele foi posteriormente atacado por um outro líder Nguni com o nome de Soshangane, tendo sido derrotado, e fugido para o norte.

Soshangane foi o fundador do Estado de Gaza, que directa ou indirectamente, controlava ou extraía tributo sobre o sul de Moçambique, assim como grande parte das províncias de Manica e Sofala. O centro do estado era, inicialmente, na área de Mossurize Chipinge, mas Soshangane decide logo regressar ao Bilene no baixo Limpopo e lá permaneceu até a sua morte, deixando os seus subordinados a governar Gaza, no norte. Os régulos Tewe e Nda, muitas vezes chamados por Nhamassangos - literalmente, "Senhores da Floresta", foram deixados a controlar os seus súbditos, desde que fornecessem mão-de-obra a Gaza para os regimentos. Gaza, reconhecia a importância de alguns dos principais governantes Tewe pertencentes a linhagem real; Muriane era um deles que se tornou um importante sátrapa de Gaza nos Distritos de Sussundenga, Chibabava e Gondola.

Soshangane foi sucedido por seu filho Muzila (depois de uma guerra civil), que regressou ao Sul de Moçambique e estabeleceu suas várias capitais no Chipinge, Mossurize e áreas de Chibabava, o local era mudado a cada poucos anos. Quando Muzilamorreu, foi sucedido por Ngungunhane, que governou o estado até a sua a derrota em Gaza pelos Portugueses no baixo Limpopo, em Novembro de 1895. No entanto, em 1889 Gaza tinha deixado a área de Mossurize e transferido a capital para Bilene, perto da foz do Limpopo, no Sul de Moçambique (actual província de Gaza). O período de Gaza é profundamente arraigado na memória colectiva do povo da área de Chimanimani, grande parte deste "encaixe" de acontecimentos é atribuída a Ngungunhane, ou seu líder guerreiro Maguiguana. Na realidade, muitos deles podem também se referem a eventos que ocorreram no reinado de um dos dois anteriores

Gaza Reis, Muzila (também conhecido como Nhamande), e o fundador do Estado de Gaza Soshangane, o outro senhor da guerra Nguni Nxaba Massane que atacaram o Tewe e so Portugueses na área de Chimanimani, em 1836. Eles podem até estar ligados a eventos mais para trás da História dos Tewe e Rozvi. Quando se mudou para Bilene, Ngungunhana forçou muitos milhares de Nda e outros povos súbditos a ir com ele. Muitos regressaram para o norte após a sua derrota em 1895, mas muitos outros permaneceram no Sul de Moçambique, onde ainda hoje, pode-se encontrar muitos dos seus descendentes com nomes Nda e totens.

2.8 A Sociedade Portuguesa e o Estado Colonial

A migração e posterior derrota de Ngungunhane pelos Portugueses, quase que, correspondiam no tempo, com a ocupação do que se tornou Rodésia Sul pela Companhia BSA (Companhia Britânica da África do Sul) em 1890. A delimitação da fronteira entre os domínios britânicos e Português ocorreu pouco tempo depois. No norte do rio Rusitu / Lucite, a fronteira seguia da bacia entre-os-rios que correm para oeste e leste fora da Cadeia Ocidental do maciço de Chimanimani. (Além do Mussapa Grande que nasce do oeste da bacia hidrográfica e rompe-lo). A fronteira foi formalizada durante a década de 1890, cortando as comunidades Ndaou, por exemplo, separando alguns dos régulos subordinados ou mambos de seus chefes de Grupos ou sub-chefes / chefes de grupos de aldeia e chefes das povoações ou sagutas). Um bom exemplo foi a separação de Nhahedzi em Moçambique a partir de seu chefe mais experiente, Chikukwa, localizado na Rodésia. Este aspecto será discutido abaixo na secção que trata das comunidades relevantes.

Logo após a ocupação, Companhia BSA promoveu a ocupação de várias Jornadas liderada por agricultores afrikaners ou Boer da África do Sul para o Chimanimani e os Planaltos de Chipinge.

A mais importante destas jornadas foi liderada por Thomas Moodie, que tinha originalmente trabalhado para a Companhia de Moçambique, mas tendo se renegado, e entregando-se à empresa ASC. Moodie não era uma pessoa particularmente agradável, ele, através do método de caminhante, juntamente com os seus companheiros, usupava as terras da população local de Chimanimani com maior aglomerado; chegava e assim que a população ficava fragilizada, usurpava-lhes a terra, e transformava-nas em farmas. Um funcionário da Companhia Portuguesa de Moçambique recordou-se que os Ndaou na área de Chimanimani chamavam Moodie de "Dambula Zizue" (sic) o que significa ele dividiu e roubou as terras pertencentes ao Ndaou. Não só Moodie, mas também os tais outros trekkers - caminhantes roubavam a terra da população local, mas também começaram o mesmo, no lado da fronteira de Moçambique. Foi por esta e outras razões que a Companhia de Moçambique estabeleceu o Comando de Chimanimane na viragem dos Séculos 19 e 20.

A Circunscrição (distrito) de Moribane¹ é inicialmente estabelecida em Chaia (Mavita) no dia 20 de março de 1894, no ano seguinte, 1895, foi abolida uma vez que a Companhia não estava a ganhar nenhuma receita dela e a área ainda estava sob influência dos Gaza Nguni e do régulo Muriane. Com a derrota de Ngungunhane, foi re-estabelecida por despacho datado de 03 de Agosto de 1896, mas desta vez, ligada à Manica já que a comunicação com esta última área era muito mais fácil. Na realidade, na primeira, não houve muito esforço para estabelecer uma gestão eficaz na região Chimanimani. Mais tarde nesse ano uma expedição militar, comandada pelo Tenente Bettencourt foi despachada para Chimanimani pela Sociedade de Moçambique para receber as submissões de Muriane, o idoso Régulo Tewe na área e para informá-lo da derrota de Ngungunhana pelos Portugueses no Sul de Moçambique.

Em 1898 a situação de Moribane alterou por despacho do 14 de Janeiro de 1898 e tornou-se uma sub-circunscrição de Manica, com Sede (HQ) em Chaia ou Xaia - Mavita. Em 1899, a Companhia de Moçambique começou a trabalhar na estrada entre a Macequece

¹ Moribane é na verdade uma decomposição de Muriane ou Murivane, o antigo Rei Tewe em Sussundenga e membro da Família Real Tewe.

Chimanimani e para a frente a Melsetter (Chimanimani) no Sul da Rodésia. Relata-se que o trabalho foi lento já que era difícil obter a dinamite. Bem, a principal razão por detrás da estrada era estabelecer o controlo sobre a área dos Portugueses e a estrada também beneficiaria os agricultores afrikaners em Melsetter, já que mais rápido chegar a Mutare via Macequece do que pelas montanhas para o Vale do Save até as estradas para Cashel e Skyline foram construídos.

A partir da primeira década do Séc. 20, a Companhia de Moçambique incentivava a plantação de vinhas de borracha, *Landolphia* spp. Para isso, foi criada a Companhia de Moribane, e uma plantação ao longo das margens dos rios Mussapa e Mutucutuem Zomba feita. Além disso, um Francês de nome Paul Bindé estabeleceu uma outra farma em Maronga no Lucite. Além de borracha, de pequenas quantidades de banana, foram plantadas mamão e citros. A empresa também tinha terra em Tandara, mas não se sabe se fez alguma coisa com esta, neste período. Estava também envolvida numa plantação na Província de Inhambane, e fontes sugerem que a empresa estava mais interessada na área de Chimanimani. De acordo com um relatório escrito pela administração, em Dezembro de 1907, a população do Distrito de Moribane, composta por 7.216 pessoas, e que naquele ano era 521 mais que o ano anterior em que houve quebra, era dada como:

- 7208 Indígenas (composto por 2 194 homens, mulheres 2:700, 1 366 meninos 1 Moribane é na verdade uma corrupção do Muriane ou Murivane o idoso Tewe Régua em Sussundenga e um membro da Família Real Tewe. e 856 meninas)
- 3 Português Europeus
- 1 Indiano Português
- 2 Mestiços Portugueses
- 2 Cidadãos Franceses

O trabalho forçado, com salários muito baixos (Mão d'bra indígena ou chibalo) ao invés de impostos, foi, muito cedo, imposto. Um relatório de 1905 informava que o número de "Indígenas", empregados em diversas maneiras pela Companhia de Moçambique na subcircunscricção era de 284, dos quais 99 estavam envolvidos na colheita de *Landolphia*, 40 no cultivo de plantas *Landolphia* e o restante número em Manica, em várias concessões da Companhia de Moçambique.

Um dos primeiros administradores da Companhia de Moçambique em Chimanimani, (provavelmente o primeiro em Chimanimani, mas não o primeiro em Moribane, já que esta distinção foi para o Sr. Campos Santos, que estabeleceu Chaia ou Xaia.

A Circunscricção (Distrito) de Moribane foi inicialmente estabelecida em Chaia (Mavita) no dia 20 de Março de 1894, no ano seguinte, 1895, por José Luis Ferreira. Ele respondia pelo Distrito de Moribane que tinha a sede no Comando de Chimanemane. Até hoje, nas tradições locais lembra-se do nome de José Luís Ferreira, como homem que era transportado em machira nas áreas de Dombe e Mavita. Machiras eram redes penduradas entre dois pólos, onde os oficiais, no início do período colonial na África oriental e central, eram transportados; a machira era carregada por quatro pessoas, com o passageiro lá dentro. A construção da estrada de Macequece (agora Manica) para Chimanimani é também

atribuída a Ferreira, embora tivesse começado antes da sua chegada. Ele provavelmente tenha sido o primeiro a viver em Chimanimani, onde deve ter ficado até 1916, quando escreve o relatório sobre Chimanimani.

Curiosamente, ele registou uma lista de 31 régulos reconhecidos na Subcircunscrição de Moribane como se segue, dos quais, 16 pelo menos são da ChNR, os que não são da ChNR, estão registados em itálico: Moribane [Muriane], Zichiche [Zixixe], Inhaézo [Nhahedzi], Mapanber [Mampombere], Fronteira da Gudza, Mecimua [Mussimua], Metova Mutove [no Mpunga?], Ganda, Chicohenhe] Chicuenhe [, Zinguera [Zinguenta Chinda], Inhamabava [Nhabawa?], Dombe, Zixau [Zichau], Zomba Muôco, Inhameciua [Nhamussissua], Maronga, Macuíó [?], Mutanda Côa, Gudza de Lucite, Chibuué· [Chibue], Sambanhe, M'vumo [Chibabava], Gohondsa [Goonda - Chibabava], M'Chamba [Maxamba], M'Ppunga [Mpunga], Mabate [Mahate], Meáíua [?], Tiva [? Esta lista será discutida mais detalhadamente abaixo na secção sobre as relações com as autoridades tradicionais.]

Na Rodésia do planalto ocidental de Chimanimani houve alienação maciça de terra do povo Ndaú, para propriedades comerciais dos brancos, (de 1890), e áreas de conservação, (de 1950), espremendo o povo Ndaú em pequenas "Reservas nativas", principalmente em terrenos com declive acentuado, com pouca aptidão para a agricultura, e fazendo com os Ndaú estivesse altamente sensíveis à terra a política fundiária. A terra de Sangueme, que era dirigida por Chikukwa, foi particularmente muito mal efectuada, a população tendo perdido todas as suas terras na Rodésia, o mesmo aconteceu na fronteira onde porções de território foram assambarcados. O chefe continuou a viver numa porção de Martin Forest junto à fronteira Moçambicana, uma pequena parte desta terra deve ter e tornado sua "terra comunal". No sul das Montanhas de Chimanimani, a população do Chefe Ngorima também perdeu grande parte das suas terras para florestas comerciais e para o Parque Nacional. Isto incluiu os principais locais espirituais e antigas casas do chefe da "Jiho" (literalmente solo vermelho), actualmente numa plantação de reflorestamento comercial, no canto superior do Haroni Valley. A população de Ngorima está relacionada com a de Mahate e confia-lhes ao longo da fronteira. Em Moçambique havia muito menos alienação de terras e até mesmo onde não havia pessoas que normalmente precisassem de ser retiradas.

Entretanto, a administração, infra-estrutura e serviços sociais (educação, saúde, extensão agrícola, etc), tornaram-se mais desenvolvidos no lado da fronteira britânica da se comparada com a esfera Portuguesa de Chimanimani. Apesar de sofrer de escassez de terras, as comunidades Ndaú na Rodésia do Sul tiveram acesso a melhores serviços e oportunidades económicas do que suas contrapartes Moçambicanas, que eram principalmente consideradas como uma fonte de trabalho forçado ou barato pelo Português. Em ambos os lados, o trabalho migratório, particularmente para a África do Sul, era grande oportunidade económica.

Nos vales de Mussapa Pequena, Rotanda, Messambudzi e Bondemuitos agricultores familiares foram incentivados a plantar trigo. Não parece ter sido uma longa tradição de irrigação dos campos nestes vales e o uso de suas zonas húmidas – baixas ou mutoro - que provavelmente datam da época pré-colonial. Os Portugueses conseguiram convencer pequenos agricultores familiares do Zimbábue, que tinham sido, possivelmente, expulsos das farmas dos brancos, para vir para Moçambique para fazer cultivo nessas áreas. Um relatório elaborado pela administração do distrito de Manica, em 1953, relata que tinham

sido registados 14 casos de produtores de trigo na região de Mavita e houve um grande interesse entre a população local.

Os documentos de Português desse momento destacam que esses pequenos agricultores “a Conta Próprio” - ou seja, por si mesmos e, portanto, não estavam sujeitos ao trabalho forçado, etc.

O Instituto de Cereais estabeleceu um escritório e um armazém em Rotanda. Os trabalhadores de extensão agrícola, os monitores, trabalhavam na área sob orientação de um agricultor - O Prático Agrícola - João Duarte Lourenço, que estava baseado em Manica. A estação de pesquisa de algodão também foi estabelecida em Messambudzi e estava envolvida no incentivo da produção de algodão nas áreas de Dombe e Mavita, embora grande parte disto estivesse a acontecer fora da área o que hoje é CDH. Houve campanhas para "incentivar" as pessoas, principalmente mulheres, a cultivar o algodão em várias partes da área de Dombe, onde provavelmente envolveu coerção.

Nas últimas décadas da administração Portuguesa, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, várias farmas e plantações comerciais foram estabelecidas na área da ChNR.

Um empresário Português com o nome de Carvalho estabeleceu uma farma de gado leiteiro no Planalto Tsetsera, quando não teve sucesso, mudou para a produção de batatas de semente e de algumas espécies florestais. As estradas até o planalto foram construídas por Carvalho, tanto do lado Moçambicano e quanto do Zimbábue. Carvalho também possuía terras no planalto de Tandara ao sul de Rotanda. Grandes áreas de silvicultura comercial foram estabelecidas na Rotanda e na área de Messambudzi por empresas de propriedade estrangeira. Principalmente o Pinheiro e Eucalipto em menor grau de spp foram planeados. A maioria das plantações encontravam-se por cima das colinas, embora a população local digam que algumas das plantações estavam muito próximos dos rios e adversamente afectavam o fluxo destes rios, que suas nascentes encontram-se nas montanhas e muitas vezes dentro das plantações. Além disso, essas plantações incluíam locais sagrados para régulo Mussimua bem como lagoas nalguns dos rios que são a casa dos espíritos njuzu da água.

A indústria madeireira de Moçambique remonta ao período colonial. Grande parte das florestas indígenas da ChNR constituía um recurso natural de grande valor económico. Existem em ChNR e área adjacentes florestas indígenas Montana, de média e baixa altitude com abundantes e valiosas madeiras. Isto levou ao derrube das florestas indígenas pelos Portugueses ou por empresas estrangeiras que operavam ao abrigo de licenças ou concessões e nas áreas habitadas pelas comunidades locais. Esse processo foi muito importante para Chimanimani, por duas razões:

Primeira, tinham sido as empresas de exploração da madeira que inicialmente tinham aberto as vis de acesso em grande parte da área de Chimanimani, entre 1950 e 1970. Muitas destas estradas estavam bem alinhadas e projectadas num terreno montanhoso, muitas vezes utilizando tractores para demolir e incorporando derivas e pontes de pólo. Estas estradas caíram em desuso após a independência em 1975. Bell escreve que "o teste de fotografias aéreas de 1972-1973 mostra uma rede de estrada

relativamente extensa em áreas, até há pouco, mais inacessíveis de veículo, incluindo as áreas dos Régulos Mahate, Zomba, Mpunga Muoco e Maronga. Algumas dessas antigas vias foram reabertas pelo projecto TFCA. Parece que o alinhamento, pelo menos, de algumas estradas originais, foi responsabilizado aos trabalhadores da empresa de exploração madeireira, das comunidades locais.

Richard Bell relata que o actual *muwiyu*, (veja abaixo para a explicação deste título), da Chefe Mahate, Sr. Silas Chitiyo, assistiu a construção de muitas estradas originais na área de Mahate na década de 1960, o mesmo homem estava envolvido na reabertura e realinhando das antigas vias como empregado do projecto TFCA. É interessante notar que algumas das antigas vias passam por áreas de florestas sagradas e que foram realinhadas por esse motivo. A título de exemplo é estrada de acesso ao Mahate, que contorna a base da montanha sagrada Banya; decidiu-se "pelos espíritos" que este troço de estrada deveria ser deslocado para evitar a área próxima do Monte Banya. Isso parecia implicar um desvio de pelo menos 15 km. (Presumivelmente, a muwiyu não estava envolvido, ou estava subjugado pela empresa, na sessão do conselho sobre esta secção especial de estrada original). De mesma forma, dando o acesso para a exploração da madeira, essa estrada daria acesso aos serviços sociais. Durante o período de acesso rodoviário, relata-se que existia uma escola primária no Chefe Mahate. É significativo perceber que, durante o período pré-independência, as comunidades de Chimanimani eram muito menos acessíveis do que tem sido geralmente assumido, (reconhecendo, naturalmente, que as estradas que eram intransitáveis durante as chuvas, como teria sido com muitas outras estradas no distrito naquele período").

Segunda, período pré-independência de exploração da madeira é importante na medida em que apresenta-se fortemente colorido do ponto de vista de percepções entre os trabalhadores do governo e as comunidades a respeito da indústria madeireira. A indústria madeireira era (e continua a sê-lo), essencialmente de exploração, em que os principais beneficiários eram sobretudo as empresas estrangeiras, as comunidades locais não ganhavam nada com a indústria, se comparado com alguns outros empregos de baixa remuneração e a indústria era de sustentabilidade ecológica duvidosa. A exclusão das comunidades locais dos benefícios equitativa da exploração da madeira parece, agora, entender-se como sendo característica indissociável da indústria madeireira. Essa percepção apresenta um obstáculo a ser superado para a concretização da importância da exploração da madeira como um dos principais potenciais componentes de CBNRM em Chimanimani.

Além disso, em 1950, três pequenas Reservas Florestais foram publicadas pelo governo colonial Português para cobrir as partes da floresta tropical húmida na encosta sul do maciço de Chimanimani, em Moribane, Zomba e Maronga. A lei em que essas reservas florestais foram criadas, não permitia, o estabelecimento dentro de si, mas isso não parece ter sido executado de forma significativa, e a fotografia aérea de 1972/73 mostra uma quantidade considerável de assentamentos dentro dos seus limites.

2.9 Independência, Rodésia e da Guerra Civil

As guerras de libertação de Moçambique e do Zimbabwe terminaram em 1975 e 1980, respectivamente. A guerra de libertação de Moçambique teve relativamente pouco impacto militar em Chimanimani. Depois da independência, houve duas mudanças importantes no uso da terra, nas políticas e na administração, com quase o desaparecimento dos agricultores comerciais, administradores e detentores rurais locais, portugueses – os cantinheiros – com a tomada do poder pela Frelimo. Provavelmente tenha sido o desaparecimento dos cantinheiros que afectou os pequenos agricultores locais. Embora a memória colectiva ou geral colonial dos serviços prestados pelos cantinheiros na forma de insumos agrícolas, mercadorias em geral e até mesmo de crédito seja extremamente negativa, foram uma exceção para as pessoas locais, que hoje ainda têm muitas boas recordações das vantagens do sistema, pelo menos nos termos em que o mesmo operou na última década da Administração Colonial Portuguesa.

Em Chimanimani, nos finais de 1970, a luta do Zimbabwe teve maior impacto na área adjacente à ChNR ou lá, com a mineração de várias áreas junto, ou perto da fronteira e as operações militares e incursões pelas forças da Rodésia, que incluíram a destruição de todas as pontes e algumas outras infraestruturas, na estrada principal de Dombe através das montanhas de Sitautonga para Mossurize. Isto aumentou substancialmente o isolamento e a marginalização da população nos primeiros anos da era da Frelimo na ChNR. Não havia acesso por estrada para as áreas de Zomba, Muoco e Maronga desde aquela época. A situação será amenizada em breve com a abertura de novas pontes de alto nível em todos os rios de Mussapa e Lucite.

A Independência do Zimbabwe, por outro lado, deixou propriedades comerciais dos brancos em Chimanimani praticamente intactas e manteve uma continuidade básica do ponto de vista de políticas e administração até a redistribuição das terras, iniciada a partir de 2000 e que resultou quase na destruição do sector agrícola.

Importante, no caso de Chimanimani, os empreendimentos florestais, públicos e privados, foram deixados, essencialmente, intactos. A independência moçambicana foi logo seguida pela guerra civil Frelimo/Renamo por volta de 1977 a 1992, o que realmente se intensificou depois de 1990. A Área de Chimanimani estava afectada pela guerra, localizada no limite com os primeiros patrocinadores da Renamo, a Rodésia de Smith, e próximo de seu posterior patrocinador, o regime do Apartheid na África do Sul. Muitos dos líderes da Renamo também vieram dos distritos de Sussundenga, Mossurize, e Chibabava. A parte sul de Chimanimani, em especial, Dombe e as regiões vizinhas de Mossurize eram importantes centros da Renamo durante a guerra e ainda hoje mantêm algumas tendências da Renamo. A guerra conduziu à destruição generalizada das infra-estruturas, desagregação da administração da Frelimo e ao colapso da economia rural. Muitos residentes de Chimanimani de Moçambique ou se deslocaram para o Zimbabwe ou dependiam fortemente deste país durante a guerra civil. Após a independência de Moçambique, em 1975, o governo da Frelimo instituiu uma série de políticas socialistas que tiveram um profundo impacto sobre as populações rurais do país, incluindo as da área de Chimanimani. Entre estas foram as

políticas de nacionalização da terra, concentrando as comunidades rurais em aldeias comunais, e deixando de lado a liderança tradicional. A nacionalização das terras e a formação das aldeias comunais serviam para reforçar o acesso igualitário aos recursos e facilitar o fornecimento de serviços sociais.

A política de liderança tradicional baseava-se na idéia de que a liderança tradicional não passava por qualquer processo de eleição democrática e tinha perdido todo o crédito de legitimidade, como resultado da manipulação e da distorção do regime colonial Português, que usava os líderes tradicionais principalmente como intermediários, na cobrança de impostos e no recrutamento do trabalho forçado. Para substituir a liderança tradicional, o governo da Frelimo iniciou um programa de instituição de Grupos Dinamizadores ao nível das localidades. A partir de 1978, estes grupos se estenderam como uma hierarquia ao nível Distrital, através do Posto Administrativo e da Localidade do círculo, da célula e muitas vezes grupo de famílias. O Partido Frelimo e a máquina administrativa do Governo estavam completamente integrados. Supunha-se que os grupos fossem eleitos democraticamente, mas em geral, os candidatos eram indicados pelo Partido e aprovados pelo respectivo círculo eleitoral, os candidatos tendiam a ser nomeados de acordo com certas directrizes, os líderes tradicionais e empregadores de mão-de-obra, por exemplo, excluídos. Mais tarde, na década de 1980, assim que as comissões de voluntariado deixaram de funcionar eficazmente, os funcionários assalariados do Partido foram nomeados Presidentes das Comissões de Localidade.

Todas estas políticas se fizeram ressentir profundamente pelos sectores da população, em particular nas áreas tradicionais mais rurais, produzindo, rapidamente, uma onda de descontentamento, assim que Moçambique deu asilo ao movimento de libertação armada envolvido na luta de libertação contra o regime de Smith na Rodésia. As forças de segurança Rodesiana organizaram uma oposição armada, na forma de Renamo, e ao fazê-lo, deram início à guerra civil. Após o desaparecimento do apoio de Smith à Renamo, África do Sul assumiu o apoio, intensificando-se a guerra. A parte sul da área de Chimanimani tornou-se a área-chave da Renamo, enquanto a sede nacional da Renamo encontrava-se em Maringue, ao norte do Distrito de Gorongosa. Sitautonga (Gogoio) tornou-se a sede provincial para Manica, e havia também grandes acampamentos militares da Renamo na área de Dombe, incluindo pelo menos um, na floresta de Mpunga. A maioria das áreas dos régulos Muoco, Zomba, Mpunga Mahate e caíram dentro da esfera de influência da Renamo, enquanto a Frelimo manteve o controlo, de pelo menos, os principais centros administrativos e áreas vizinhas em Sussundenga, Mavita e Rotanda. Como resultado, a área de Chimanimani tornou-se na linha da frente entre a Frelimo e a Renamo. A floresta de Moribane, abrangendo a estrada principal de Sussundenga a Dombe tal como é, era um foco particular de conflito, a estrada a ser bloqueado e terrivelmente minada. Da mesma forma, o cume Chidzanyanga e a bacia de Mucutuco na base de Chimanimani na área régulo Mahate - através do vale de Mussapa a oeste da floresta de Moribane - eram cenas de uma série de escaramuças. Bell registou que o pai do actual Chefe Mahate teria sido executado pela Frelimo em 1970 como um suspeito simpatizante da Renamo, o actual Mahate foi posto em cativeiro em Sussundenga pela Frelimo 1986-1993, pelos mesmos motivos, (Anstey and Sousa).

O Governo, manteve a área central nas áreas de Dombe e nas Localidades e aldeias de Darue foram estabelecidas nesta área. No entanto, na fase final da guerra, Dombe e as zonas circunvizinhas caiu nas mãos da Renamo. E só Dombe foi imediatamente retomado pelo Governo, mas logo depois caiu novamente nas mãos da Renamo. Este foi o período que assistiu alguns dos piores combates na área. Os distúrbios causados pela guerra civil forçaram muitas pessoas a deixar a área de Chimanimani, a procura de locais mais seguros em volta de Dombe e o vale do Lucite, em Sussundenga, Chimoio e o corredor da Beira, ou para o Zimbabwe, e à procura de mais um emprego no campo, na África do Sul, Botswana ou Malawi.

Um dos efeitos secundários destes movimentos é que a população de Chimanimani, enquanto parece superficialmente, isolada e tradicionalista, é surpreendentemente bem viajada e familiarizada com mais amplos horizontes sociais e económico da região da África Austral.

O fim da guerra civil em Moçambique, em 1992, foi acompanhado pelo ressurgimento da sociedade, infra-estrutura e economia, moçambicanas, grande parte do qual, impulsionado pelo apoio dos doadores, no entanto, com tensões sociais e políticas. Houve certo número de violências pós-conflito perpetrada por um grupo de bandidos, de 1994-7 chamado Chimenjes, que eram compostos principalmente por desmobilizados e alguns elementos criminosos. Eles operavam em Dombe, Mahate e, principalmente, na área de Zomba. Estes problemas vieram a ser finalmente resolvidos através da intervenção da Unidade de Intervenção Rápida da Polícia da República de Moçambique.

3 Descrição e História dos Regulados Individuais

Um dos maiores problemas encontrados na pesquisa dos régulos e os seus diferentes chefes a vários níveis foi o facto de que todos que realizaram este trabalho no passado, vieram com nomes diferentes e isso provoca uma considerável confusão. Isso provavelmente tenha acontecido por causa do uso de nomes pessoais, no seu todo ou em parte, para descrever vários chefes. A título de exemplo, Zomba é o nome do regulado, e o chefe é oficialmente chamado Régulo Zomba, mas ele também tem o seu nome pessoal, neste caso Machua Macusa Samissome. Todos os régulos e chefes veteranos têm estes títulos oficiais e se os títulos forem utilizados na recolha de informação, haverá provavelmente menos confusão. Aliada a esta situação, é a hierarquia reconhecida e paga pelo Governo, como muitas vezes não é a mesma hierarquia que se encontra dentro dos vários régulos. Em muitos casos, onde um régulo é reconhecido como Chefe do Grupo e sujeito a um outro régulo, Chefe dos Grupos torna-se chefe de povoações, mas na realidade esta hierarquia nem sempre é reconhecida pela comunidade. Existem nomes locais para os chefes dos Grupos e Chefe das povoações e isso se aborda no ponto, abaixo.

A Tabela 2 apresenta a lista simplificada de régulos e chefes usando apenas seus nomes tradicionais, como nos foi, por eles, descrito. Diferem consideravelmente dos dados encontrados nas tabelas 3-5 no final deste documento. Por razões dadas noutros locais desta secção e relatório e não se a nenhuma “hierarquia” a estes chefes.

3.1 Mussimua (Rotanda)

Este é um grande régulado que se encontra no norte da ChNR e que inclui várias comunidades que foram tratadas separadamente abaixo. Grande parte deste regulado encontra-se fora da ChNR como se estima em cerca de metade da sua população. Tecnicamente, aqui se incluem:

- I. Sembezia um Chefe de Grupo intimamente relacionado, mas com uma grande área no extremo norte, fazendo fronteira entre Manica e o Rio Zonue;
- II. Gutsa e regulado independente, mas sob Mussimua sem nenhuma hierarquia oficial, mas, aqui, tratados separadamente.
- III. Nhahedzi (em parte – outra parte, provavelmente abrangida em Mahate) um regulado independente, mas colocado em parte sob hierarquia oficial de Mussimua, mas novamente, aqui, tratados separadamente.

Tabela 2 – Lista Simplificada de Régulos e seus Chefes

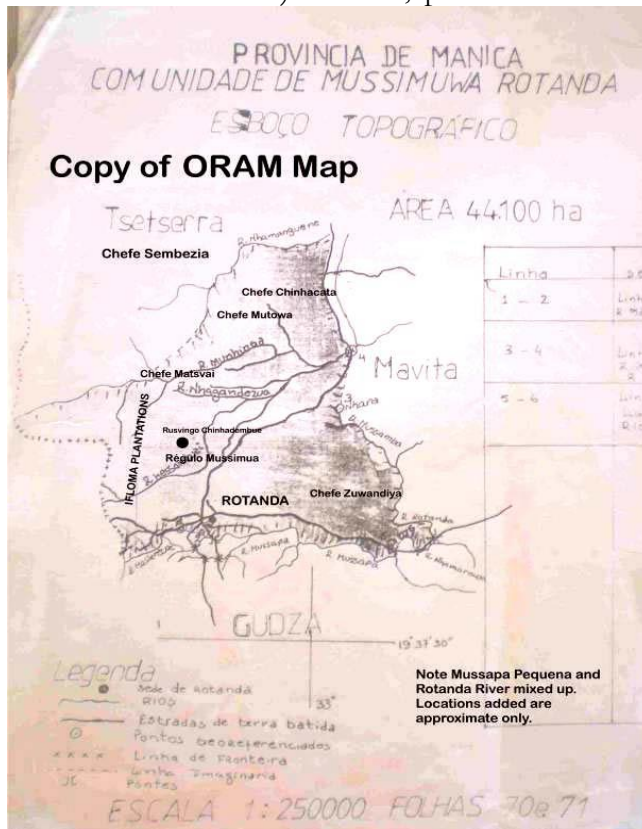
Régulo	Chefes	Comentários
Sembezia	1. Muveu — perto de Mupandeia 2. Cheschesi — perto de Zonue.	Reconhecido como Chefe de Grupo subordinado a Mussimua pela Administração com a qual se relaciona.
Mussimua	1. Chinhacata 2. Matsuai 3. Mutowa	Reconhecido como régulo pela administração
Gutsa	1. Matsia — perto de Mussapa 2. Gotokoto near — Portão 3. Sawana — no leste do Mt. Tula 4. Metova — margem leste de Mussapa	Em termos administrativos sudirna-se Mussimua mas podia ser um régulo independente.
Nhahedzi	1. Nhahuni — no Zimbabwe & Ferreira 2. Chirau — Mussapa Pequena 3. Mapombere — Mucura Valley 4. Bofana —	Devia ser um régulo separado mas já só Chefe de Grupo
Mahate	1. Chicuee — east along the Mussapa 3. Mashonga — No SW com o Zomba 4. Munhaiwa — Sul R. Muvumodzi	Reconhecido como régulo pela administração
Mpunga	1. Mapinde — Motowa 2. Magarabwa — Leste 3. Mukwawaya — Sudeste	Reconhecido como Chefe de Grupo subordinado a Dombe
Zomba	1. Zichau — SE Mussapa & Muvumodzi 2. Nguruve — South east of Mutucutu 3. Murango — Mutucutu Opposite Nguruve 4. Manhandure — Ocidente de Mussapa 5. Chitio — área centro-norte 6. Mapira — Rios Chikambane/Muvumodzi 7. Guvura — no nordeste	Reconhecido como régulo pela administração
Muoco	1. Javela — Perto da Estrada Principal 2. Mugaru — perto da Ponte do Mussapa 3. Chirucu — Muvumodzi 4. Mcoça — Ocidente Mudewue & Sitautonga. 5. Machiri — Perto ponte do Lucite 6. Mangwena — Ocidente da Estrada principal 7. Nhamussissua — Estrada Principal & Lucite	Reconhecido como régulo pela administração
Maronga	Não se conhece	Reconhecido como Chefe de Grupo subordinado a Muoco

Table 2. Lista simplificada de Régulos 1

As linhagens dominantes, tanto em Mussimua como em Sembezia, migraram de Manica para as suas actuais áreas. Lembram-se que quando lá chegaram, encontraram todos os régulos vizinhos já a viver onde hoje estão. As linhagens vieram a soprar *bama* - um tipo de chifre de bode – e que quando passaram a Chirara de Vumba, ao sul do velho Reino Manica tocaram o trompete de chifre, e ele respondeu com um outro tipo de trompete de chifre, e assim, eles se aperceberam que era uma zona habitada, fizeram no Zixixe, Mutambara e Gutsa, tendo sido respondidos como anteriormente, pelos respectivos régulos, e assim também compreenderam que era uma povoação.

Eles recuaram e chegaram nas actuais posições. Quando tocaram a trompete de chifre, ninguém respondeu, e assim, não havendo pessoas no local, lá se estabeleceram. Mussimua também tem algumas ligações com Mutambara, na fronteira com o Zimbabwe. No entanto, essas não são totalmente compreendidas nesta fase. Apesar disso, Mussimua reconhece que havia pessoas que lá viveram em tempos, e que Rozvi construiu o Zimbabwe na colina de Chindahembue com a vista para a sua aldeia no Vale do Rio Messambudzi.

Mussimua tem quatro importantes chefes de Grupos seus subordinados, Chinhacata (Fernando Simbe Chinhacata) no leste, perto do Rio Munhinga e principalmente fora da ChNR, Mutowa (Mafione C. Mutowa)



Mapa4.Mussimua

na fronteira norte do Sembezia e Matsuai (Heroine Matsuai) no noroeste. A área não é a parte mais importante da ChNR em termos de turismo e da biodiversidade (com a ressalva de que é o único ponto de entrada da ChNR do Zimbabwe). A contagem de agregado familiar realizada através de Goggle Earth aponta cerca de 720 no interior da ChNR, principalmente em torno de Rotanda, Messambudzi e Munhinga. Com os outros, no extremo Noroeste, no Vale Munhinga.

Os centros importantes de Rotanda e Messambudzi encontram-se neste régulo. Todos estes regulados se situam dentro da zona-tampão, embora grande das pessoas tenham pouco a fazer com a ChNR. Como se salienta acima, a área não é a parte mais importante da ChNR em termos de bioiversidade de turismo. Grande parte da área montanhosa ao longo da fronteira é dominada pela silvicultura comercial e as florestas indígenas desapareceram, excepto no extremo noroeste.

Conforme se refere no ponto dois, a área tem uma longa história de irrigação na produção de trigo que remonta ao início da colonização da área e, provavelmente antes. Nas áreas mais secas, embora fora da ChNR, também se cultiva o tabaco e algodão, pelos pequenos agricultores.

3.2 Mussimua (Sembezia)

A história deste regulado é muito semelhante a de Mussimua. O régulo é de facto apenas Chefe de Grupo em Mussimua, mas devido à distância do centro do regulado, ele tem a maioria dos atributos de um mambo respeitável. Na sequência de recentes pesquisas por Corrado Tornimbeni, o mambo gostaria de romper com o controlo de Mussimua. O mamobo tem duas Chefes de povoações na ChNR, ou seja, Cheschesi perto do Rio Zonue, no norte, perto do rio Mupandeia. Uma contagem de casa através de Google Hearth sugere que existem cerca de 429 famílias na área de Sembezia. (Dia da População X 5 = digamos \pm 2 145).

O Planalto de Tsetsera, embora alienado no tempo colonial, situa-se dentro do regulado. A protecção do Planalto de Tsetsera e as florestas podocarpus verdes montanas estava por detrás da lógica da extensão da ChNR norte das principais Montanhas de Chimanimani. (Talvez, em retrospecto, teria sido melhor se se tivesse tido uma área protegida separada para Tsetsera já que a sua inclusão na ChNR dificultou a o seu maneiio, devido à distância e grande área envolvida. Além disso, grande parte do planalto não onde não estava plantada a batata foi usada para plantações de pinheiros (principalmente o *Pinus patula* invasivo mexicano, que está actualmente em processo de remoção. Por causa desse anterior uso da terra, há pouco da vegetação original deixada no planalto. A terra é actualmente detida em regime de concessão por um operador comercial que manifesta interesse em restabelecer a batata-semente e, esperançosamente, incentivando o turismo. Um relatório recente sobre o turismo no distrito de Manica talvez tenha sido um pouco mais optimista, quanto à uma cidade turística em Tsetsera.

A população local não parece ter vivido no planalto antes de sua alienação, principalmente devido ao clima frio, tal como acontece numa região com 2.000m acima do

nível do mar, e faz muito frio no inverno e à noite. No entanto, a população usava o planalto para a caça e colecta de produtos silvestres.

O ouro é extraído na antiga mina "Yellow Jacket" na estrada que vai a Tsetsera perto da Garganta de Nhaminguene, na Associação Mineira Local. A mina está a ficar muito profunda e perigosa para o trabalho da associação, que pretende encontrar um parceiro para ajudar a continuar com a mina. Transportam o minério através de caminhões até ao seu acampamento nas margens do Rio Bonde, onde o minério é lavado nas lagoas e o ouro extraído. Embora, os associados estejam próximos do Rio Bonde, este não tem sido poluído pelo funcionamento da mina e o rio continua a ser uma dos mais limpos da ChNR. O acampamento em si é remanescente de um acampamento de corrida de ouro do Séc. 19 na Austrália ou América, com muitas bebidas espirituosas à venda e visitado por um número de mulheres que vendem bens e provavelmente outros serviços.

Algumas farmas de tamanho médio também foram alienadas no período colonial, mas as mesmas hoje estão ocupadas por pequenos produtores do sector familiar. Curiosamente, a população local ainda chama a Sede de Mupandeia, de Dourado, depois de um farmeiro e homem de negócios ter explorado a área. O homem morreu há sensivelmente poucos anos, após ter permanecido em Moçambique a gerir uma padaria em Manica.

Os pequenos agricultores cultivam consideráveis quantidades de tabaco, enormes celeiros podiam-se ver claramente no momento em que estava a ser feita a contagem de casas no Google Earth.

3.3 Gutsa

A maioria da população vive na parte alta do Vale do Rio Mussapa Pequena Vale, no sul de Rotanda e, em menor grau, na base das montanhas Norte do Chimanimani no Nordeste. A par leste da regulado é contrariamente pouco povoado, (O Portão - ou entrada para a ChNR – encontra-se no regulado bem como na área ao longo da estrada para Mahate). Embora isto possa ser devido a solos inférteis não explica realmente a falta da população ao longo das linhas do rio e a área onde há dambos (Dimba).

A área tem sido fortemente influenciado pelo Zimbabwe, e algumas pessoas não sabem falar o Português e pensam que são alfabetizadas em Inglês e Shona, tendo a escola ou trabalhado no Zimbabwe.

As fronteiras. Os limites da régulado são as seguintes (Veja o mapa)

No Ocidente, com a fronteira internacional:

- No norte, com os Régulos Mussimua e Mavita do Mte. Chinhamhena abaixo da torrente de Masarakwe para a sua junção com o Mussapa Pequena e daí Leste-Sudeste para a junção do Mussapa Pequena e Mussapa Grande;
- Em seguida, com o régulo Mahate numa direcção geralmente de oeste para junção dos rios Mussapa Grande e Mucura;

- Com Chikukwa/Nhaedzi até o rio Macura em geral, em direcção noroeste num "ponto imaginário" em que o rio depois, atravessa o país para "outro ponto imaginário", no Rio Nhomba [Isso precisa de ser verificado no terreno entre os dois " pontos imaginário " há um local chamado JHB Ndongonda];
- Ainda com o Rio Chikukwa Nhaedzi para cima do Nhahomba oeste sul, oeste, a sua fonte na cadeia norte das Montanhas de Chimanimani, e estabelece o fluxo Ruwaka, em um direcção oeste, a sua junção com o Mussapa Pequena; (A última parte desta fronteira deve ser certificada é muito vaga - uma linha imaginária...)
- Ainda com Chikukwa/Nhaedzi, para cima do Rio Mussapa Pequena, em geral em direcção sudoeste-oeste até a fronteira internacional com o Zimbabwe.

Sub Chiefs Sadunhuu. Matsia, cuja área fica a oeste do Rio Mussapa Pequena e alega que a sua linha é superior à de Gutsa; Metova na margem leste do Mussapa Pequena, Chefe Sawana a leste da Tula? A Faixa de Harare, que é o extremo norte das Montanhas de Chimanimani, e o Chefe Gotokoto do Extremo Oriente, nem todos, longe do Portão. Um Comité de Gestão? Foi formada e tem uma conta bancária. Elias Matova é o presidente. Estão muito preocupados com incêndios florestais, especialmente porque existem muitas pastagens no Vale do Mussapa. No ano passado, três aldeias foram queimadas e o gado perdido. Felizmente ninguém ficou ferido. Em coordenação com o IFLOMA, os comités estão a organizar as comunidades de maneira a tomar medidas contra os incêndios.

Existe também uma associação que vinha trabalhando com Magariro de Chimoio. Um moinho foi construído, não muito longe da Herdade de Lorena, na principal via de Sussundenga, bem como uma escola em Peza (acho que na topo da Vale do Mussapa.) Infelizmente, eles não tinham visto muito Magariro recentemente. Realizou-se uma cerimónia para iniciar algum trabalho com os Magariro, mas desde então não tinham retornado.

A percepção dos limites da ChNR e os relacionamentos. O régulo queixou-se amargamente pelo facto de as pessoas não poderem caçar na ChNR e aliado ao facto de muitos Fiscais não serem oriundos das populações locais. O régulo dizia que a carne de palapala era necessária para certas cerimónias tradicionais e para a celebração da independência. As pessoas pareciam saber onde os limites estavam traçados, mas não a diferença entre a área central e a zona-tampão.

A relação entre a comunidade e IFLOMA é boa, mas a comunidade gostaria de ter as suas próprias serrações, e parece que IFLOMA está contra esse desejo da comunidade.

A hiena constitui o principal problema considerado grave.

Há um grande número de parcelas de irrigação ao longo das margens do Rio Mussapa Pequena e seus afluentes, principalmente o trigo do inverno é cultivado, assim como a

cevada para Cervejas de Moçambique, mas também outras culturas e vegetais para o consumo doméstico. As Baixas (áreas Dimba) são solos de aluvião bastante férteis, mas grande parte de solos das encostas é de baixa fertilidade. A estrada a partir da estrada principal que atravessa Rotanda através de Gutsa ao vale superior do Mussapa Pequena está a ser reabilitada. Em algumas secções parece os empreiteiros estarem a causar mais problema, do que resolvê-lo, uma vez que estrada está coberta de pedregulhos levados pela água, o que torna muito difícil conduzir, mesmo de veículos de tracção a quatro rodas.

Oficialmente Gutsa só é reconhecido como Chefe de Grupo inferior a Mussimua, mas o comunidade reconhecê-lo como um mambo respeitável.

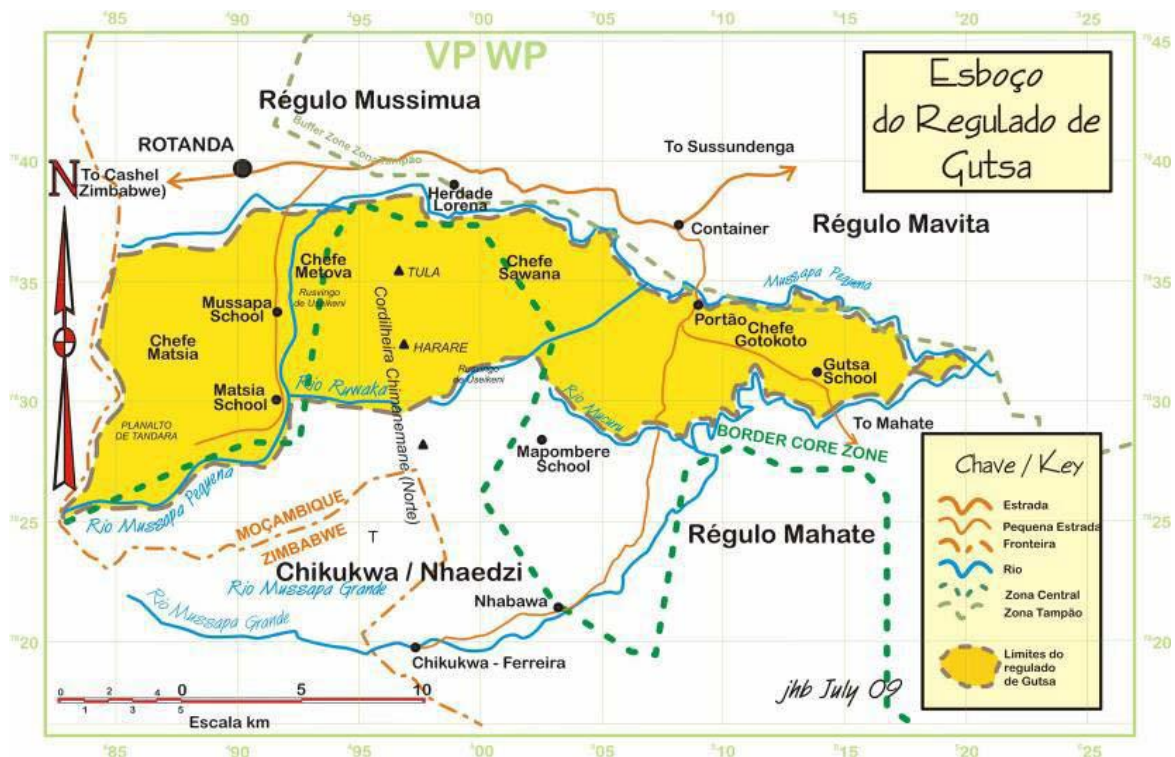
Os antepassados do régulo Gutsa vieram da área de Harare, através de Bocha (o área de Marange do Zimbabwe). Segundo a versão Matsia, Matsia e Gutsa eram irmãos, Matsia era o irmão mais velho, e veio para a área primeiro, e Gutsa seguiu-o logo depois. O povo de Matsia, dessa forma, sente que deve assumir o regulado. Gutsa nega isso e afirma que ele era o mais velho e chegou primeiro e, portanto, foi justamente o chefe! Curiosamente, Gotokoto no Extremo Oriente, perto do Portão também acha que a sua linhagem deve chefiar.

Curiosamente, Gutsa é mencionado no relatório de delimitação colonial para o Chipindirewe saguta para a zona de Marange no Distrito de Mutare, que afirma que dois irmãos Chikumba e Gutsa viajaram para a área de Marange há muitos anos e se estabeleceram no Chefe de Marange. Mais tarde os dois irmãos lutaram, provavelmente mais de uma disputa sobre a chefia. Como resultado Gutsa, atravessou a fronteira de Moçambique. Todas as partes pertenciam ao clã nzou/Maringa (elefante).

Quando eles chegaram, encontraram pessoas que viviam na área chamada Masoto. (Matsoto parecem ter sido um povo Shona, que governou grande parte de Dombe, e as áreas de Chimanimani, antes do estabelecimento das actuais dinastias reinantes. Estas pessoas não foram mortas, mas desapareceu! Os seus espíritos pfukwa ainda existem e cerimónias tem sido feitas para apaziguá-las. (Um espírito pfukwa é normalmente o espírito de uma pessoa morta, que foi morta ou injustiçada e volta para assombrar as pessoas.)

Há espíritos njuzu em todos os rios e as suas leis devem ser respeitadas. O Chefe Matsia informou que havia no rusvingo/Zimbabwe, uma pequena colina, logo ao leste da Escola Mussapa e Pequena Mussapa. O actual chefe Gutsa realmente vive na área e Matsia na estrada de volta para Rotanda entre Mussapa Escola e o desvio da estrada principal perto de Rotanda.

Mapa 5. Gutsa



3.4 Nhahedzi (Chikukwa)

O regulado Nhahedzi é o que foi mais severamente afetado pela fronteira colonial. Antes das invasões Nguni em 1830 existia um grande terreno com o nome de Sangueme, que era governado por Chikukwa. Neste momento os seus limites, incluindo os limites do Zimbabwe, todos faziam parte do nordeste dos Planaltos de Chimanimani naquele distrito. Incluía também os limites do actual regulado de Nhahedzi em Moçambique, incluindo o Monte Binga.

Os limites são dados como aproximação (fonte: Delimitação pela ORAM 2003); (Importante notar que precisa de verificação, Nhabawa pensou que sua área incluída mais a área em volta Binga e Muvumodzi superior?):

- No sudoeste da montanha Nhamabombe até ao Monte Binga;
- Em seguida, seguindo a fronteira do Zimbabwe através de Mussapa Gap e ao redor da fronteira na parte norte do Zimbabwe National Park (The Corner);

- Em seguida, para oeste ao longo da fronteira internacional para a fonte do Mussapa Pequena;
- Então, em um sentido leste a nordeste até o Mussapa Pequena para a junção do Mussapa Pequena e o Rio Ruwaka;
- Para cima do rio Ruwaka à sua fonte (no Monte Chinnhamweya?);
- Daí a partir da fonte do Rio Nhahomba (?) [Parece que a Torrente de Mucuru está envolvida aqui e] outra "linha imaginária" até o Mussapa Pequena;
- Em seguida, ao longo do Mussapa Pequena a sua junção com o Messangadzi;
- Daí até Messangadzi ao ponto de partida.

A Comunidade sabe que está situada na ChNR, mas não sabe realmente a diferença entre o núcleo e zona-tampão. (Principalmente a comunidade se encontra dentro da zona central). A população geralmente tem boas relações com a ChNR com exceção dos Fiscais de Mahate que têm se comportado mal, sobretudo porque, segundo o Régulo Nhabawa, os fiscais prostituem com meninas locais.

De acordo com o régulo, na área Nhabawa vivem 26 famílias com mais outras acima na Chikukwa. (Isso foi mais ou menos confirmado através da contagem de agregados familiares no Google Earth que veio com 28 na Nhabawa, com outras 30, 20 em Chikukwa, e 26 em Mapombere na margem direita da parte superior de Mussapa Pequena acima de Gutsa (Chirau?).

Isto daria um total de cerca de 104 famílias e trabalhando com a média de cinco pessoas em cada família, seria uma população de cerca de 520 pessoas.

Há quatro grupos da população:

- O primeiro, em Ferreira, que se situa num Chefe chamado Nyahuni, o próprio chefe mudou-se para o Zimbabwe há vários anos a partir da margem direita do Mussapa Grande e do Vale do Nyamazi abaixo do Monte Binga. As únicas pessoas que permanecem sob controlo estão no Ferreira, cerca de 30 famílias;
- O segundo é encontra-se no Nhabawa mais abaixo do vale do Mussapa Grande e é onde vive o régulo. Aqui há cerca de 28 famílias. É a partir desta área em caminho passa para os Planaltos do Monte Chimanimani e Monte Binga. MICAIA estão em processo de estabelecer um acampamento turístico no rio Mussapa;
- O terceiro centro está em Mapombere que fica ainda mais para o nordeste e para o leste da parte norte das montanhas de Chimanimani. Estranhamente, grande parte desta área foi posta na zona de conservação, mas a proposta a ser feita juntamente com o plano de manejo irá ajustar isso para que a população esteja fora e na zona-tampão. Existem 20 famílias nesta área, o que equivale a 500 pessoas;

- O quarto centro está na parte superior do vale do Mussapa Pequena ao sul do rio Ruwaka e ao leste e ao sul do Mussapa Pequena. Há cerca de 26 famílias na sua área.

Esta é uma importante área já que a principal rota de acesso para as Montanhas de Chimanimani passa por lá e da estrada do Portão para Nhabawa. O limite desta estrada entre Nhahedzi e Gutsa é o rio Mucura.

O régulo queixa-se do comportamento de alguns Fiscais (Guardas-florestais), particularmente os de algumas comunidades vizinhas (como Mahate), que têm tendência de se prostiruir com senhoras de Nhabawa. Dá-se mais preferência aos guardas florestais locais, pertencentes à comunidade. As mesmas queixas foram ouvidas em Gutsa.

Em relação ao garimpo ilegal, o Régulo Nhabawa foi de opinião de que não era possível livrar-se dos garimpeiros ilegais. A melhor estratégia seria trabalhar com eles; por exemplo dando-lhes licenças, a tarefa dos guardas, então, seria de controlar aqueles que estivessem a trabalhar na reserva e de verificar se têm licença. A reserva ganharia com esta abordagem, pois seria uma fonte extra de receita.

Alguns garimpeiros que trabalhavam na cordilheira de Macohe e no “corner” no Chimanimani National Park do Zimbabwe foram expulsos pelos guardas do National Park.

Nem todos os garimpeiros eram Moçambicanos, muitos vinham do Zimbabwe, tanto de campos de Botsuana e Malawi, embora a maioria provavelmente tivesse vindo do Zimbabwe.

Minas Terrestres (antigas minas ante-tanque) foram encontradas na área de Ferreira, na estrada que vai ao Zimbabwe, todos os caminhos devem ser verificados.

Com a ajuda do pessoal da Reserva comunidade construiu uma pequena barragem para viveiro de peixes; isso parou por falta de ferramentas disponíveis. Existem mais alguns viveiros de peixes e muitas pessoas gostariam de ter mais, se existisse recursos para ferramentas. Algum tempo atrás (primeira fase do projecto), houve um projecto de apicultura, usavam para vender o mel para Dona Tecla em Sussundenga, mas algumas pessoas locais ainda têm colméias de mel e muitas, mas ninguém tem vindo agora para comprá-lo.

Esta comunidade tem um comité, Comite de Gestão - Comité de Desenvolvimento, que foi recentemente revitalizado pela administração da ChNR, e foram eleitos novos membros, e possui um presidente. Contudo, o comitê não está registado e não possui conta bancária. A comissão organizou uma estratégia para o controlo dos incêndios florestais.

Culturas cultivadas normalmente são por exemplo, sorgo, milho, feijão etc. Um dos principais problemas enfrentados pelos agricultores na área é a falta de insumos.

A área é muito isolada principalmente por causa do estado das estradas. Leva pelo menos três horas e meia para chegar à estrada principal, onde se pode apanhar Chappa "minibus", para além de que as pessoas têm que ir para Sussundenga, ao invés de Rotanda, uma vez que

essas pessoas afirmam que o influxo de zimbabwianos em Rotanda trouxe um grande aumento de preços dos alimentos. As pessoas sentem que a reserva deve organizar o transporte de Sussundenga.

Não existem facilidades de saúde, e não há escolas adequadas- o que serve de escola em Nhabawa é apenas um telhado de palha, não há nenhuma moageira, embora houvesse uma em Mapombere, mas que presentemente não funciona devido a uma avaria.

As tradições da área mandam dizer que não havia pessoas a viver na área, quando esta população chegou aqui há vários séculos, no entanto e devido a uma tradição recolhida por um dos primeiros administradores Melsetter indica em contrário no Primeiro “Comissário Nativo” em Melsetter recordou a história da Chikukwa em 1906:

“ [O] SOBERANO Chikukwa [da] TRIBO Wangwemi. Sangwemi foi o primeiro chefe da tribo, e entrou com Shiryedenga. Quando chegou pela primeira vez no seu distrito encontrou ocupado por pessoas estranhas ao abrigo de um chefe chamado "Makuwa". Ele fez guerra contra Makuwa, que é derrotado juntamente com o seu povo; grande parte deste povo foi morta, e a restante parte morreu.

Sangwemi recebeu o título de "Bzombzi" por ter dizimado o povo de Makuwa. Os sucessores da chefia de Sangwemi foram os seguintes: - Murungirwa; Muwani; Ndima; Kuruwoni; Tengaml; Tsakura; Mufuwa; Tawanacho, e o actual chefe Chikukwa. A Shangaan [ou seja, a invasão de Gaza Nguni] começou no tempo de Mufuwa que foi morto por eles. O seu sucessor Tawanacho ficou algum tempo no País até que o exército de Umzila iniciasse a sua segunda incursão, e ele e sua tribo, então, fugiram para Tandi no distrito de Makoni [área de Rusape] e depois voltou ao distrito de Mutasa. O chefe camponês foi enviado para fazer tratado com o Shangaans [o Nguni Gaza] e assumiu o distrito. Ele foi bem sucedido nos seus planos com Shangaans e voltou em busca do seu povo. Entretanto, o chefe Tawanacho morreu em Mutasa e Chikukwa tornou-se regente do seu irmão mais velho que permaneceu em Mutasa. O irmão mais velho morreu antes de regressar ao seu distrito e assim Chikukwa tornou-se chefe.”

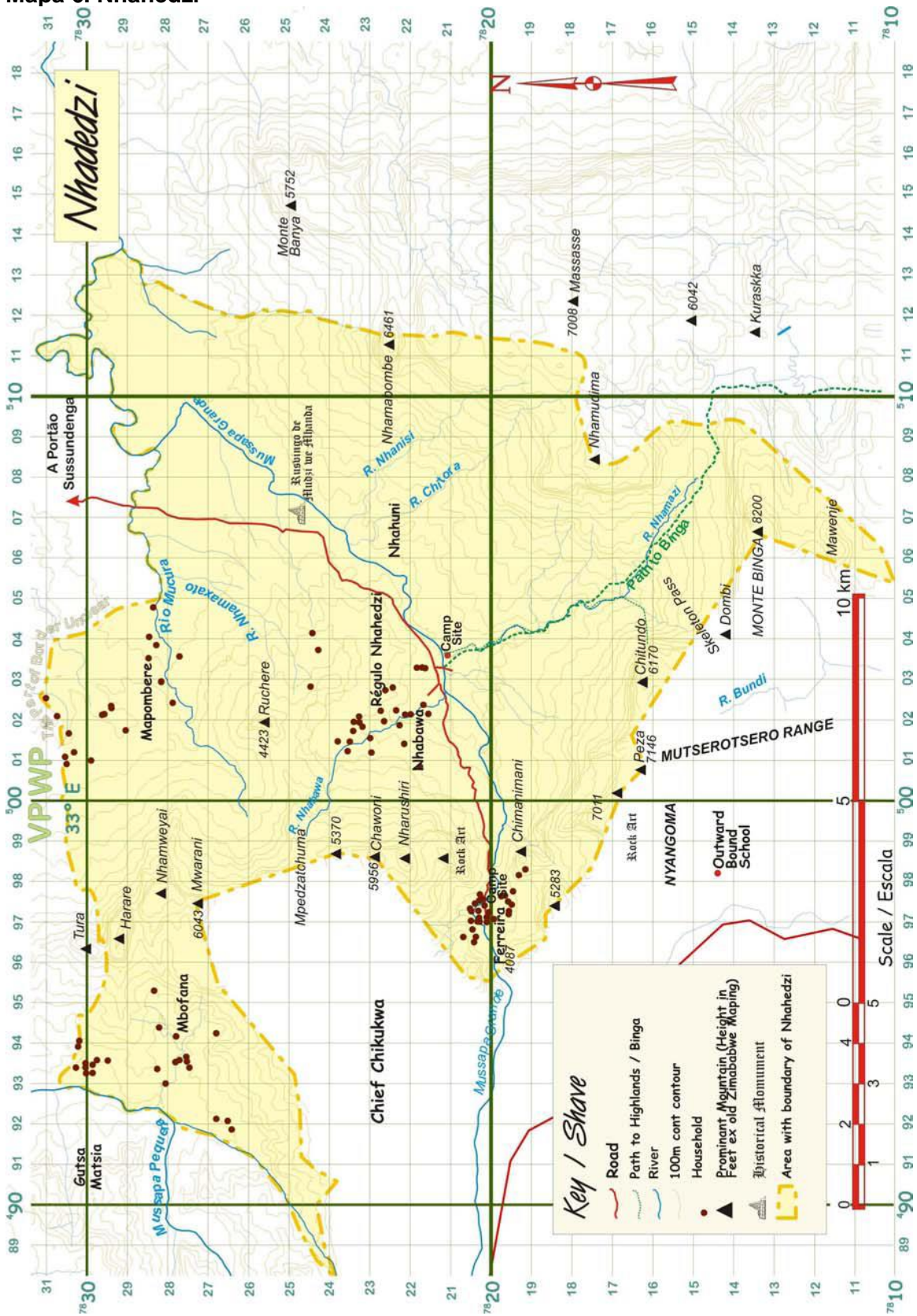
As tradições locais lembram que Sangueme (o Sangwemi de cima) as terras destinou a alguns dos seus filhos, Nhahedzi, Mbofana, Chirau e outros e, destes, surgiram o regulado de Nhahedzi no lado da fronteira do lado de Moçambique. Chikukwa perdeu toda a sua terra no Zimbabwe para africanos ou agricultores bôers, muitos dos que mais tarde venderam as suas terras às empresas florestais, no início de 1970. Chikukwa foi autorizado a se instalar numa pequena parte do que era, então, Martin Forest, onde vive actualmente. A terra do lado Português não foi levada, mas as pessoas eram obrigadas a fazer o trabalho forçado ao invés de impostos.

O primeiro Português que de que se lembra na área foi o Ferreira, e assim se chama a área ao redor do acampamento Chikukwa. Ele foi administrador da Companhia de Moçambique, que abriu um posto em Chikukwa e foi responsável pela construção inicial da estrada de Chikukwa, no início ia até a fronteira do Zimbabwe e ligava com Chimanamani Village no Zimbabwe. Ferreira era transportado por quatro homens, numa machira, no distrito. A arte rupestre, existem locais em que haja, embora possa existir ainda noutros locais:

- Novo Acampamento de Ferreira;
- Ao longo da estrada até Ferreira ao norte do vale profundo e estreito
- Munaiwa (em Mahate)
- Muvumodzi (em Mahate)
- Muowe

Existe uma série de poucas ruínas de pedra na área, que consistem em círculos de pedra, que incluem uma casa circular (Talvez plataforma). De acordo com o Régulo Nhabawa não há terraços (terraços foram encontrados e escavados perto da fronteira do Zimbabwe da fonte de jhb Mussapas).

Mapa 6. Nhahedzi



3.5 Mahate

Os limites da régulado; (Veja também o Mapa compilado por SPGC e ORAM em 2002, em anexo).

- Ao norte com Chikukwa a partir do Monte Binga [também reivindicado por Nahhedzi] ao longo da bacia para Nhamudima e Nhamubombe;
- Daí a Terrente de Messangadzi até a sua junção com o Mussapa Grande;
- Daí, o Mussapa Grande com Gutsa e Mavita no norte;
- Com Chicuiso Mpunga e no leste, até a junção do Mussapa Grande e Terrente de Mussambadaca;
- Daí para oeste, com Zomba, para o Monte Mashonga, daí atravessando montanhas para Sudoeste para a Área de Mzuzuzu, depois para um Ponto/Montanha, no rio Muvumodzi ou perto, chamado Bue Zingo [Ainda não identificada, onde fica, mas as pessoas em Mahate conhecem a sua localização]; daí, em todo país, com Muoco ou Mboco, até um ponto, conhecido pela comunidade, no rio Muerera para outro ponto na fronteira do Zimbabwe;
- Daí o norte ao longo da fronteira com o Zimbabwe e Ngorima Chikukwa [nessas áreas agora em ChNP no Zimbabué] para o ponto inicial do Monte Binga.

Sub-Chiefes Sadunbur (apenas cerca de 190 famílias no total)

- Munhaiwa - No sul, perto do rio Muvumodzi? ele pertence a beta ou clã formiga branca;
- Madzunzu - no sudoeste com Mahate e Muoco, ele pertence ao Sbava ou clã antílope africano;
- Mashonga - No sudeste com Zomba, ele pertence ao clã moio ou coração de boi, o mesmo que o régulo Mahate;
- Chicuee - no leste ao longo do rio Mussapa com Chicuiso e Mpunga, ele também pertence ao clã moio (moyo) ou coração de boi, o mesmo que o régulo Mahate;

As pessoas tinham uma vaga idéia de que estavam na ChNR, mas não conseguiam distinguir a zona central da zona-tampão (zona-tampão). Actualmente não têm grandes problemas com a ChNR, desde que sejam autorizadas a praticar a agricultura “tal como acontece agora”. Uma Comissão de Recursos Naturais foi criada no ano passado, cujo presidente é Daniel Mukunora. A comissão não tem dinheiro no banco. Com a ajuda da ORAM, um rebole de caixa foi construído próximo do acampamento. Posteriormente, avariou e não há fundos para repará-lo.

Os animais que criam problemas em Mahate incluem babuínos, porcos selvagens, leopardos e elefantes (Mas não recentemente). Animais selvagens extemporâneos incluem o porco selvagem, piva, palapala, dongonda (macaco Simango), antílope africano, raramente elefante, (não é um problema!) crocodilos, e talvez alguns búfalos no lado mais distante da área de Munhaiwa.

Um número bastante grande de pessoas de Mahate tem ido para as montanhas para as minas de ouro, sua única fonte de renda em dinheiro, segundo as mesmas pessoas. Eles disseram que talvez se houvesse mais emprego local, haveria menos garimpeiros. A população local rende consideravelmente com a venda de produtos alimentares aos garimpeiros.

Actualmente não existem madeireiros na região, mas a área foi extensivamente explorada pela serração no tempo colonial - Concessão de serralharia - que funcionava próximo de Mavita e foi a mesma que abriu a estrada de Chikukwa que passa do Mussapa para o actual acampamento acima do vale profundo Mudzira. O caminho para o acampamento em geral passa pela floresta de miombo dominada por *Brachystegia boehmii* - mufuti - que não é de grande valor comercial, por isso não ficou claro onde a actividade madeireira teve lugar nesta fase. (Mas veja os comentários de Richard Bell, referenciado no ponto 4 abaixo).

Os ancestrais dos Mahate originalmente migraram para a actual área de Mbire (Zona Central do Zimbabwe), juntamente com Ngorima mais ou menos no mesmo período que a migração Rozvi de Shiridenga no final do Século 17: O regulado tem ligações com a chefatura Ngorima do lado do Zimbabwe como ambos são do mesmo clã e podem ter sido uma única organização política antes da divisão da fronteira criada pelo governo colonial. Isto significaria que Mahate está relacionado com a migração para Mutema Sanga em vez de Muriane e os regulos Tewe, embora todos pertençam ao mesmo clã moio e as migrações tenham tido lugar no mesmo tempo, na virada dos Séculos 17 e 18. No tempo colonial, Mahate disse que administração em que pertencia não estava relacionada com chefes moio e outros de Sussundenga (e por extensão Muriane) como Branquinho observa no seu relatório e os régulos de Mavita e Dombe)².

Um importante culto regional de chamada de chuva baseia-se na chefia, que espalha a sua influência sobre grande parte do centro da província de Manica. Nos tempos, a grande seca e fome aparentemente também tinham ligações com outros importantes cultos de chuva em Gorongosa (Samutenge) e Chipinge no Zimbabwe (Musikavanhu). Este último é, ou era, suposto ser o mais antigo de todos os cultos de chuva no leste do Zimbabwe, e Centro de Moçambique. O Régulo Mahate preside à cerimónia de Makota chuva na chuva, e as pessoas vêm todas de Sussundenga. O régulo e o swikiro do regulado organizam a cerimónia de makota na montanha Sagrada Banya ou perto de lá.

De acordo com o relatório da ORAM/delimitação SPGC, o Régulo Fernando Mahate foi assassinado pela Frelimo [durante a luta armada contra a Renamo?] Ele foi sucedido por Edison, que morreu algum tempo depois e que foi sucedido pelo actual régulo Elias Mahate. Este último foi preso pelas autoridades de Sussundenga durante a guerra da Renamo, por suspeitas de colaboração com a Renamo.

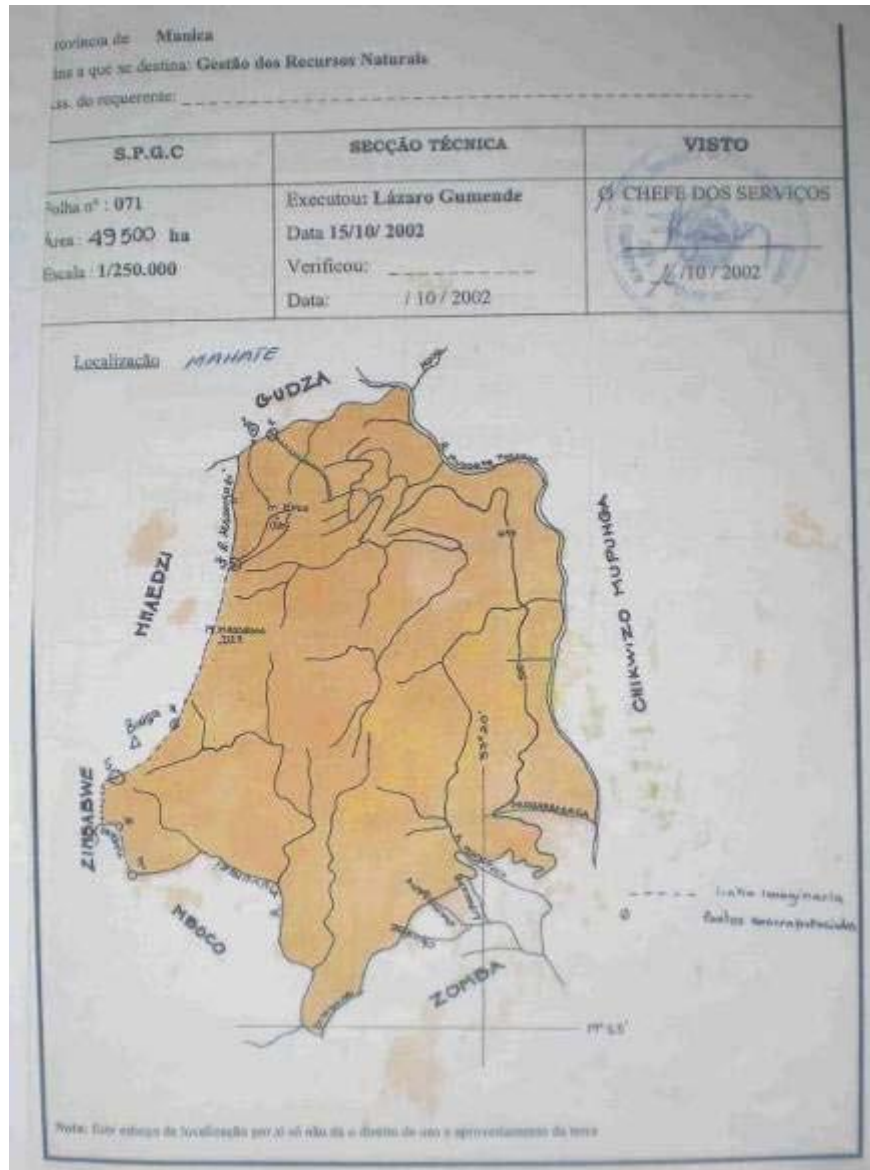
A seguir, se apresentam lugares sagrados e alguns ritos tradicionais que devem ser observados. (1) Montanha Banya como se menciona acima, não se permite subir a montanha ou retirar qualquer madeira nas proximidades. (2) As pessoas não estão autorizadas a lavar com sabão em Musambakombe, um dos rios antes Mahate do acampamento. (3) Floresta

² Branquinho, José Alberto Gomes de Melo (1967), *Prospecção das Forças Tradicionais – Distrito de Manica e Sofala*, Governo-geral de Moçambique, Serviços de Centralização e Coordenação de Informações, “Secreto”, Lourenço Marques, Fev 1967, Copy in AHM, Maputo.

Nhamuringwane no (local exacto incerto) para o sul. (4) Floresta Abvodze e Dowe (5) em Mashonga Alguns pontos de interesse:

- Mahate é uma área muito isolada e até mesmo o acesso ao acampamento é difícil, uma hora e meia, e mais do Portão;
- O vale profundo e estreito do rio Mudzira abaixo do acampamento é impressionante e muito pitoresco, e o local do acampamento tem algumas belas vistas sobre o vale;
- O rio tem, obviamente, um potencial hidro-eléctrico.
- Há uma grande área pantanosa claramente visível no Google Earth no sul do regulado.

Mapa 7 - Extraído da delimitação SPGC da ORAM da Comunidade Mahate em 2002.



3.6 Zomba

Os limites do regulado são (veja também o croqui anexo)

- No leste ao longo do Rio Mussapa com o régulo Dombe até a sua junção com o Muvumodzi;
- No sul, com o régulo Muoco, juntamente com Muvumodzi - leste - a junção deste rio com o Rio Chikambane, depois, ao longo ou próximo das colinas de Magorogolo ao extremo sul da cadeia de Tsinhangani;
- No oeste, ao longo, ou próximo, no cume da Cadeia de Tsinhangani com o régulo Mahate;
- No noroeste, com Mahate, uma fronteira a seguir colinas e recursos, na área de Chisika, Chitakanua, Kwenga e Dzodza na fonte da torrente de Musambanhaka próximo do Chefe do Grupo da aldeia de Mashonga;
- No nordeste, com Mashonga subalterno de Mahate, a partir da fonte de Musambanhaka para baixo até à sua junção com o Rio Mussapa, no ponto de partida. (Veja também Documento da ORAM sobre Zomba); Régulo Zomba pensava que toda a sua área era a Reserva de Chimanimani. Não sabia realmente onde a Reserva e Zona-Tampão se situavam. Embora ele tivesse dito que toda a área das altas montanhas, incluindo a área para oeste ao longo da fronteira do Zimbabwe, estava sob Régulo Mahate.

De acordo com o régulo há oito chefes de Grupos na sua área (Este dado não se consubstancia com a lista que temos de Sussundenga, que no caso da área Administrativa de Dombe é confusa e será reconhecida apenas como vila chefes ou chefes de povoações pela administração). (Veja croqui)

- Zichau - numa área densamente povoada no sudoeste do ângulo entre-os-rios Mussapa e Muvumodzi;
- Nguruve - numa área densamente povoada, na margem oriental do Mutucutu perto de sua confluência com o Muvumodzi. (Veja os comentários sobre o seu Chefe no final da secção);
- Murango - numa área densamente povoada do outro lado do rio Mutucutu para Nguruve;
- Mapira - numa área densamente povoada através da junção dos Rios Chikambane e Muvumodzi;
- Manhandure - numa área geralmente pouco povoada, excepto ao longo da parte central do Mussapa;
- Os régulos própria área ou Zimbabwe - moderadamente povoadas ao longo da rio Mutucutu central;
- Chitio - na área central norte - moderadamente preenchida;
- Guvura - no noroeste - moderadamente preenchida

Não há Comité de Gestão ou comissão de desenvolvimento na área Zomba.

Existem sete escolas primárias na área, embora nenhuma delas tenha uma estrutura de galhardete, sendo construída de estacas e cobertura de colmo. As escolas são: -

- I. Escola Zibuya
- II. Escola Mapira
- III. Escola Muranga
- IV. Escola Muriro
- V. Escola Nguruve
- VI. Escola Murudzvi
- VII. Escola Musambve

Não existem hospitais adequados na área. As pessoas têm que atravessar o rio Mussapa quando necessitam ir a Dombe ou aos postos de saúde ou Missão Dombe.

A necessidade mais importante para a área, tanto em termos da ChNR e, em geral, de desenvolvimento da área é a existência de pontes sobre os rios Mussapa e Mutucutu. O acesso geral à ChNR a partir do sul e do leste é muito difícil no momento e a população que é bastante numerosa tem pouco acesso aos serviços essenciais, como saúde e venda de produtos agrícolas na área. O único acesso ao presente a área está na luz canoas casca. Os rios Mussapa e Mutucutu também possuem crocodilos e as pessoas são mortas ou gravemente feridas por elas. No caso do rio Mutucutu houve dois incidentes em que pessoas foram anexas e feridos no último mês. A reabilitação da estrada, dentro dos limites do regulado de Zomba não deve ser tão difícil como grande parte das áreas é coberta por bastantes planícies.

Existe também uma estrada velha - construída por madeireiros - indo para Mashonga nas montanhas. (Veja também a secção sobre Mahate acima) Há muito pouco gado na área, devido a sua morte ou devido a passada guerra. Há mosca tsé-tsé na área, mas não existem grandes infestações, além disso, as pessoas costumavam ter gado. Neste momento, existem apenas cerca de três ou quatro pessoas que têm gado e que estão na área Zichau. Uma das principais vantagens do gado seria para os projectos tanto de lavoura como de carros de boi. A propriedade média da terra é de cerca de 1 ha.

Quase todos na área têm acesso a zonas baixas ou dimba, que são especialmente úteis durante os anos secos. O sistema de produção é muito diversificado, as culturas de princípio são: milho que pode ser cultivado ao longo de todo ano nas zonas baixas, mapira, milheto, amendoim, feijão jugo, feijão nyemba, batata-doce, inhame, vários tipos de muiro, Tsunga, mutikiti, folhas de abóbora - (verdes), gergelim, um tipo de mandioca - chamado localmente de munyandande cultivado principalmente para as folhas - (não tinha notado isso antes, é muito mais robusta do que a mandioca normal e o palmado é muito mais arredondado do que a mandioca normal, também não é a mandioqueira JHB normal).

As principais culturas de rendimento são o gergelim e milho. Há também uma grande venda de géneros alimentícios aos garimpeiros que trabalham nos depósitos de ouro nas altas montanhas. Vê-se pessoas, principalmente mulheres, carregando grandes sacos de milho e outros produtos na cabeça para a venda aos garimpeiros com lucro considerável.

Vimos também um tipo de cânhamo indiano - Mbanje – a ser cultivado. As suas folhas são consideravelmente mais finas que o cânhamo normal, que normalmente é cultivado como droga. A população local garantiu-nos que era cultivado para a sua fibra e foi introduzido no tempo colonial? A segurança alimentar não parece ser um factor importante, excepto, claro, com grupos de pessoas vulneráveis – nem para as viúvas, nem mesmo para os órfãos e idosos. Nos estados do Régulo Zomba, no ano passado estiveram muito secos e as colheitas não foram tão bem sucedidas como o normal, no entanto, não houve grande fome.

A apicultura é realizada, mas para consumo local. Ninguém mais veio a Zomba para a compra do mel nos últimos anos.

O régulo reclama que muitas pessoas não seguem as práticas tradicionais, tais como as cerimónias de chamada da chuva. Ele culpa a má época das chuvas sobre o assunto.

460 pessoas mudaram-se para a área Zomba saído da área de Maronga. Zomba diz que as pessoas mudaram-se de lá porque não estavam a ser "governados" correctamente pelo Maronga e (Chefes de Grupos) sadunbus. [Embora isso também possa ser devido ao facto de que Maronga seja uma área mais ou menos isolada do Posto Administrativo de Dombe.] A contagem de agregados familiares feito pelo Google Earth deu cerca de 1.156 famílias, o que equivale a uma população de cerca de 5.888 pessoas. Depois de Muoco, esta era a área mais densamente povoada na ChNR.

Uma breve história da linhagem do governante Zomba - O mito da fundação relembra a migração de Mbire que, neste caso, Régulo Zomba identificado com Buhera em Zimbabwe – ele mencionou especificamente, o chefe da área Nyashanu - que como ele, pertence ao mesmo mutupu - totem ou clã - como Nyashanu, que é o clã Shava ou antílope africano. As tradições lembram que eles migraram para a área junto de Mashonga (moyo Sithole), Madzunzu (Shava) e Mahate (moyo Sithole). Se isto for assim, a migração pode ser claramente atribuída à última década do Século 17. (A delimitação da ORAM difere ao dizer que os migrantes entraram em Moçambique depois de terem problemas com os Boers, mas isso é improvável, já que os primeiros registos de Zomba dos Portugueses são da década de 1890 e ele já era régulo na sua actual área. Em qualquer caso, naquela época havia pouco deslocamento de pessoas no (então) distrito de Melsetter, que veio mais tarde. Veja também os comentários sobre Moodie na secção anterior. Talvez isso se refira a algum outro conflito passado que os migrantes tenham todo pelo caminho a sair de Buhera?).

Mashonga é o centro do culto de chuva na área de Mahate. A relação entre este culto de chuva e de Mahate merece uma investigação mais aprofundada. Zomba está também ligado ao culto. Os regulados de Zomba e Mahate continuam separados, mas colaboram em assuntos espirituais. A cerimónia principal é realizada em Outubro ou Novembro, e é chamado doro re maswikiro. Esta cerimónia não é a cerimónia de chuva normal realizada localmente em toda a área de Dombe - que se chama de Makoto - e as cerimónias e os seus oficiais são todos jovens ao culto em Mashonga e Mahate.

Após a delimitação feita pela ORAM, o Chefe de Grupo Nguruwé, que vive no sul, passou a ser responsável pela instalação de um novo régulo Zomba e também pela escolha de todos os novos sabukus e santhundus (sadunhu?). A relação entre ele e Zomba valeria a pena mais

investigação, talvez ele tenha sido o dono original da terra antes de Zomba ter chegado a Buhera?

O Régulo Zomba - excepcionalmente - não sabia muito bem sobre o período dos Gaza Nguni e Ngungunhane, tudo que sabia era que alguns dos seus antepassados, Chimunorwa e Majubu, tinham ido a Bilene na parte baixa do Limpopo com Ngungunhane [em 1889].

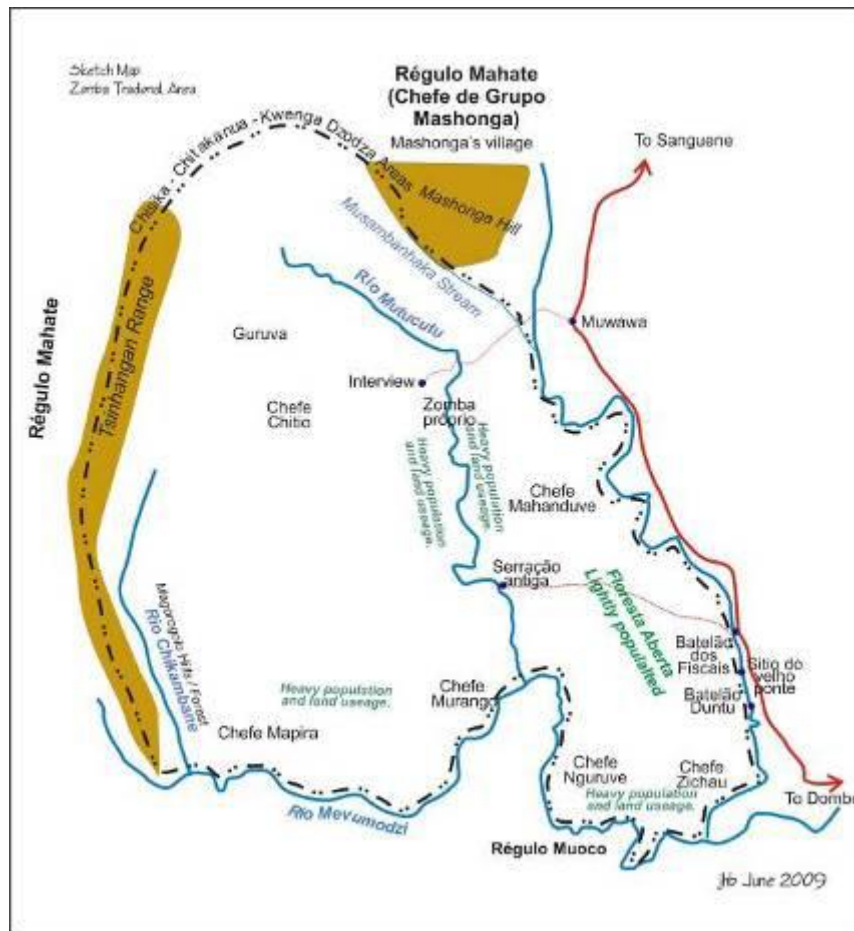
Novamente o régulo disse que realmente não sabia muito sobre os primeiros dias de domínio colonial, ou não queria falar sobre isso, por exemplo, (Companhia de Moribane, que colectava borracha e plantava culturas em Zomba). Ele foi que quando, os Portugueses chegaram, recolheram nomes de todos os chefes, a quem ele diz que, conseguiram identificá-los mais ou menos de forma correcta. Chibaro ou trabalho forçado foi imposto na população ao invés de imposto e as pessoas foram enviadas para trabalhar nas minas de Manica e plantações em Chimoio. Houve também muita emigração (Clandestina) para Rodésia (Zimbabwe) a procura de trabalho e para as Minas da África do Sul.

Mais tarde, durante a era colonial apareceram vários colonos Portugueses na área; régulo lembrava-se especificamente de Adriano e Silva e sua família que eram agricultores nas proximidades e cultivavam algodão e também funcionava uma serração em Mutucutu. Ele lembrava-se que logo após a independência as coisas correram bem, mas depois houve divisões entre os "camaradas" e a Renamo, dando início à guerra. Grande parte das pessoas que permaneceram na área Zomba (incluindo o próprio régulo [isto contradiz a informação anterior]) mudou-se para a Cordilheira de Tsinhangani no oeste perto das terras altas de Chimanimanis. Eram tempos muito difíceis e, quando o período em que as pontes sobre o Mussapa e Mutucutu foram destruídos.

Mapa 8. Mapa Delimitação de Regulado de Zomba 1 feito pela ORAM



Mapa 9. Croqui da entrevista com Régulo Zomba



Mpunga

Os limites do regulado são:

- A partir da estrada principal, na nascente do Rio Maori ou perto dela, em geral na direcção leste até o cruzamento com Furodzi;
- Abaixo de Furodzi em direcção a SSE fica a junção com o Rio Mbunga;
- Daí até o rio Mbunga no sentido WSW geral e ao longo do cume oriental da Cordilheira de Chingangure na direcção SW para a fonte da Corrente de Nhamacaia;
- Daí para baixo do corrente de Nhamacaia numa direcção sul para SSE geral aos cemitérios dos Régulos Mpunga - Floresta de Manuruca;
- Daí WSW ao longo da estrada de Moribane Serração para Chimkono, mas excluindo Chimkono Centro;
- Daí em direcção SSE a SE até abaixo do Rio Rupungu descendo desse rio para o Mussapa;
- Daí em geral para o norte ao longo do rio Mussapa para a sua junção com o Rio Nharonde;
- Daí até o rio Nharonde para a sua confluência com a torrente de Chimo;
- Daí até a torrente de Chimo e vai dar voltas do Norte para Leste do Noroeste para leste e, finalmente, do Norte para o Leste até o ponto de partida na estrada principal que é a bacia hidrográfica entre a corrente de Chimo e a fonte do Rio Maori.

Por outro lado, muitos habitantes locais não estão claros sobre os limites da ChNR e da própria floresta de Moribane. A comunidade de Mpunga tem quatro sagutas, a saber:

- Mpunga (Próprio) - ou seja, a área central do régulo
- Mapinde - Na área Mutowe no norte
- Mucuawaia - no Sudoeste
- Magaraba - no sudeste

A comunidade está no processo de delimitação, ainda deve fazer o zoneamento, tal como manda actual Lei de Terras. As pessoas esperam que parte da sua terra seja designada de reserva florestal comunitário e que também tenham a possibilidade de entrar em discussão sobre obtenção de financiamento através de créditos de carbono. Nesta fase eles estão mais interessados no turismo uma vez que conseguem notar dá uma recompensa financeira rápida. A abertura prevista do Nzou Lodge com Macaia elevou as expectativas de que o turismo, especialmente o ecoturismo, proporcionará novas oportunidades para a população local.

Um comité de gestão dos recursos naturais foi formado durante a primeira fase do projecto ACTF e está a funcionar efectivamente. O comité ainda tem que ser registado e não tem conta bancária. O comité organizou uma estratégia de controlo de incêndios florestais. Elaborou uma estratégia para controlar os incêndios na estação seca, em diversas áreas de sagutas. Algumas pessoas são responsáveis pela prevenção das queimadas

descontroladas. Quando ocorre um incêndio, essas pessoas responsabilizam-se pela mobilização dos membros da comunidade para o combate e extinção do referido incêndio.

A sua relação com a reserva é boa, mas alguns pontos precisam ser esclarecidos. Para as pessoas, não está claro sobre quais recursos estão autorizado o seu uso e onde, daí que o exercício zoneamento em curso é importante, e com a ajuda de MICAIA está concluído e acordado. As pessoas mencionaram que, há muito tempo, quando os animais selvagens estavam em abundância, a técnica comum de caça era a de conduzir o jogo com os cães em direcção aos caçadores, o que já não se faz mais, e a única técnica que prevalece é o uso de armadilhas.

Há conflitos com os elefantes que vêm e atacam os seus campos. A população local, no entanto, reconhece que os elefantes são um grande trunfo para a atracção turística e portanto, também valorizam-los. Eles têm grande expectativa do zoneamento de terreno previsto o que será feito no decurso do processo de delimitação para o controlo dos elefantes. A partir de várias entrevistas, não só em Mpunga, mas também nos regulados de Mahate, Zomba e Chinda, parece que os elefantes não são tão abundantes quanto eram alguns anos atrás.

Actualmente não há exploração madeireira e isso não tem acontecido por muitos anos, mas há evidência que há muito tempo deve ter havido extensas áreas de exploração madeireira sobretudo na Reserva Florestal de Moribane já que grande parte de floresta não é mais floresta primária. O anterior cultivo pode ter sido responsável por grande parte disto, ainda que não se possa dar explicações sobre a ausência, de algumas áreas ou certas espécies.

Em colaboração com MICAIA e a ChNR a comunidade também está a trabalhar na limpeza de vias florestais e caminhos para que os turistas possam visitar a floresta; uma menção especial pode-se fazer sobre o velho caminho que vai para o Mussapa Grande e através de algumas partes de floresta maravilhosas e para o belo Tava Dambo.

MICAIA também planeia trabalhar com a comunidade na criação de um viveiro para o cultivo de plantas florestais e árvores frutíferas. A investigação está em curso para verificar as instalações e árvores na floresta que tenham medicamentos ou outros atributos de ervas com o possível cultivo e colecta sustentável destas plantas na floresta. Os projectos de piscicultura e apicultura foram iniciados na primeira fase do projecto, mas não foram bem sucedidas. Com a ajuda da ChNR, há planos para a sua revitalização.

Há muita produção de banana em Mpunga, grande parte da qual é altamente adequada para a produção deles. No entanto, este esforço tem sido à custa da floresta e muitas vezes a melhor floresta tem sido derrubada, nos vales para plantio das bananeiras. Quase grande variedade de culturas é cultivada, incluindo, mapira, milho/sorgo, milheto, vários tipos de feijão, tomate, mandioca, batata-doce, gergelim e certamente a banana. Um grande número de árvores frutíferas é cultivado e, novamente, a área é apropriada para várias frutas tropicais, entre elas, a laranja, tangerina, toranja. Surpreendentemente, nem todos os que muitas pessoas têm acesso às hortas das zonas baixas ou Dimba (Zonas húmidas) ao

contrário do resto de Dombe. (Apenas cerca de 20 famílias em Mpunga). Esta é a razão pela qual isso deve ser seguido.

Não existem escolas construídas adequadamente em Mpunga num alpendre muito rudimentar que funcione como uma escola. Há uma construção melhorada de escola em Chimokono na área de Sanguene, onde muitas crianças de Mpunga frequentam.

Não existe um centro de saúde em Mpunga, apenas um posto de primeiros socorros em Chimokono (5km), para pessoas com casos mais graves têm de ir para Dombe (33km), ou para o hospital da Missão Católica em Dombe, mas que exige pagamento.

Tradições de Mpunga

Curiosamente, embora talvez não se deva ler muito isto, é interessante; Mpunga faz parte de um grande número de régulos nas áreas de Dombe, Chibabava, Mossurize, Búzi e Sofala que pertencem ao clã Simango ou soko. Entre outros encontram-se, Dombe, Chibabava, Mucuni, Magundi, Garagua e Marombe: A situação geográfica desses régulos é interessante pois vivem ao longo dos vales dos rios Búzi, Lucite e Gorongosa (este último não deve ser confundido com o nome desse distrito), ou seja, as rotas de comércio antiga para a costa. Além disso, entre as várias tradições do povo Ndaú lembra-se que antes da chegada dos clãs Rozvi moio, Simango e dziva/ moiambo governavam grande parte da área.

João Julião da Silva que visitou grande parte das áreas dos Tewe e seus arredores, no final do Século 18 e início do Século 19, pouco antes das invasões Nguni menciona um certo Mucuassano Cumpunga como um dos "Grandes" de Tewe na área de Zamve. Este pode, ou não, referir-se a um dos ex-governantes Mpunga naquele momento. Chimbua um vizinho do outro lado do rio Mpunga Furodzi também é mencionado como Muriane em várias ocasiões, pelo mesmo autor. As pessoas têm uma vaga lembrança de conexões com a área de Mahate, quando chegaram à actual área, havia quatro líderes, Mapinde, Dombe, Mpunga e Mutowe? Mapinde poderia ter sido o mais importante nos estágios iniciais. Mpunga foi originalmente o chefe sénior na área de Dombe; O régulo Dombe só parece ter conquistado ascendência, quando os Portugueses criaram, lá, o posto em 1942, pouco depois de o Governo Português assumir a Companhia de Moçambique.

O primeiro administrador colonial que as pessoas se lembram dele é novamente Ferreira, um homem de se lembram como tendo aberto a via que vai até Dombe e que era transportado pela população local numa machira. As pessoas também se lembraram da abertura da Serração de Moribane. A floresta Mpunga era originalmente parte de sua concessão, (Daí o nome).

Em 1950, os Portugueses estabeleceram uma Reserva Florestal em Mpunga. Os relatos que seguem foram feitos por Richard Bell e Schaffer Jessica, e abrangem o período de independência e a guerra civil no Mpunga.

“... a intervenção dos Portugueses limitavam-se na nomeação de guardas florestais para garantir que as populações locais não fizessem queimadas na floresta ou não reduzissem

certas espécies. Segundo um depoimento oral, a caça não era proibida, e era amplamente praticada pela população local, usando arcos e flechas, cães domésticos, armadilhas, incêndios, e às vezes armas de fogo.

O Governo Português enviou caçadores especiais para abater os elefantes que viviam ou passavam pela região, já que a população local tinha um tabu estrito sobre a caça de elefantes. A população local retratou o abate como tendo sido benéfico, pois evitou que a população de elefantes fosse demasiado grande e, portanto, ameaçando a produção agrícola. Mas sem dúvida, a exportação do marfim de presas de elefante era também a motivação principal dos caçadores Portugueses. Parece que a habitação em si não era proibida nas reservas florestais, como se confirmou através da presença de assentamentos espalhados, visíveis nas fotografias aéreas de 1973. De acordo com um ex-funcionário dos serviços florestais coloniais, o tamanho de libertação de espaço agrícola era limitado dentro da reserva florestal.

A população local contestou esta alegação, insistindo que não deveria haver restrições nos seus campos agrícolas além de disso, deveria ser permitida cortar certas espécies de árvores. Depois de Moçambique conquistou a independência em 1975, a Reserva Florestal já não era patrulhada e nem as regras eram aplicadas.

Quando o novo governo da Frelimo nacionalizou a terra, a maioria dos colonos Portugueses deixaram a área de Dombe. Em 1979, o governo tirou as pessoas da área da reserva e outras partes da chefatura de Mpunga para formar uma aldeia comunal numa área fora dos limites da chefatura. O actual Chefe Mpunga, cujo irmão era líder nessa época, foi feito supervisor do campo comunitário da Frelimo. Isso durou apenas pouco tempo, até que os primeiros ataques da Renamo no Posto Administrativo de Dombe em 1980 fizessem com que a população se dispersasse das aldeias comunais e se reassentasse em habitações dispersas, tal como vivia anteriormente, ou fugisse através da fronteira para o Zimbabwe.

A Frelimo montou uma base militar dentro da reserva florestal no início da guerra, que se localizava no lado do Régulo Mpunga, local considerado sagrado, num cemitério ancestral. Relatos divergem quanto ao que aconteceu exatamente, mas a Frelimo sofreu um desastre militar lá, e abandonou a base por volta de 1983. As pessoas em Mpunga atribuem, à esta derrota, a vingança dos espíritos, indicando a medida em que a Frelimo tinha alienado a população local neste ponto.

Depois do fracasso da Frelimo na tentativa do estabelecimento de uma base segura, a área da reserva florestal e a maioria das áreas circunvizinhas do Posto Administrativo de Dombe tornaram-se baluarte da Renamo. Muitas pessoas fugiram da área para centros seguros sob controlo do governo, embora a preferência dominante fosse refugiar-se ao Zimbabwe.

Muitos dos que foram parar nos centros sob controlo do governo foram levados para lá, contra sua vontade, pelas tropas governamentais, ou foram repatriados à força do Zimbabwe, com a conivência do governo do Zimbabwe. No entanto, um número significativo de pessoas optou por permanecer em Mpunga. Esta escolha foi feita ou porque concordaram com o programa político da Renamo, ou porque sentiam que o local mais seguro de todas as opções era ficar por lá. Outras pessoas não conseguiram deixar a área,

mesmo que tivessem tido a vontade fazê-lo, pois se viram encurraladas nas zonas sob controle da Renamo.

Quando a reserva florestal de Moribane e o resto da chefatura de Mpunga caíram nas mãos da Renamo, uma das primeiras coisas que a Renamo fez foi reintroduzir a regra da hierarquia tradicional, tal como era a sua política em todo o país. No entanto, a reinstalação da liderança 'tradicional' não foi uma tarefa simples, após perturbações da intervenção do governo da Frelimo, e a interferência colonial antes da independência.

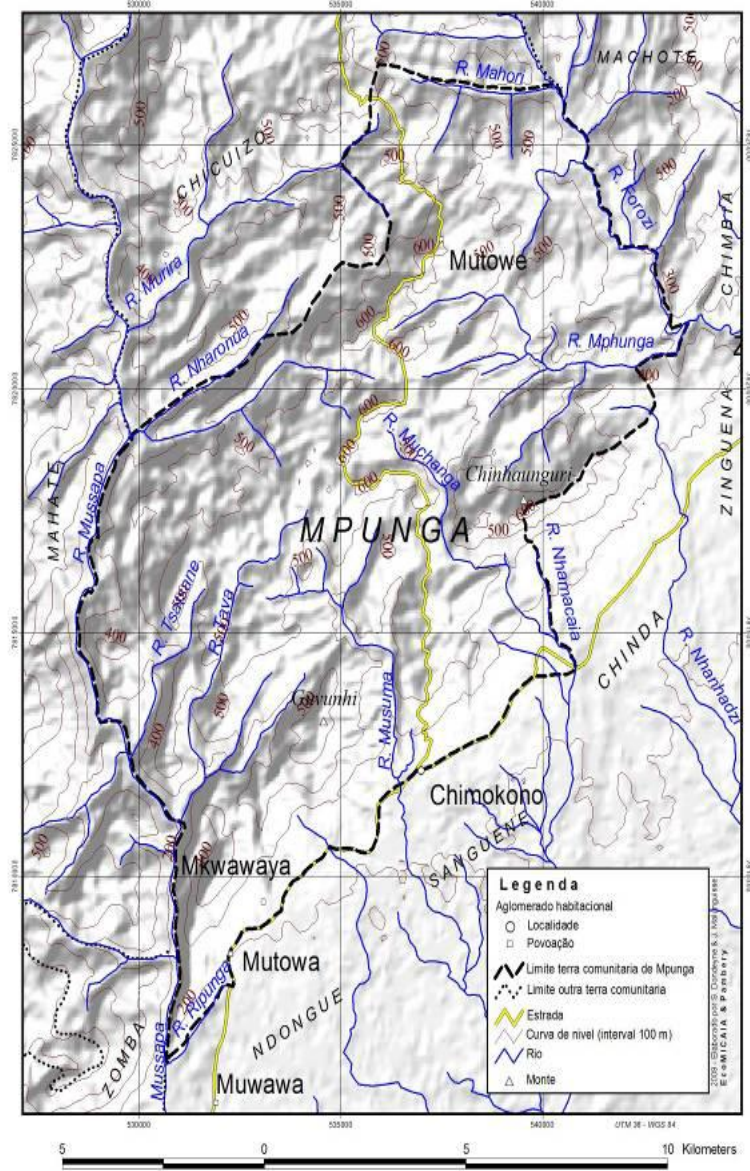
Em Mpunga, como em muitos outros locais, a pessoa geralmente considerada como sendo legítima sucessora da chefia tinha fugido da área no início da guerra para as zonas controladas pelo governo, no corredor da Beira. O mais velho foi convidado para substituto, e avançaram Nyangambire Mpunga, o irmão mais novo, como legítimo sucessor.

Ele, então, nomeou o seu próprio povo para o lugar subordinado do saguta, ao invés de seguir os [usos e costumes Nda] de sucessão de pai-para-filho.”³

Richard Bell e Jessica Schaefer vão além descrevendo os conflitos políticos pós-guerra, institucionais e conflitos na comunidade, ou envolvendo Mpunga.

³ Jessica Schaefer & Richard Bell, 'The State and Community-based Natural Resource Management: the Case of the Moribane Forest Reserve, Mozambique' *Journal of Southern African Studies*, Volume 28, Number 2, June 2002

Terra Comunitaria de Mpunga - Localidade de Darue



Mapa 10. Mpunga

Muoco e Maronga

O régulo Muoco vive a cerca de 4 km ao norte da escola junto a uma via – um dia a via já foi estrada - apenas a sul do Muvumodzi. A ponte entre o antigo local Muvumodzi fica perto desta área. Havia uma estrada do outro lado que levava a Serração Zomba via uma outra ponte sobre o Mutucutu. Veja o Croqui.

Os limites do regulado de Muoco são:

- Com Mahate de um ponto na fronteira com o Zimbabwe a partir da zona sul das montanhas de Chimanimani para o ponto do rio Muvumodzi - conhecido pela população local;
- Com Zomba Muvumodzi ao longo do rio até a sua junção com o Mussapa Grande;
- Com Dombe ao longo do Mussapa Grande até sua confluência com o Lucite;
- Contra a corrente ao longo do Lucite em geral na direcção oeste sul e oeste ao Rio Haroni na fronteira do Zimbabwe;
- Em seguida, para norte ao longo da fronteira internacional até o ponto de partida.

Note-se que estas são os limites do regulado, como um todo, e não limites entre o régulo com Macoca e Maronga, agora chefes de Grupo subordinados e ele, mas que, no passado, foram régulos, por direito próprio.

Os seguintes Chefes de Grupo situam-se nos régulos e cobrem uma grande área. Também tem o maior número da população de todos os regulados da ChNR. Os Chefes de Grupo (Provavelmente nem todos sejam reconhecidos pelo governo distrital):

- Muoco (Próprio) - ao sul da grande curva do Muvumodzi;
- Nhamussissua entre a estrada principal de Espungabera, e o Lucite;
- Javela também perto da rodoviária;
- Mugaru - perto da Ponte de Mussapa;
- Chirucu - Ao longo do sul do baixo Muvumodzi;
- Mangwena - a oeste da estrada principal;
- Machiri - no sul, perto da ponte do Lucite;
- Mcooca - Entre os intervalos Mudewue Sitautonga e no oeste;
- Maronga - Entre o Sitautonga e a fronteira com o Zimbabwe.

A contagem de casas feita no Google Earth dá um total de 1.897 famílias - digamos cerca de 9.500 pessoas. Destas pessoas, 1.403 viviam em Muoco e 494 em Maronga. Existem seis escolas na região, a saber: Muoco, Mkoka, Maronga, Machiri, Nhamussissua e Javela. Apenas Nhamussissua possui uma antiga sala de aula que remonta o período colonial, todas as restantes possuem estruturas de capim ou, na melhor das hipóteses, são feitas de acácia, ou pau apique.

Os detalhes sobre a Escola de Muoco, incluindo três anexos: existem sete professores e 540 alunos - dos quais 275 estão na escola principal. A nossa impressão foi que, apesar da falta de infraestruturas adequadas para escola, a escola estava a ser executada de forma bastante eficiente.

Além das crianças havia um programa de educação de adultos. A reunião marcada para ser realizada na escola, registou a ausência de muitos professores que estavam em Machiri, onde iria ocorrer uma outra reunião com a Primeira-Dama - Maria da Luz Guebuza – que posteriormente não apareceu devido ao mau tempo. Os madodos foram relutantes em dar

qualquer informação sobre a área, uma vez que o régulo também tinha-se ausentado para a reunião de Machiri.

Quando chegámos na escola todas as crianças começaram a cantara e a dançar ao redor do camião. Era a primeira vez que as crianças viam um veículo e um branco! Embora esta escola se situa na verdade, a cerca de 17 km de Dombe, em linha recta, para onde havia uma estrada velha, que ia para a estrada principal ao sul da Ponte de Mussapa para a energia de CB, e em seguida, para a Escola de Muoco. No entanto, é necessária uma passagem na primeira área para ir até um ponto um pouco abaixo de Machiri e então dirigir-se às linhas de energia para um pouco abaixo do Muvumodzi, e em seguida, virar exactamente à direita. Depois, proceder ao longo de uma faixa aproximada de cerca de 10 km até a escola. As pessoas não tinham a noção dos limites da ChNR ou de que se encontravam na zona-tampão.

As pessoas dizem que não há garimpeiros na área, e acham que a maioria da população do Lucite vem do Rio Haroni e Vimba no Zimbabwe. As "máquinas" estão a ser usadas no rio. Pensavam que pudesse haver alguma actividade de mineração na área de Maronga. Mais tarde, numa visita à área de Mutowe Mossurize, foi possível observar a actividade de mineração na margem norte do Lucite, na área de Maronga a oeste da Cordilheira de Sitautonga. Contudo, não era este local, que estava a causar poluição.

Grande parte de acesso à Maronga e uma outra boa parte para Macoca é feita de canoa ou outra parte da margem sul do distrito de Mossurize. Da mesma forma as pessoas de Maronga provavelmente atravessavam o Lucite para as lojas e infraestruturas sociais do distrito de Mossurize, enquanto outras se julgava estarem a ir para o Zimbabwe. As pessoas têm grandes expectativas de que a futura abertura do Lucite e as pontes de alto nível de Mussapa resultem na melhoria das instalações na área. No final do período colonial havia várias estradas na região, a Maronga ao longo do Vale do Lucite, para Muoco através de Muvumodzi para a Área de Zomba.

A maioria das pessoas vive ao longo dos vales do Lucite, Muvumodzi, Muerera, Mussapa (Maronga) e outro rio que sai das montanhas. De longe, a grande concentração de assentamentos ao longo do rio Lucite no sudoeste de Dombe. Mais uma vez, e esperança da comunidade de que com a abertura das duas pontes sobre o Lucite e Mussapa Grande vai abrir a área e havendo desse modo algum desenvolvimento como o resultado disto, especialmente em termos de estradas secundárias, escolas e instalações de saúde.

Relativamente à actividade de exploração da madeira pelo Sr. Oliveira e sobre as simples licenças concedidas, as pessoas em Muoco não sabiam nada disto. Pensavam que talvez houvesse algo que acontecesse na área de Machiri. (A estrada que liga a linha de energia com a área desmatada do outro lado da linha de energia pode ter sido apagada por um explorador de madeira – Veja o mapa)

Mais tarde conhecemos o régulo de Machiri onde todos os régulos e líderes comunitários do sul de Dombe estavam reunidos, nomeadamente:

- António Cherene Bonhangua - Chefe de Localidade

- Robert Daniel Muoco - Régulo Muoco
- Peter Meque Mkoka - Chefe de Grupo Mcooca
- Farai Mugara - Chefe de Povoação Mugara
- Luiz Machiri - Chefe de Grupo Machiri
- Filimone Nhamussissua - Chefe de Grupo Nhamussissua
- Lazaro Maronga - Representing Chefe de Grupo Maronga

O Chefe de Localidade dominava a entrevista e não dava aos outros um espaço para falar. O Régulo Côa também estava lá, mas o mesmo já se encontra fora da ChNR. Ele confirmou que se relaciona com Chikukwa e que originalmente veio da Área de Sangueme.

População e Espaço

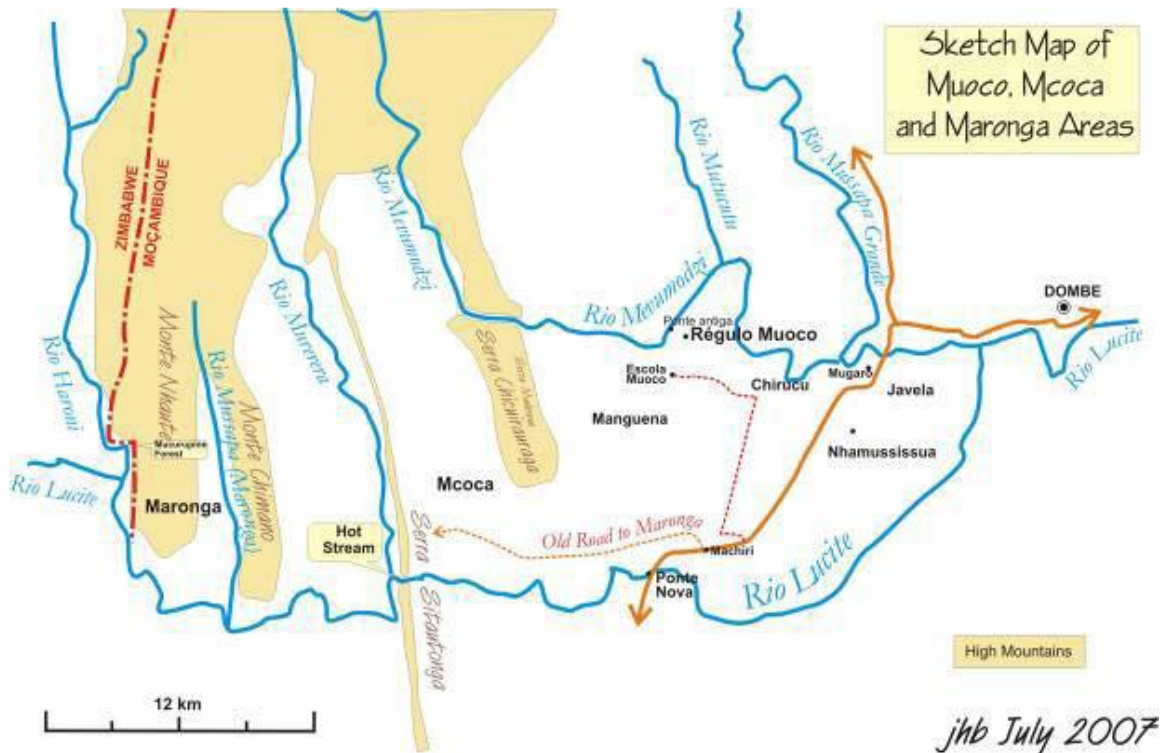
Segundo o Chefe de Localidade, a população da área de Muoco é de cerca de 19.000 habitantes em comparação com a estimativa da contagem de agregados familiares de 1897 famílias – isto é x5 sobre 9500. No entanto, a Localidade inclui todas as áreas de Muoco e Zomba, e os valores relativos à Localidade não devem estar mais ou menos correcto.

A estrada velha de Maronga vai para o oeste de Machiri a Munamasse, em seguida, para o Rio Chidza, depois, prossegue para a Cordilheira de Sitautonga, em seguida, atravessa os rios Muerera Pequena e depois Grande Muerera, e vai para a área de Maronga, depois, atravessa o Rio Mussapa para Murongozdze e à fronteira do Zimbábue na Haroni. Grande parte das pontes nesta estrada foi destruída pela guerra ou cheias ao longo dos últimos 20 anos.

Não se sabe muito sobre a zona, senão de que o regulado de Muoco foi fundado por Muriane que enviou para lá, o primeiro Muoco para governar a área em seu nome. Muoco Macoca são relacionados e ambas pertencem ao clã dominante moio Tewe/ngonhama.

Quanto ao régulo Maronga ele tem relação com os regulados Mafusse, Gogoi e Mutove em Mossurize do totem dziva ou lagoa. Há algumas áreas sagradas das Montanhas Mundende em Magaru, outras áreas e Muoco Maronga, mas ninguém estava muito claro sobre o assunto. Deveria-se fazer mais inquéritos sobre esta matéria. Pesa-se que existam algumas ruínas, perto da Serra Sitautonga em Maronga.

O régulo Côa foi também a reunião (ele vive fora da ChNR), mas interessa que os seus ancestrais tenham migrado para o seu actual espaço, só para o leste da Cordilheira de Sitautonga, sul do Lucite, a partir da área de Chikukwa há muitas gerações atrás. Ele pertence ao mesmo clã, como Chikukwa e Nhahedzi.



Mapa 11. Muoco Maronga

3.9 Régulos de periferia com influência ou pequenas áreas dentro da Zona-tampão

No Sudeste há duas áreas sob controlo de sagutas do régulo vizinho, nomeadamente Chinda e Zinguena.

Embora venha de Sambanhe, Chinda realmente relaciona-se com Zomba e ainda mantém algumas ligações com o régulo, embora não pertilhem a mesma fronteira. A pequena porção de Floresta de Mpunga situa-se entra no seu território, e ainda pequena área da zona-tampão.

Zinguena é Chefe do Grupo sob Sambanhe e vive na Serração de Moribane próxima do Rio Furodzi na estrada para Mavuzi central e Macate para Chimoio.

Do outro lado de Furodzi há outra Saguta de Machote - Chimbia - que tecnicamente está na ChNR, mas a sua inclusão tem mais a ver com as 'linhas imaginárias' raçadas através de mapas como qualquer outro.

No norte de Mpunga situa-se o regulado de Chiquizo pequeno e a área deste régulo também inclui uma pequena parcela da floresta de Mpunga na zona-tampão.

Finalmente deve-se mencionar o régulo Muriane. Ele vive ainda numa longa via a partir da ChNR perto da Barragem de Mavuzi, na estrada velha que dá volta para Chimoio através da Barragem e Macate. Ele continua a ser considerado como o régulo sénior de Sussundenga e dos distritos vizinhos; ele é membro da Família Real Tewe e muitos régulos na ChNR, embora provavelmente nem todos, ainda o reconhecem como fundamental na área. A sua influência é, provavelmente, mais cultural do que política, mas, em certos casos, processos tradicionais e judiciais ainda são transferidos a ele.

3.10 Análise SWOT das Comunidades

Tsetsera — Sembezia

Pontos Fortes:

- acesso relativamente fácil de Manica, barragem de Chicamba e, a um baixo nível de Chimoio;
- Bom potencial Turístico para o Planalto de Tsetsera e Florestas e escarpas;
- Vista magnífica sobre barragem de Chicamba, Sussundenga e além;
- Podocarpus / cinto de florestas de neblina com alta biodiversidade;
- A existência de estradas até ao planalto;
- O acesso do lado do Zimbabwe (actual estado desta estrada?);
- Potencial parceiro corretor Comunidade - Monty Hunter;
- A comunidade tem experiência na produção de culturas comerciais;

Pontos Fracos;

- Falta de inslações turísticas;
- Poucas oportunidades de emprego local;
- Custo de manutenção da estrada de acesso;
- Distante de outras partes da ChNR e sua administração;
- Vegetação original do grande planalto destruída pelas plantações de pinheiro que tem sido abatido, mas a regeneração é um problema;

Oportunidades:

- Old Carvalho Residence poderia ser renovada para fins de turismo;
- Planalto apropriado para a produção da batata-semente com mais de 200m, mais duplicação secundária de batata-semente poderia ser realizada pela comunidade local;
- Comunidade em Sembezia tem experiência na produção de culturas de rendimento;
- Comité de Gestão funciona na área de Mupandeia;
- Potencial hidrelétrico de pequena escala;
- Apicultura.

Ameaças

- Desmatamento causado pelo sector da agricultura familiar ligado à produção do tabaco e ao tratamento;
- A caça furtiva, queimadas;
- Potencial ameaça de mineração.

Muissimua

Pontos Fortes

- Infra-estrutura razoável em Rotanda e Messambudzi;
- Acesso a locais culturais na Chinyadembue e Dombo Marodzi;
- A comunidade tem experiência na produção de culturas comerciais e em irrigação;
- Bom acesso rodoviário.

Deficiências

- Não existe grande potencial turístico, em comparação com as outras partes da ChNR;
- Grande parte da área possui já com plantações de eucalipto e pinho comerciais.

Oportunidades

- Possibilidades de cooperação com IFLOMA com o turismo;
- Alguns locais de emprego no IFLOMA e outras oportunidades de subsistência;
- Turismo Cultural para o Zimbabwe;
- Locais de ruína, mas de pouco interesse para a maioria dos turistas;
- O potencial de irrigação podia ser melhorado;
- Regime hidroelétrica de pequena escala.

Ameaças

- Conflito entre IFLOMA e população local;
- Incêndios florestais;
- Erosão do solo.

Gutsa

Pontos Fortes

- Acessibilidade razoável (depois de Rotanda, a estrada é pobre, mas está a ser trabalhada);
- Bom cenário no Alto Vale do Mussapa Pequena e acesso a Cordilheira de Mucohwe;
- Existe Comité de Gestão Nascente;
- Irrigação e potenciais ainda existentes;

- Trabalhos anteriores na área pela ORAM e Magariro? (Alguns dos quais não acabados);

Pontos fracos

- Além do fundo do vale irrigado, potencial agrícola e os solos pobres;
- A leste da área de floresta estacional de miombo decidual geralmente infértil com precipitações relativamente baixas;
- População concentrada no Alto Vale do Mussapa;
- Poucas oportunidades de emprego local;
- Desenvolvimento também apenas em Alto Vale do Mussapa.

Oportunidades

- Potencial Turístico no Tandara Planalto - (a longo prazo)?
- Potencial hidroeléctrico de pequena escala;
- Caminhos para peões do Alto Mussapa para Ferreira (na Área de Nhahedzi)

Ameaças

- Queimadas de matas (destruíram uma aldeia no ano passado);
- A caça furtiva na área da ChNR;
- Vista magnífica no vale do Mussapa Grande e Vale profundo e estreito na estrada para Ferreira;

Nhahedzi

Pontos Fortes

- Bom acesso das Montanhas de Chimanimani e bem conhecida;
- Principal rota para quem deseja subir ao Monte Binga;
- Pinturas rupestres e locais das ruínas do Zimbabwe;
- MICAIA em processo de criação de um acampamento em Nhabawa na rota do Monte Binga e Terras Altas de Chimanimani.

Pontos fracos

- Em geral toda a área não é fértil;
- Longa história de secas e fome, e migração da área;
- Não há oportunidades de emprego locais (embora algumas pessoas procurem emprego no Zimbabwe nas propriedades florestais);
- A falta total de desenvolvimento e infra-estrutura na forma de escolas, clínicas, etc;
- A dificuldade de acesso, tanto quanto a Nhabawa e muito pobre via de acesso de 4 X 4 a Ferreira;
- A comunidade fica muito longe de lojas e mercados, o acesso a esses locais requer tempo de caminhada à pé, não há transporte público;
- Área de corta mato pelo Mussapa Pequena às vezes durante a estação chuvosa.

Oportunidades

- Turismo após concluídas as instalações no Nhabawa;
- Possível irrigação ao longo de vales de Mussapa Pequena, Macura e Mussapa Grande;
- Potencial hidroeléctrico;
- Ponto de entrada do Zimbabwe para ChNR quando a situação no Zimbabwe melhorar;
- Relações geralmente boas com o pessoal do Ministério do Turismo no Portão;
- Apicultura

Ameaças

- A população se sente inseguro com os seus direitos de ocupação e posse de terra;
- A população teme ser expulsa tal como aconteceu no lado da fronteira com o Zimbabwe no Parque Nacional. Na verdade não há planos de expulsão das pessoas da ChNR, mas o medo continua em certas comunidades que tal irá acontecer;
- Incêndios e degradação da floresta. Os incêndios também danificam as margens de pequenas partes das florestas verdes;
- Caça principalmente de antílopes de grande porte.

Mahate

Pontos Fortes

- A existência de faculdades de turismo em Mahate perto do Vale profundo e estreito de Munzira;
- Paisagem magnífica;
- Pantano - grande parte não visitada no Alto Vale do Mutucutu;
- Fortes tradições culturais e culto de chamada de chuva importantes centradas neste regulado;

Pontos fracos

- Grande parte da região sul do vale do Munzira não é acessível, excepto a pé;
- Os pontos de travessia em Munzira difíceis necessitando de ser investigado;
- Não há meios de comercialização das culturas;
- Não há oportunidades de emprego, portanto, muitos membros da comunidade são garimpeiros;
- Não há infra-estrutura social e há longas distâncias para os mercados e outros centros;
- Travessia de Mussapa Grande só de veículos com tracção a quatro rodas, intransitáveis durante grande parte do período chuvoso, isto é, de Dezembro – Março.

Oportunidades

- Turismo, julga-se que os elefantes de Mpunga atravessam as zonas pantanosas do Vale Médio de Mutucutu, os elefantes costumavam chegar de longe do planalto de Mahate mas, aparentemente, já não aparecem;
- Os trabalhos anteriores realizados pela ORAM e moinho existem, mas não funciona actualmente;
- Instalações turísticas muito bem colocadas;
- Acesso ao planalto através de um caminho no Vale profundo e estreito de Munzira e perto dele, conhecido pela população local;
- Os trabalhos anteriores pela ORAM;
- Floresta de miombo adequada para apicultura e recolha de cogumelos silvestres para secagem;
- Possibilidade, a longo prazo, de criação de estrada norte-sul dentro da ChNR atravessando o Munzira pode ser resolvida;
- Rodovia velha sul, diz-se que ainda existe, mas cheio de mato.

Ameaças

- Extracção de ouro e subsequente poluição dos rios;
- Desmatamento de florestas verdes e zonas húmidas;

Mpunga

Pontos Fortes

- Grandes áreas de várzea húmida e floresta verde de altitude média;
- Bom acesso rodoviário, tanto do norte como para sul, 2 horas tanto de Chimoio como de Goonda na EN 1 (Estrada de Maputo) via Dombe;
- Rebanho de elefantes residentes;
- Biodiversidade floral;
- MICAIA em processo de construção de complexo turístico no Acampamento de Nzou:

Pontos fracos

- Tensões sociais entre as comunidades passadas;
- Comercialização de produtos agrícolas;
- Pouca oportunidade de emprego local;
- Realmente não adequado para presença de gado devido a mosca de tsé-tsé;
- Falta de infra-estruturas sociais.

Oportunidades

- MICAIA está a construir um novo Lodge turístico no Acampamento de Nzou;
- Interesse na recolha de ervas e remédios tradicionais para a venda;
- Apicultura (oportunidades de mercado na África do Sul);
- Produção de frutas tropicais em áreas seleccionadas;

- Início da principal rota no leste das montanhas de Chimanimani na via Zomba e Mashonga;

Ameaças

- Conflitos comunitários tradicionais passados, e muitos elefantes;
- Conflito homem - elefante e destruição de culturas;
- Destruição da floresta verde, principalmente para o cultivo da banana;

Zomba

Pontos Fortes

- Com Mashonga “Portão Leste” para as montanhas de Chimanimani;
- Grande área de solos férteis, muitos com potencial de irrigação existentes;
- Paisagens magníficas e vistas para as montanhas do oeste;

Pontos Fracos

- Não há pontes sobre o Grande Mussapa, Muvumodzi ou sobre os rios Mutucutu;
- Não há oportunidades de emprego local;
- Total falta de infra-estrutura sob a forma de hospitais, escola, lojas etc;
- Não há instalações para a comercialização de produtos, numa área de alto potencial agrícola;
- Grande parte da vegetação original e florestal tem sido modificada há muito tempo por agricultura intensiva, excepto na área central sul, onde um grande bloco de floresta de *miombo ethyrophloelum* permanece.

Oportunidades

- Potencial de Irrigação;
- Culturas de rendimento;
- Apicultura, os cogumelos frutos silvestres;
- Rota turística para as montanhas de Chimanimani;
- Uso sustentável de base comunitária das florestas terras centro-sul;
- Transporte de alimentos etc para os garimpeiros nas Terras Altas de Chimanimani;
- Algumas estradas internas subsistem como caminhos e podem ser ressuscitadas se o problema das pontes for resolvido.

Ameaças

- Inundações;
- Erosão de solos;
- A exploração comercial da madeira;
- Crocodilos;
- A poluição dos rios devido às actividades de mineração.

Muoco

Pontos Fortes

- Grandes áreas de solos férteis, muitas com potencial de irrigação, ao longo de Lucite e Muvumodzi;
- Potencial turístico no norte e no leste;
- O acesso será melhorado com a abertura, em breve, das pontes de alto nível sobre os rios Lucite e Mussapa;
- Assim, melhorado o acesso tanto a Dombe quanto a Espungabera.

Pontos Fracos

- Não há infra-estrutura actual – infraestruturas escolares e hospitalares;
- Acesso ao oeste da área de estradas através da estrada secundária praticamente impossível;
- Não há oportunidades de emprego local;
- Potencial turístico muito limitado.

Oportunidades

- A agricultura em grandes áreas de solos aluviais férteis;
- Apicultura;
- Nova ponte vai trazer novas oportunidades, e espera-se mais desenvolvimento;
- O envolvimento da comunidade na exploração comercial da madeira;
- Algumas estradas internas sobrevivem como caminhos e podem ser ressuscitadas se o problema de pontes for resolvido.

Ameaças

- A exploração comercial da madeira;
- Cheias;
- O garimpo e a poluição dos rios. Lucite já está gravemente poluído por silte vermelho, devido, principalmente às actividades de mineração no lado da fronteira do Zimbabwe.

Maronga

Pontos Fortes

- Florestas verdes das várzeas na área de Mukurupini e nos altos vales do Muerera e Mussapa (Maronga);
- Área de alta biodiversidade, tanto em termos de floresta de miombo como de florestas perenes com várias espécies endémicas;
- Fácil acesso do Zimbabwe, em tempos normais;
- Vale profundo e estreito cénico do rio ao longo dos vales do Makurupini, Maronga Mussapa e Muerera;

Pontos Fracos

- Extremamente isolado do resto da área de Dombe, o acesso da Via Oeste da área de Muoco leva cerca de dois dias a pé. Provavelmente o melhor acesso seja de canoa a partir das áreas de Mutowe e Mafusse no distrito de Mossurize ao sul de Lucite;
- Não há infra-estruturas sociais em termos de instalações escolares e sanitárias;
- Difícil de obter informações precisas sobre a área.

Oportunidades

- A longo prazo, a área tem grande potencial em termos de turismo, se o acesso for melhorado e a situação no Zimbabwe estiver resolvida;
- Não há oportunidades de emprego local, excepto, possivelmente, no Zimbabwe;
- Potencial hidroelétrico

Ameaças

- Exploração aluvial de ouro (e de diamante?) em grande escala, principalmente no lado da fronteira do Zimbabwe, nos rios Lucite e Haroni causando uma gravíssima poluição. Neste momento, o rio Lucite parece sopa vermelha. Todavia, alguns anos atrás era cristalino;
-
- Alguma actividade de mineração também no lado Moçambicano, perto da Serra Sitautonga.

4 Hierarquias de Liderança Tradicional

4.1 Introdução

As estruturas tradicionais não são órgãos sociais estáticos, com o tempo, elas modificaram-se devido às mudanças de relacionamento com os governos, uso da terra e seus vizinhos. Algumas tradições podem até ter sido da província bastante moderna. Os líderes tradicionais pertencem a linhagens ou dinastias e as suas posições são hereditárias. Existem dois sistemas de sucessão para este posto, geralmente na área sul do povo Ndau da ChNR, o filho mais velho da mulher mais velha sucede o seu pai no caso morte deste, enquanto nas áreas do norte segue-se um sistema de sucessão colateral de passagem entre várias “agregados familiares”. Com a morte de um régulo, a sucessão passa inicialmente para o seu irmão mais velho sobrevivente, e, em seguida, para a próximo irmão e até que a geração de todos acabe e, em seguida, o poder passa para um dos filhos dos régulos da geração anterior. O sistema pode ser muito confuso e tem provocado sérios conflitos de liderança em alguns regulados, e

na era pré-colonial, muitas vezes levou a guerras entre as várias facções, tal como acontece em guerras dinásticas noutras partes do mundo.

A estrutura hierárquica da liderança tradicional, usando as palavras Portuguesas - régulo (chefe) - Chefe do Grupo (chefe da aldeia ou sub-chefe de grupo) - Chefe do Povoação (Chefe da aldeia), foi usada pelas autoridades coloniais para designá-los de intermediários na cobrança dos impostos e na organização do trabalho forçado. Alguns registos, mesmo sugerem que esta hierarquia foi mesmo inventada pelas autoridades coloniais, que escolhiam e nomeavam pessoas para os diferentes cargos. No entanto, existiam realmente no tempo pré-colonial, isto é, não é realmente o caso e as estruturas datam da época pré-colonial e sempre foram utilizadas pelos governantes, para recolher os impostos (em seguida, ao longo das antigas rotas comerciais) e para fornecer o trabalho nos campos de régulos (*cultivar nas machambas do régulo zunde*).

4.2 Estrutura de hierarquia da liderança tradicional

Geralmente reconhecem-se vários níveis de hierarquia de liderança tradicional. Além disso, há uma série de lideranças tradicionais "funções" ou papéis especializados para funções específicas que, em certa medida, operam em paralelo com as principais funções de liderança.

Vários dialectos linguísticos estão envolvidos na descrição, ou têm influenciado a descrição das funções e cargos na hierarquia. Estes incluem Shona (Ndau, Manica e Tewe), Português, Inglês (já que a ChNR está na fronteira do Zimbabwe), e Nguni.

O status de posições particulares tem sido objecto de distorção, manipulação e disputa. Tanto a administração colonial Britânica como a Portuguesa moldaram as hierarquias de lideranças tradicionais de forma a acomodar as suas políticas e os objectivos administrativos. O mesmo tipo de distorções foi imposto tanto pela Frelimo como pela Renamo. A situação se complica ainda mais quando a competência de um ex- líder tradicional é cortado pela fronteira internacional, como no caso do Chefe Chikukwa.

Actualmente, alguns líderes tradicionais avaliam o seu status dentro da hierarquia, de forma diferente de outros. Para dar um exemplo dos vários, os Régulos Mahate e Mussimua cada um deles afirma que Gudza é Chefe do Grupo de Mahate e Mussimua respectivamente, enquanto Gudza afirma que é régulo no seu pleno direito e é reconhecido pelo seu povo como tal. Dependendo de como se vê o status de Gudza, o status de mudança de seus chefes subordinados, também altera. Isto mostra claramente que não há concordância na hierarquia tradicional na área de Chimanimani e se já houve parece duvidoso, excepto como construções artificiais dentro dos arquivos dos administradores coloniais.

Esta confusão parece ter iniciado no período colonial. Como vimos anteriormente, inicialmente os Portugueses tinham reconhecido um grande número de régulos, mas o tempo, o número reduziu e 'rebaixaram' muitos deles a partir do nível de régulo a Chefe do Grupo e fizeram-nos subordinados de outros régulos com quem anteriormente não tinham qualquer relação. Isto foi, provavelmente feito, quando os régulos em causa não

contribuintes suficiente para justificar a sua posição. Muito tarde, período colonial, os Portugueses se aperceberam que tinham cometido erro e planearam corrigir o problema, sem todavia, conseguir fazer qualquer coisa, até que independência chegasse.

Os termos de uso comum na área de Chimanimani com as suas correspondências aproximadas são discutidos abaixo. Deve-se notar também que a Administração Portuguesa reconheciam mais de um nível de régulo. O Régulo Muriane (Murivane ou Moribane) foi reconhecido como régulo sénior do distrito. A Tabela Ap 3.2 define a hierarquia liderança tradicional no Distrito de Sussundenga na forma fornecida aos consultores pelo Administrador do Distrito; e este formato parece ter sido derivado de documentos dos Portugueses.

Há uma considerável confusão sobre o “*subukhu*”, termo Shona um chefe de aldeia derivado da palavra Inglesa "livro", usada pela Administração Rodesiana para manter registos dos agregados para efeitos de tributação. O uso deste título propagou-se através da fronteira e o termo é às vezes utilizado por pessoas na ChNR perto da fronteira. Richard Bell julgava que “Subukhu” se referia a um TA’s no Chefe de Grupo já que foi isto que os seus informantes o disseram em Mahate, e talvez o termo se use neste sentido em Mahate e talvez em Zomba, mas noutras áreas, se refere a um chefe de aldeia. Além disso, é apenas, um termo usado perto da fronteira com o Zimbabwe. No futuro, será necessário que as pessoas descubram, em cada comunidade o que os nomes tradicionais das várias funções significam. Por exemplo, o relatório da ORAM para Zomba indica que havia lá, três tipos de autoridades tradicionais, “*sabukus*, *mambos*, e *santhundus*”, mas sem dar a sua hierarquia. Em outras partes da ChNR, o matende? O termo tem sido usado para Chefe de Povoação.

Por isso, não é terminologia universalmente consensual para os diversos níveis e de funções associadas a hierarquia de liderança tradicional, nem existem “Termos de referência” claramente definidos para cada “função”. O que se segue abaixo só deve ser considerado como guia e da nomenclatura ou alguns dos nomes tradicionais para aqueles que estejam sob o nível do régulo / mambo deve ser verificados em cada regulado/comunidade.

4.2.1 Mambo

Este é o termo que mais se aproxima ao termo Inglês "chefe", ou até mesmo "King", Português "Régulo". No passado, o prazo de Nhamassango (mais ou menos Senhor da Floresta) também foi utilizado para os régulos nas áreas dos Ndau e Tewe. O termo mambo implica autoridade secular sobre terras e recursos, bem como quaisquer questões tais como: conjugais, herança, criminalidade e outras disputas. Esses poderes foram mais ou menos modificados segundo a lei formal desde a época colonial e ao longo desse período. Sob o regime dos Portugueses, madzimambo (plural de mambo) também eram responsáveis pela cobrança de impostos e pelo recrutamento da mão-de-obra, e em algumas áreas, alguns dessas poderes foram re-assumido recentemente.

O mambo também exerce, mais ou menos, a autoridade espiritual, agindo como intermediário entre os espíritos e as pessoas, por exemplo, na chamada da chuva, embora o mambo não seja, ele próprio, um meio espiritual. Na área de Chimanimani, as áreas de

controlo de madzimambo são de cerca de 50 e 200 quilómetros quadrados e de algumas centenas a milhares de pessoas. Alguns mambos, como Mahate, exercem a influência espiritual sobre áreas mais amplas.

Em Chimanimani e em volta daqui, os líderes normalmente tratados pelo título de mambo são: Mussimua, Sembezia (às vezes), Gudza (às vezes), Chikwizu, Mahate, Mpunga, Zomba, Muoco, Dombe, Chikukwa (no Zimbabwe), e seu subordinado, em Moçambique Nhabawa ou Nhahedzi e Ngorima (no Zimbabwe).

A posição de mambo é herdada através da ligação patrilinear, mas a selecção é supostamente feita entre os candidatos qualificados pelos anciãos da família. (Mas veja observações acima relativas a primogenitura e sucessão colateral) No entanto, questões de legitimidade frequentemente surgem, através de disputas de sucessão entre candidatos dentro de uma linhagem patrilinear, durante a ausência do mambo "real", quando alguém que não seja mambo "real" é nomeado pelo governo colonial ou por um partido político-militar, ou simplesmente por insatisfação com o governo do mambo.

4.2.2 *Sadunhu (Chefe de Grupo)*

O régulo invariavelmente delega a autoridade, tanto secular como espiritual, sobre grande parte de sua população, seu espaço e seus recursos a régulos subordinados. Os poderes do *sadunhu* parecem ser essencialmente os mesmos do *mambo*, mas exercidos sobre um segmento limitado de área e pessoas do *mambo*. Somente em caso em o *sadunhu* não pode resolver um problema, por exemplo, quando se trata de um litígio relativo ao outro *sabukhu* ou seus súbditos, o caso transfere-se ao mambo.

Talvez o termo *sabukhu* seja usado em Mahate e Zomba, para Chefe de Grupo. Especificamente, a autoridade sobre a terra e os recursos é delegada pelo *mambo* a *sadunhu*. A nomeação de um *sadunhu* originário parece ser uma prerrogativa do mambo. A mesma nem sempre aparece para si com base na ligação familiar. Em situações em que *sadunhu* pertence aos membros de linhagens anteriores que governavam antes da chegada do actual governante. *Sadunhu* muitas vezes desempenha um papel importante na sucessão e nos rituais envolvidos para a instalação de um novo régulo.

Uma vez nomeado, o cargo de *sadunhu* parece ser herdado da mesma forma que a posição do mambo, que é através da selecção de candidatos do sexo masculino a partir da linhagem patrilinear do *sadunhu* anterior, pelos anciãos da família do *sadunhu*. De acordo com a Richard Bell disputas sobre a legitimidade de *sadunhu* (ele escreveu *sabukhu* veja abaixo) sucessões, foram observadas, por exemplo, para o reconhecimento do estatuto de *sadunhu* Changadeya subordinado do mambo Mpunga, (cuja legitimidade em si está em disputa). A muwiya (veja abaixo), afirmou que Changadeya não era *sadunhu* "real", mas que Mapita sim. A base deste conflito não foi esclarecida, talvez isso tenha a ver com a intervenção do mambo Mpunga na sucessão para a chefia subordinada em apoio de sua própria reivindicação de legitimidade.

Em todos os casos, o *mambo*, mantém o controlo directo de um segmento da sua área e as pessoas que nela vivem, e onde vive exerce as funções de um *sadunhu*. Nesta área, actua

paralelamente com os outros *sadunhu* do regulado, para quem, o controlo da restante área / recursos/ pessoas tenha sido delegado.

4.2.4 *Saguta (sabukhu)*.

No anterior relatório de gestão houve alguma confusão acerca do termo *sabukhu* e como já se referiu, o termo é uma importação Shona do Zimbabwe referindo-se a chefes de aldeia. A nomeação de *masabukhu*, (pl.), é feita pelo régulo em consulta com o *sadunhu* e anciãos. A posição não é necessariamente hereditária. Um Novo *Saguta (sabukhu)* pode ser nomeado se o régulo estiver interessado em atrair mais pessoas para a sua *Nyika* (ou terra). Esses termos parecem ser mais ou menos sinónimos, sendo o primeiro mais familiar, pelo menos na parte norte de Chimanimani, (ou seja, Mussimua, Gudza e Mahate).

A impressão que tive foi de que este termo era usado para se referir a um nível de autoridade abaixo da *sabukhu*, (ou do *mambo* quando actuando directamente em paralelo com os *masabukha*). A tradução usual do termo foi que o *saguta* é o “olho do chefe; uma pessoa de confiança do chefe”. Isto implica um papel de monitoria e comunicação ao invés de um controlo sobre a terra, os recursos e/ou pessoas.

4.2.5 *Sadziso*

Richard Bell escreve que *Sadziso* parece ser um termo usado para “o olho do chefe”. (Ou seja, o equivalente ao *saguta*), num nível ainda mais baixo (isto é, ao nível do agregado familiar ou grupo de famílias). É, provavelmente, um outro termo usado para chefe de aldeia. O termo *Matende* também foi usado anteriormente na área da ChNR.

4.2.5 *Muwiya*

Este título refere-se a uma posição de certa importância, um oficial que joga um grande papel espiritual e cerimonial em relação ao chefe, aos níveis de *mambo* ou *sadunhu*. Cada *mambo* e cada *sadunhu* possui um *muwiya*. Richard Bell disse que não teve a oportunidade para a clarificação detalhada do *muwiya*. No entanto, Bell foi informado que era uma posição de grande importância, pelo menos no Mahate e áreas de Mpunga, e escreve:

“O *muwiya* ‘tem enormes responsabilidades’, ele é parente próximo do chefe através das irmãs do chefe, ele tem o dever de controlar tudo e apresentar relatório ao chefe; ele é a primeira pessoa que atende às pessoas que levam questões para o chefe, se as questões não são muito profundas, ele resolve-las ele mesmo; quando há um erro com os espíritos, ele deve organizar as cerimónias para satisfazer o espírito quando um iniciante quer terra para a agricultura, ele se aproxima ao *muwiya* que o leva ao chefe, em seguida, faz uma cerimónia quando o chefe vai para Chimoio para ser dado pano e outras coisas para as cerimónias, o *muwiya* deve acompanhá-lo até que se certifique que tudo está em ordem”

Além disso, o *muwiya* guarda os panos, preto e branco e outras exigências utilizadas nas cerimónias. O *muwiya* não é por si próprio uma pessoa espírita. O termo *muwiya* geralmente é traduzido literalmente como “sobrinho do régulo”, mas esta relação não é clara. Por exemplo, o *muwiya* do *mambo* Mahate é o Sr. Silas Chitiyo que é filho de uma parente do sexo feminino do *mambo* para quem o preço da noiva não foi pago, para que os seus filhos permaneçam na casa de sua família, neste caso, o *mambo*, (veja também Hughes 1999 para a discussão sobre esse procedimento como um meio através do qual os chefes Nda expandem os seus dependentes).

O *muwiya* do régulo Mpunga é Seven Amakunda, que é muito mais velho que o *mambo* e serviu dois *mambos* anterior. O Sr. Amakunda afirmou que a sua irmã era a mãe do actual *mambo*.”

4.2.7 *Swikiro/Cikara*

Este termo é aplicado a pessoas espíritas. O papel que estas pessoas desempenham é provavelmente, muito importante, mas muito difícil de investigar. Este é um tópico importante para ulteriores estudos antropológicos. Não consegui encontrar-me com nenhuma pessoa espírita da área, visto que viviam em locais muito remotos ou estavam ausentes. Uma cerimónia que era necessária para o alinhamento da estrada para Mahate foi adiada várias vezes devido à ausência do *Chikara*.

4.2.8 *Nyadombe: Mambo*

Mahate tem uma contraparte feminina com este título, seu papel parece ser principalmente secular, que é a resolução de litígios. Bell não tinha outras informações sobre o seu papel, nem sobre se uma contrapartida semelhante feminina estava associada aos outros régulos.

4.2.9 *Outras posições:*

Há uma série de outras posições de liderança tradicional. Parece que cada *mambo* e *sabukhu* nomeiam seus próprios oficiais para esses cargos:

- *Musuria* - Esta posição é traduzido como "a polícia do chefe". O seu papel é fiscalizar e fazer cumprir as decisões tomadas pelo chefe. As sanções parecem ser principalmente metafísicas.
- Matondo, Magota - Estes são “os juízes do chefe”, nomeados a partir dos anciãos para assessorar o chefe na audiência de casos e disputas.
- Madzibaba (Ansiãos) - O papel desses funcionários é monitorar e regular o próprio chefe. Eles são nomeados de entre os anciãos. Foi-me dado o seguinte exemplo: “O *madzibaba* são chamados quando o chefe faz uma coisa de facto, quando há questões como... arrancou-me a minha esposa, roubou o meu cabrito... queimaram a minha casa, muitos problemas de agricultores que disputam limites; estas disputas são muito perigosas, alguns podem morrer...”

4.2.10 Resumo

Em anexo, apresenta-se o resumo da lista dos *madzimambo* e seus *sabukhus* directamente relacionados com a proposta da TFCA de Chimanimani com o nome de Tabela Ap 3.3. Deve-se enfatizar que os detalhes da hierarquia não são tão claros quanto a tabela pretende ilustrar.

Por exemplo:

- O estatuto não claro de Gudza já foi mencionado.
- Parece que, antes da instituição da fronteira internacional, o mambo Chikukwa, que agora vive no Zimbabwe a oeste do Acampamento de Chikukwa, em Ferreira, abrangia a área do vale do Mussapa Grande, incluindo a sabukhus Nhahedzi e Mampombere (a montante da travessia da estrada em a Mussapa Pequena), e aldeia de EMUA que se situava abaixo do Monte Binga. De facto, o mambo Chikukwa considera-se o “dono” dos tais locais-chave, como o Monte Binga, o acampamento de Chimanimani, (mencionados pelo chefe como “Ferreira”), e o vale profundo e estreito de Chimanimani).
- Do lado de Moçambique, as áreas acima mencionadas são consideradas como estando abrangidas pelo mambo Mahate, “uma vez que o mambo Chikukwa já não está mais aqui”.
- Não parece haver alguma visão uniforme da hierarquia. A pessoa física ou grupo a ser entrevistados tendem a colocar o seu próprio status mais elevado na hierarquia do que o das outras pessoas que lhe estão associadas. Zichau, por exemplo, pode referir-se a si mesmo como mambo e o seu subordinado régulo como masabukhu. Em Zomba, por outro lado, pode referir-se a si mesmo como *mambo*, a Zichau como sadunhu e régulos subordinado ao Zichau como *masaguta*.

4.3 Posse tradicional da terra e dos recursos

Os limites de todos os régulos entrevistados, com os níveis de mambo e sadunhu, tinham uma imagem clara das fronteiras geográficas de suas áreas.

Foi interessante, porém, que, em várias ocasiões, ao descrever os seus limites, o régulo chamava os seus familiares imediatos para ajudá-lo a dar detalhes tais como, nomes de rios e colinas. Muitas vezes eram as mulheres da família que forneciam esses detalhes. Talvez isso se deveu ao facto de que muitos dos régulos tinham passado períodos significativos de distância, por exemplo, no Zimbabwe, e não manteve a sua memória detalhada da geografia de seus domínios.

No entanto, a clareza com que o grupo como um todo descreveu os limites, e o elevado nível de concordância entre os régulos adjacentes quanto aos limites mútuos, foi impressionante, com a ressalva de que eles tinham problemas, quando descreviam alguns limites, especialmente nas Montanhas de Chimanimani a terceiros, que sejam oficiais e consultores.

Ocasionalmente, no caso de uma fronteira distante, um chefe pode dizer: “O Sr. terá que obter os detalhes do limite do *sabukhu* dessa área, pois eles conhecem os limites”. Um exemplo foi dado pelo chefe Mahate ao descrever a sua distante fronteira sudoeste com Maronga. (Ainda é difícil mapear esta área desocupada que a maioria deve estar abrangida pelo Mahate.) O ponto importante aqui é que, mesmo quando o chefe não tem certeza dos detalhes, ninguém duvida que existe um claro limite e que é conhecido pelas pessoas afectadas por ela.

Onde as disputas sobre os limites existem, eles dizem respeito, não tanto para aos limites em si, mas ao status hierárquico do chefe em questão. Por exemplo, quem "Possui" o Vale do Mussapa Grande e Monte Binga? A questão não é o local dos limites do régulo na área, ou seja Nhahedzi, (que não estão em disputa), mas que mambo não é súbdito do Nhahedzi.

De acordo com essas descrições, não existem áreas de terras que não pertencem ao qualquer chefe. Por exemplo, mesmo quando as altas montanhas desabitadas, caem nos limites de um ou doutro chefe. Da mesma forma, a terra alienada, tais como as plantações de pinheiro de Rotanda e as farmas de Tsetsera e Tandara são descritas como estando na área dos régulos Mussimua e Gudza, embora se reconheça que os direitos à terra sobre estas áreas tenham sido alienados. A maioria do bloco principal da cadeia montanhosa do Monte Binga para sul até a base de Zomba/Maronga, é reconhecida como fazendo parte do chefe Mahate, embora, como já foi referido, haja algumas questões entre Mahate e Chikukwa quanto à propriedade da escarpa na margem sul do Vale Mussapa Grande, incluindo o Monte Binga.

Como se observou anteriormente, cada mambo delegava autoridade sobre parcelas de terras com seus recursos e pessoas, para uma série de subordinados, mantendo o controlo directo sobre parte da sua área. Se se questionar a um régulo, “Quem é o dono dessa terra”, ele normalmente responderá o seguinte: “Eu, mas até lá, dei esta terra a X, (nomeando um subordinada), portanto, embora seja minha terra, agora é sua. Só se houver um caso em que ele não possa resolver traz isso para mim.” O mesmo vale para os rios, montanhas e florestas, e, em geral a vida selvagem, incluindo elefantes. O Professor Murphree indicou ao Richard Bell no anterior plano de manejo que usava o termo “Sou dono”, que ele pensava que provavelmente isso era resultado de um problema de interpretação. Ele discutiu a matéria com o Professor Murphree na Universidade do Zimbabwe, que o avisou, que a resposta de um mambo, provavelmente teria sido: “somos donos,” implicando o mambo com o seu povo. Se prosseguir-se mais profundamente ainda, a resposta provavelmente seria: “os espíritos ancestrais são os donos e permitem-nos usá-la”. Esta interpretação foi sustentada por Jessica Schafer, (comunicação pessoal a Richard Bell), ela disse que, ao ser questionado sobre como as receitas resultantes da venda das árvores de madeira numa terra não alocado na sua área seriam distribuídas, o régulo Sembezia respondeu: “Primeiro eu daria uma parte do dinheiro aos espíritos, e depois daria o suficiente ao meu mambo para

deixá-lo feliz, e o resto ficaria comigo”. O texto: “O suficiente para deixá-los felizes”, é importante aqui. Bell, (1999), argumentou que a forma para escapar dos impasses socialmente construídos (Veja Murphree em ULG 1999), em CBNRM, é de a parte interessada obter benefícios suficientes do sistema para fazer com que cada parte retire o seu veto contra a agenda dos outros partidos. Numa só palavra, cada parte deve ter o suficiente para mantê-la feliz.

O papel dos espíritos e seus intermediários em relação à posse da terra e dos recursos é um assunto importante para ulteriores estudos antropológicos. A "Geografia espiritual" resultante pode ter implicações importantes na negociação das constituições relativas ao uso da terra e dos recursos.

4.4 Posse de Terra Familiar

Quando um recém-chegado quer entrar numa área para viver e cultivar, ele é direcionado para o mambo ou um dos seus subordinados para solicitar a terra. Ele então é convidado a escolher um pedaço de terra, mas é ao mesmo tempo informado das áreas que não pode usar por serem sagradas ou por estarem comprometidas de outro modo.

Os régulos e *mumiyas* afirmaram que estão sempre dispostos a receber qualquer recém-chegado que cumpra as regras tradicionais, uma vez que “as pessoas trazem desenvolvimento”. Entretanto, a maioria afirmou que espera um relatório de boa conduta do chefe da área onde o recém-chegado tenha vivido. Essa disposição de acolhimento de recém-chegados é uma questão de importância no que se refere ao uso sustentável dos recursos e à conservação da biodiversidade e merece uma investigação mais aprofundada. Um exemplo recente foi na área de Zomba onde o régulo informou que estava satisfeito pelo facto da chegada, na sua área, de mais de 500 recém-chegados de Maronga.

O recém-chegado escolhe um pedaço de terra, geralmente tendo em conta, os seguintes critérios:

Potencial agrícola, com base no tipo de rocha, tipo de solo, gramíneas e árvores presentes. As áreas com rochas escuras, (garabue - dolerite ou basalto), são as mais preferidas, (“estas rochas fazem com que o solo seja fresco e húmido”); as áreas com pedras brancas, (msarurara - quartzito), são evitadas, (“Estas rochas fazem com que o solo seja quente e as plantas sequem”). O tipo de solo preferido é argiloso vermelho chamado, Jiho, ou um franco-argilo-arenoso vermelho chamado, jika ou jecha, argila negra e marga argilosa (*Dongo, machakata, madaka*), que se encontra em planícies de inundadas e rios próximos, também favorecem. Os solos arenosos pálidos, (*Jesha*), são evitados. As áreas com capim alto, (matiodio) são preferidas, assim as áreas com árvores que indicam solos férteis e que deitam as suas folhas fortemente e fertilizando, assim o solo, (estas incluem *Piliostigma thonningii - massekessa* e *Bauhinia spp. - Chinganda*).

Disponibilidade de água: a porção deve ser perto da água, de preferência incluindo ou confinando um riacho ou lagoa.

A proximidade de estrada e serviços: este é um critério cada vez mais importante, que suplanta outras considerações. Um actual padrão comum, parece o de uma família ter duas

ou mais machambas, das quais pelo menos uma esteja bem localizada principalmente por causa da proximidade de estradas e serviços. A família é, então, dividida de modo que os membros que estejam a produzir na machamba mais isolada, mas a mais produtiva, possam sustentar com alimentos, os familiares que estejam na machamba mais acessível, e que se concentrem na produção de culturas de rendimento e na obtenção de escolaridade para a geração mais nova.

Localização em relação aos outros assentamentos: o povo de Chimanimani tende a viver em pequenos assentamentos unifamiliares amplamente espaçadas. (Há algumas exceções, por exemplo na área de agricultura de irrigação em torno Rotanda). Em geral, as famílias activamente evitam assentarem-se muito próximas umas das outras: “apenas irmãos podem viver juntos” Várias razões foram apontadas para este tipo de assentamentos: a questão de doenças, as famílias afirmam que cada uma delas sabe se cuidar por si própria. As famílias assentam-se onde os seus antepassados viveram anteriormente antes de as pessoas começarem a viver muito juntas. A impressão geral de que se tem é que as famílias desconfiam-se uma das outras. A feitiçaria tem sido reportada pelas ONG’s e pelo Governo como sendo uma das razões por detrás desse tipo assentamento separado. Richard Bell não foi informado sobre o assunto pela população rural por si. Seja qual for a razão, o referido padrão de assentamentos tem implicações sobre o uso de recursos naturais e a provisão de serviços. Este tipo de assentamento não é muito visto tanto pelas as ONG’s como pelo Governo. Os assentamentos não facilitam a preservação do ecossistema “natural” e para o turismo, e é ineficiente em relação a fornecimento de serviços, (estradas, comunicações, saúde, educação, moageirass, abastecimento da água, lojas etc.).

É necessário um pensamento original para resolver os interesses opostos relativos a este padrão de assentamento, para evitar padrões convencionais de “assentamentos organizados” executados nos termos da Lei de Maneio da Terra na Rodésia, por Ujamaa em Tanzania e pela Frelimo em Moçambique, que viraram desastres em termos de governação, relações públicas, e ecologia e economia da vida rural. Neste contexto, o termo “planeamento de uso e aproveitamento da terra” deve ser usado com precaução uma vez que, juntamente com isto “comités” e “cooperativas” têm conotações fortemente negativas herdadas da era de reassentamentos e reorganizações (consolidadas) planedas.

O recém-chegado escolhe a área onde quer se fixar. Em Chimanimani as áreas escolhidas são surpreendentemente vastas; algumas apontadas por Richard Bell pareciam cobrir até acima de 50 hectares. Os régulos e muwiyas afirmavam que a família não era permitida escolher uma área maior do que a sua família poderia cultivar, mas o consenso general parecia ser o de que a área poderia ser grande o suficiente para acomodar a pelo menos uma geração de filhos quando atingissem a vida adulta.

Depois de escolher um espaço, o novato é levado para *Mumiyá* para fazer uma cerimónia de sua apresentação aos espíritos da área. Na medida em que o novato negocia com o *sabukhu*, nesta fase é levado pelo *Mumiyá* do mambo ao mambo e a oferta da terra é aprovada através de uma outra cerimónia, em cada caso, um pequeno pagamento é feito ao *sabukhu* e o *mambo*, conhecida como “*galinha*”, cujo valor em dinheiro não é tão superior ao de uma galinha real.

O recém-chegado depois limpa a sua machamba. Normalmente, isso envolve a limpeza de uma pequena parte da terra agora reconhecida como sua, sendo o restante reservado para o futuro. O recém-chegado, então planta e colhe a sua primeira colheita. Nesta fase, ele notifica o *muniya*, e uma grande cerimónia é feita envolvendo a *sabukhu* e às vezes o *mambo*, além de muitos anciãos e outras pessoas.

O recém-chegado agora "possui" a terra e os recursos sobre a terra (ou seja, árvores, outras plantas úteis, etc a vida selvagem). Parece que os outros só podem visitar a terra e fazer uso de seus recursos com a sua aprovação, este ponto deverá ser clarificado. A terra pode, agora, ser herdada através da linhagem masculina da família do recém-chegado e outros membros da família ou os seus filhos podem utilizar as terras sem uma outra aprovação do *sabukhu* ou *mambo*.

Se a família que possua a terra, decida desta forma desocupá-la e passar para outro lugar, o chefe da família deverá requerer o novo local da mesma forma como se descreve acima. Assim que a família se mudar, já não mantém nenhum direito residual sobre a terra desocupada, mesmo quando haja árvores plantadas como mangueiras, bananeiras ou papaeiras são deixadas para trás. (Se a família que deixou a área permanece na vizinhança em geral, uma nova família que quer entrar na área desocupada deve perguntar à família que tenha saído para confirmar que renunciou os seus direitos sobre a área e, ao mesmo tempo, a anterior família irá informar a família que esteja pretender das “regras da área”, por exemplo, regras relativas aos locais sagrados e túmulos da família etc.) Em Chimanimani, muitos assentamentos abandonados podem ser vistos com árvores de fruta, e quando alguém pergunta quem é dono dessas árvores, a resposta é geralmente “ninguém, a pessoa que arui vivia, mudou-se, e assim por diante”. Na verdade, o chefe Mahate actualmente vive num local para onde se mudou há cerca de dois anos, e que anteriormente tinha sido ocupado por alguém que tinha plantado árvores de fruta no mesmo local, e que o chefe está a usar neste momento. Em alguns casos, assentamentos abandonados são considerados como sagrados. A título de exemplo, há um local chamado Nyamakaza na floresta de Moribane, (chefe Mpunga), onde há bananeiras a crescer por si: “As bananeiras foram plantadas pelos espíritos. Se você estiver a passar por lá, pode comer qualquer banana que quiser, mas não deve tentar retirar nenhuma delas do local”.

4.4.1 Níveis de “Posse” e de Posse Comum

As questões de hierarquia da liderança tradicional e de posse da terra têm sido descritas com algum pormenor, uma vez que são susceptíveis a um impacto importante sobre qualquer forma de gestão de recursos naturais de base comunitária (CBNRM), em Chimanimani, como acontece em outros lugares. Em Chimanimani, (deixando de lado as plantações de pinheiro e as farmas em volta de Rotanda), parece haver três níveis de uso e usufruto (ou seja, o uso e o direito de uso) das terras e dos recursos, por uma família ou agregado familiar, por *sadunhu* e, finalmente, ao nível do régulo (nota: os detalhes da imagem muito preliminar de posse de terra aqui apresentados devem ser verificados e investigados)

4.4.2 Uso e Usufruto pela Família ou Agregado Familiar.

Trata-se de áreas de até dez hectares), e dá direitos de limpeza e uso de agricultura e os produtos de uso florestal, (árvores, plantas alimentícias e medicinais, e animais incluindo mamíferos, aves, abelhas e outros insectos), sem a aprovação, ou pagamento de “imposto” ou apresentação, a qualquer autoridade superior, que não seja tradicional e dos locais dos espíritos.

Existem, entretanto, muitas regras que limitam o uso dos recursos pelas famílias neste tipo de terra, por exemplo, pode haver prescrições detalhadas relativas às actividades tais como o uso de latrinas, lavar, beber água, etc, em relação à geografia espiritual da região. Além disso, existem regras que proíbem o corte de árvores de frutos silvestres, plantio próximo aos rios, etc, e, em áreas de irrigação, as regras relacionadas com a gestão da água. Algumas dessas regras podem ter sido introduzidas pelo governo, por exemplo, através da lei de terras revista, mas se assim for, algumas dessas regras foram assimiladas pelas comunidades rurais.

Com relação aos impostos, tanto as administrações, britânica e Portuguesa usavam a liderança tradicional como intermediários na colecta de impostos e da mão-de-obra, neste caso, naturalmente, os régulos retiam, no máximo, uma comissão para si próprios. Este sistema está a ser usado novamente.

Igualmente, parece que as pessoas não pertencentes à família não podem usar a terra ou os seus recursos sem a aprovação do dono da terra. Mas alguns recursos ainda são propriedade colectiva, no entanto, há momentos em que a terra e os recursos ainda são “propriedade colectiva” através de saguta e por sua vez do mambo.

A terra não se pode vender; quando um pequeno proprietário a abandona, pois remete às autoridades tradicionais. Em algumas áreas, por exemplo, em volta de Rotanda e Tsetsera, (isto é, áreas com maior pressão populacional sobre a terra agrícola de boa qualidade), uma terra pertencente a família pode ser dada a um recém-chegado para posse permanente ou empréstimo a curto prazo, até que seja exigida pelo proprietário original.

Uso e usufruto envolvendo um sadunhu. Há dois aspectos a esse nível de uso e usufruto: em primeiro lugar, a propriedade residual que retém o sadunhu sobre a terra e os recursos destinados aos agricultores individuais, discutidos acima, e em segundo lugar, é a posse tida pelo *sabukhu* sobre a terra e os recursos dentro de sua zona que não tenham sido atribuídos aos agricultores individuais. Em resposta à pergunta, quem as possui, os líderes tradicionais entrevistados tendem a dizer: “ ‘Eu’. Eu autorizo que o meu povo use essas áreas para a colecta de alimentos, paus, lenha, caça, etc. Eles devem pedir a minha autorização primeiro e seguir determinadas regras, como respeitar lugares sagrados e dando a determinadas partes das coisas recolhidas ou caçadas a mim”. Esta categoria de uso e usufruto claramente se confunde com o conceito de propriedade comum. Nota: O comentário de Murphree sobre o uso do termo “Eu sou o dono” no contexto do *mambo* também se aplica aqui. Uma investigação mais profunda, provavelmente, revelará o conceito que a terra é propriedade dos espíritos e de que a *autoridade tradicional* é confiada a ele em nome do seu povo. Este é um ponto importante a esclarecer em relação a distribuição da tomada de decisão e dos benefícios dos recursos em terras não alocadas sob controlo das autoridades tradicionais.

Sobre o uso de terras para pastagem de gado, o criador de gado procura pela terra com boa pastagem. Se ele estiver na sua própria terra, pode tomar conta do seu rebanho sem precisar de autoridade máxima, mas se for numa terra não alocado, ele deve pedir autorização à *saguta*. Áreas de pastagem acessadas desta forma não são exclusivas; gado pertencente a pessoas diferentes pode ser pastado no mesmo local. Os animais devem ser sempre vigiados para evitar que estraguem culturas de outras pessoas.

Novamente, faz sentido que o *mambo* ainda mantenha algum grau de controlo sobre estas áreas. Os detalhes precisam ser estabelecidos.

Uso pelo *mambo*. Isto inclui as categorias equivalentes aos descritos acima: Em primeiro lugar, os direitos residuais sobre a terra e os recursos alocados por *saguta* a uma família individual, em segundo lugar, os direitos residuais sobre a terra e os recursos alocados pelo *mambo* uma autoridade tradicional tutelada, mas não atribuídos a uma família individual; e em terceiro lugar, os direitos directos sobre a terra e os recursos detidos pelo *mambo* e alocados, nem *sabukbu* nem a cada família.

Richard Bell sugeriu que o termo “posse encaixada” útil ao pensar sobre essas categorias encravadas de uso e usufruto (ele usa palavra posse, provavelmente não muito apropriada), pois cada categoria de uso está encaixada dentro da categoria acima dela. Uma clara compreensão dos detalhes do sistema, (muitos dos quais não esclarecidos ou podem ser incorretamente representados no relato acima), será importante no desenvolvimento de processo formal de CBNRM.

Caça e uso de madeira nobre. As pessoas em Chimanimani classificam a caça de grandes animais e o corte de árvores de madeira grande para a venda como usos semelhantes, em termos da utilização, por uma pessoa ou pessoas, de recursos que sejam economicamente e espiritualmente importantes. Por esta razão, considera-se que todos os benefícios não devam ser acumulados para o indivíduo, mas que uma parte deva ser dada às autoridades tradicionais, e que a autorização de uso seja buscada dele com antecedência. No caso da caça, o pagamento à autoridade tradicional, geralmente o *régulo* ou *sadunbu* deve ser uma perna e parte do tórax. No caso da madeira, o pagamento seria em dinheiro. Os elefantes são um caso especial, esta espécie é considerada tão importante que o *mambo* é a autoridade competente, tanto em termos de procura de permissão e em condições de pagamento, um dente que cai no chão quando o animal é morto, e parte da carne a pagar ao *mambo*.

4.4.3 Definição de Comunidade

A etapa-chave na criação de um sistema formal de CRNRM é desenvolver um sistema eficaz de articulação entre os sistemas de liderança tradicionais e de uso e aproveitamento da terra e de dos recursos, (*Mitemo ya midzimu* as leis dos espíritos), com estruturas legais formais, (*mitemo ya gurumende* - as leis do governo).

Uma das dificuldades é que as estruturas jurídicas formais tendem a operar em termos de indivíduos claramente definidos e discretos ou organismos que têm uma personalidade jurídica, por exemplo, um indivíduo, uma empresa ou algum tipo de grupo organizado, com relação de confiança, sociedade, associação ou ONG. O problema é que essas entidades não

costumam corresponder bem ao tipo de propriedade encaixada ou estruturas de autoridade ou postos acima para os sistemas tradicionais de Chimanimani. A situação é ainda mais complicada quando levamos em conta subdivisões de interesses especiais dentro de cada nível de autoridade e propriedade, por exemplo, o género e divisões de idade, bem como divisões entre os grupos de usuários dos recursos (ou seja, os caçadores, colectores de produtos florestais, de grupos de pescadores etc.)

Outro grupo pode consistir de recentes imigrantes na área, cujos interesses e percepções de posse tradicional e até mesmo dos seus costumes e da moral poderiam ser diferentes daqueles da comunidade. Este facto ocorreu na área de Mpunga no final de 1990.

A questão que frequentemente se coloca é: o que é uma comunidade? Talvez esta questão fosse re-escrita no seguinte: qual das várias subdivisões de pessoas numa área (por exemplo, a proposta de TFCA de Chimanimani), deve convenientemente corresponder a qualquer das estruturas administrativas formais e/ou jurídicas no local através do qual as outras partes interessadas (governo, sector privado e ONG), podem interagir com elas? Esta questão implica que o conceito de comunidade é uma ferramenta usada por intervenientes externos para facilitar a interacção com os grupos-alvo de pessoas com base nas suas próprias agendas.

A terminologia não é importante. Não importa como nós definimos uma comunidade. O importante é que, sejam estabelecidas ligações institucionais entre os sistemas formais de governação e os sistemas tradicionais. Estas ligações deverão ter em conta as hierarquias encaixadas de autoridade e de posse, existentes nos sistemas tradicionais. Este processo exigirá muito tempo e paciência em todos os lados.

Tabela 3 Anexo 1 - Hierarquia de Liderança Tradicional Segundo Compreensão de Richard Bell e alterada pela Equipa de Gestão 2009. (Note termos em Língua Portuguesa usados para evitar confusão.)

Régulo (Mambo)	Chefe do grupo	Chefe da povoação	Área de interesse
Mussimua	Sembezia Mutowa Mussimua Próprio Chechesai Muveo Machakatle Chinyakata Mapulanga/Matswai Muzoti		Tsetsera e arredores de Tsetsera
Gudza	Gudza	Vunga Siapambana	Entre Mussapa Pequena /

		Sawana	Grande
Chikukwa (Nhahedzi)	Various TAs in Zimbabwe Nhahedzi Mapombere	Chirau Machenga Mbofana Masau	
Mahate/Mabata	Mahate Prorio Chikweye Manomo Muzinzu Mashona Munaiwa		
Mpunga	Sucha Mukwaweya Changodeya? Mapiti		
Zomba	Zomba Próprio Muranga Mapira Muriro Zichau Rois Chitakani		
Muoco/Mboko	Muoco Próprio Maronga Mococa Nhamusissua Machiri		

Tabela 3. Lista de Régulos - Richard Bell 1

Tabela 4 Anexo 1 - Liderança Tradicional do Distrito de Sussundenga fornecida pela Administração do Distrito a partir dos Registos dos Portugueses.

Régulo	Chefe do grupo	Chefe?	Localidade
Dombe	Mpunga	Sanguene	Darue (Maquina)
		Mapinde	
		Nharione	
	Ndarue – Maquina	Madgido	Mabaia
	Mabaia		
Muxamba	Chissasee	Mucuruacha	Mutarara
		Njate	
	Mafute	Tussene	
		Madebunhama	

Muoco / Mboko	Maronga	Magoro	Muoco
		Machire	
		Muchaioio	
	Nhamessiswa	Mugaro	
		Chiruca	
Gudza Dombe	Muchambanha	Magueba	Muoco
		Muxai	
		Machacuare	
Côa	Mutanda	Macuia	Javela
		Chitoca	
		Bunga	
Zomba	Murango	Chitachanhe	Darue (Mquina)
		Muxai	
		Machacuare	
	Zichau	Guruve	Mabaia
Chibue Mussimua	Pambanissa	Nhamundeia	Mabaia
	Chinhacata	Zunde	Tsetsera
		Mapsimai	
		Mutowa	
	Gutsa	Mutowa	Mussapa
		Passi	
Mahate /Mabate	Machonga	Madzunzu	Mahate /Mabate
		Chicue	
		Nhahesi [Nhahedzi?]	
		Mapombere	
Muirane / Murivane	Mavita	Manguira	Mavita [apenas]
		Machamba	
Zixixe / Chao	Zixixe	Muguro	
		Macowe	
		Machombe	
	Mabizuene	Tsominha	
		Charara	
		Bupue	

Tabela 4. Régulos Coloniais 1

Tabela 5 - Lista de Régulos na possa da Administração em Sussundenga

(Note que não corresponde com a lista apresentada por Richard Bell ou a informação concedida pelos *régulos* ou com o que foi o resultado da actual pesquisa. Dombe PA não está incluído uma vez que a tabela para a área parecia confusa.)

Posto Administrativo Sede

Nome(1º Escalão)	Designação ou Função	Área de jurisdição	Nome(2º Escalão)	Designação ou Função	Area de jurisdição	Nome (3º Escalão)	Designação ou Função	Grafia do nome actual	Grafia do nome proposto		
Manuel Muribane	Régulo	Muribane	Matsiquite	Chefe de Grupo	Nhabarira	Fernando Dique	Chefe de Povoação	Chimbia	Chimbia		
						António Mário Mabute	Chefe de Povoação	Chassimba	Chassimba		
						Armando Manuel	Chefe de Povoação	Mucuruacha	Mucuruacha		
			Chimoio Alberto Tomoeco	Chefe de Grupo	Machote	Agostinho Toronga	Chefe de Povoação	Marumore	Marumore		
						Almeida João	Chefe de Povoação	Machote 1	Machote 1		
						Mussuawacho E. Fungarai	Chefe de Povoação	Manguira	Manguira		
		Matenda Madsire-russa				Chefe de Povoação	Bangaradze	Bangaradze			
		Jone Zuca	Chefe de Povoação	Chicuizo	Chicuizo						
		Sampson Garafão	Régulo	Chicuzo	Bartorormeu G. Cupenha	Chefe de Grupo	Cupenha	Albino Chimoio Thaunde	Chefe de Povoação	Munhinga	Munhinga
								Viagem Macorocoto	Chefe de Povoação	Cupenha	Cupenha
Filimone Supeia	Chefe de Povoação							Chicuizo	Chicuizo		
Luis Quichini	Chefe de Povoação							Machamba	Machamba		
Florindo Cupenha	Chefe de Povoação							Sede Sussundenga	Sede Sussundenga		
Tafura	Chefe de Povoação							?			
Pedro Farias Zixixi	Régulo	Zixixi	Andre Daimone Tauro	Chefe de Grupo	Buapua	Agostinho Cozinheiro Juga	Chefe de Povoação	Chitsamudzua	Chitsamudzua		
						Chimoio Mussarowana	Chefe de Povoação	Chinaca	Chinaca		
						Tendai Tomás Prego	Chefe de Povoação	Mahomedzi	Mahomedzi		
						Simão Buapua	Chefe de Povoação	Buapua	Buapua		

Posto Administrativo Sede

Nome(1º Escalão)	Designação ou Função	Área de jurisdição	Nome(2º Escalão)	Designação ou Função	Área de jurisdição	Nome (3º Escalão)	Designação ou Função	Grafia do nome actual	Grafia do nome proposto
Pedro Farias Zixixi	Régulo	Zixixe	Eusébio Lucal Ganda	Chefe de Grupo	Ganda	João Tesoura Chimbaca	Chefe da Povoação	Chinhquera	Chinhquera
						Emilia Armando Ganda	Chefe da Povoação	Madare	Madare
						Luis Raposo	Chefe da Povoação	Nhamatiquite	Nhamatiquite

Posto Administrativo de Rotanda

Feniass e Miquicene Mucimua	Régulo	Mucimua	Fernando Simbe Chinhacata	Chefe de Grupo	Chinhacata	Muadene Quenasse Chipaumire	Chefe da Povoação	Chipaumire	Chipaumire
						Jossefa Samuson Chipai	Chefe da Povoação	Guetenbone	Guetenbone
						Jone Dofai Mahunde	Chefe da Povoação	Chitombue	Chitombue
						Jone Dofai	Chefe da Povoação	Chitombue	Chitombue
						Zodayi David	Chefe da Povoação	Nhangadzo	Nhangadzo
			Mafione C. Mutowa	Chefe de Grupo	?	Noa Zacharias	Chefe da Povoação	Uringue	Uringue
			Heroine Matsuai	Chefe de Grupo	Matsuai	Filimone Chidza	Chefe da Povoação	Nhatsanga	Nhatsanga
						Fernando Joaquim Mutombo	Chefe da Povoação	Munhinga 2	Munhinga 2
						Sairosse Thomo	Chefe da Povoação	Munhinha 1	Munhinha 1
						Lazaro Nenguai	Chefe da Povoação	Bue re Marodzi	Bue re Marodzi
			Guedisse Samissone Guerra	Chefe de Grupo	Zuandie	Boniface José	Chefe da Povoação	Manoma	Manoma
						Gero Manditeredza	Chefe da Povoação	Murima	Murima
						Pita Muazuacutinh i	Chefe da Povoação	Chirodzo	Chirodzo
			Robson Chimoio Gudza	Chefe de Grupo	Gudza	Queface T. Sauana	Chefe da Povoação	Phedza	Phedza

						Chingore Matova	Chefe da Povoação	Mussapa	Mussapa
--	--	--	--	--	--	-----------------	-------------------	---------	---------

Posto Administrativo de Rotanda										
Nome(1º Escalão)	Designação ou Função	Área de jurisdição	Nome(2º Escalão)	Designação ou Função	Área de jurisdição	Nome (3º Escalão)	Designação ou Função	Grafia do nome actual	Grafia do nome proposto	
Elias Faife Mahate	Régulo	Mahate	Panguene Eduardo	Chefe de Grupo	Matsiane	Wilson D. Manhama	Chefe da Povoação	Chinhamutandirano	Chinhamutandirano	
						Querebo Dhia	Chefe da Povoação	Nembue	Nembue	
			Mandau Wilson Nhaedzi	Chefe de Grupo	Nhaedzi	Julai Chicussia	Chefe da Povoação	Chicuia	Chicuia	
						Machengue Jone	Chefe da Povoação	Chirauri	Chirauri	
			Robate Mapomber e Mbofana	Chefe de Grupo	Mapomber e	Nelson Nhaune	Chefe da Povoação	Chimanimani	Chimanimani	
						Ndaraunda	Chefe da Povoação	Guta	Guta	
			Fulanze Machonga	Chefe de Grupo	Machonga	Manguene Madzudzu	Chefe da Povoação	Madzudzu	Madzudzu	
						Feniasse Manaiua	Chefe da Povoação	Manaiua	Manaiua	
Posto Administrativo de Muôha										
Feniasse Miquicene Mucimua	Régulo	Mucimua	Alberto Sembezeia	Chefe de Grupo	Sembezeia	Carlos Meque	Chefe da Povoação	Nhamacamba	Nhamacamba	
						Clebo Francisco	Chefe da Povoação	Chitanacue	Chitanacue	
						Filipe A. Machachidze	Chefe da Povoação	Machachire	Machachire	
						Armando Candiado Curima	Chefe da Povoação	Curima	Curima	
						Pita Gimo Muveu	Chefe da Povoação	Muveu	Muveu	
						Paulo Diquissone	Chefe da Povoação	Mucute	P.A. Muôha	

Pedro Farais Zixixe	Régulo	Zixixi	Lova Lazaro Mavita	Chefe de Grupo	Mavita	Noé Z. Mutore	Chefe da Povoação	Mutore	P.A. Muôa
						Nesibet Chechessai	Chefe da Povoação	Rupisse	P.A. Muôa
						Lucas Andre Machacaire	Chefe da Povoação	Machacaire	P.A. Muôa

Tabela 5. Lista de Régulos da Administração 1